

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB ÁREA
DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**GÊNERO E ENVELHECIMENTO ATIVO: A PRODUÇÃO DO SER
MULHER – UM ESTUDO SOBRE O SUPERA – CURSO DE GINÁSTICA
PARA O CÉREBRO UNIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR**

Dóris Helena Voss Jacondino

Francisco Beltrão - PR

2021

DÓRIS HELENA VOSS JACONDINO

**GÊNERO E ENVELHECIMENTO ATIVO: A PRODUÇÃO DO SER
MULHER – UM ESTUDO SOBRE O SUPERA – CURSO DE GINÁSTICA
PARA O CÉREBRO UNIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria dos Santos Marques.

Francisco Beltrão – PR

2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Jacondino, Dóris Helena Voss
Gênero e envelhecimento ativo: a produção do ser mulher -
um estudo sobre o Supera - curso de ginástica para o cérebro
unidade de Francisco Beltrão - PR / Dóris Helena Voss
Jacondino; orientadora Sônia Maria dos Santos Marques. --
Francisco Beltrão, 2021.
99 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Francisco
Beltrão) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro
de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação,
2021.

1. Gênero feminino. 2. Envelhecimento ativo. 3.
Subjetivação. I. Marques, Sônia Maria dos Santos, orient. II.
Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

DORIS HELENA VOSS JACONDINO

TÍTULO DO TRABALHO: GÊNERO E ENVELHECIMENTO ATIVO: A PRODUÇÃO DO SER MULHER – UM ESTUDO SOBRE O SUPERA – CURSO DE GINÁSTICA PARA O CÉREBRO UNIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR

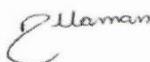
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa 01: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

COMISSÃO EXAMINADORA



Sônia Maria dos Santos Marques (Orientadora)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Francisco Beltrão (UNIOESTE)



Daniela de Maman

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Francisco Beltrão (UNIOESTE)



Teresa Kazuko Teruya

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Francisco Beltrão, 21 de julho de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que assim como eu foram subjetivadas histórica e culturalmente pelos dispositivos amoroso e da maternidade. Mulheres que viveram intensamente o cuidar “dos outros”, ao invés do cuidar “de si”. Mulheres como minha mãe, que amou a mim e aos meus seis irmãos incondicionalmente. Dedicou-se a nos cuidar, alimentar, vestir, ajudar nas tarefas escolares, consolar nos dias difíceis, um colo que esteve sempre presente. Uma vida dedicada a meu pai e a nós filhos. E hoje, no alto de seus oitenta anos, depois que crescemos e fomos viver nossas próprias vidas, e que ficou viúva, encontra-se sozinha, pois, “seus” projetos de vida nunca foram concretizados. Ela que sempre sonhou ser uma professora, que sempre amou tudo o que se refere a escola, deixou seus sonhos de lado para exercer os papéis de esposa e mãe.

Quão grande são os seus méritos minha mãe, minha amada mãe, que bom para nós que pudemos contar com os teus cuidados, no entanto, percebo em ti essa sensação de vazio, de falta de algo realmente teu. Teus sonhos ficaram no passado, quando ainda jovem, casou-se aos 16 anos, e viveu intensamente esta vida. Eu nunca conheci alguém tão guerreira, tão forte, porém, alguém que não cuidou de si, que não buscou seus próprios sonhos enquanto mulher.

Também dedico este trabalho a todas as minhas irmãs que cresceram, assim como eu, atravessadas por estes mesmos dispositivos, mas, que deram um passo a frente em relação ao cuidado de si. Mesmo ancoradas no casamento e na maternidade, deixamos espaço para algo nosso. Estudamos, cuidamos mais de nosso corpo e atuamos profissionalmente. Talvez, quando estivermos com a idade de nossa mãe, não sintamos tanto esta sensação de vazio, pois construímos algo baseado em nossos desejos pessoais.

E por fim dedico este trabalho a minha filha, Eduarda, uma jovem de 22 anos, que acredita em seus sonhos e busca realizá-los. Que ficou um pouco mais livre destes dispositivos, não totalmente, pois acredito que nenhuma mulher está livre das condições histórica e culturais, mas que consegue se colocar além do cuidado dos outros. Consegue praticar muito mais o cuidado de si. Essa jovem que me ensina muito, nesta relação de troca e de amor.

Nesta pesquisa, aprendi a me conhecer, a ouvir, a apreender histórias de vida semelhantes e ao mesmo tempo diferentes da minha, a de minha mãe e a de minhas irmãs. Aprendi a admirar essas mulheres pela sua força, sua coragem e o seu otimismo perante as expectativas de uma vida feliz e plena.

A vida começa todos os dias quando acordamos, independente de nossas idades, ela sempre tem algo a nos oferecer. Sempre é tempo do novo, do diferente, do ser mulher e amar-se intensamente.

AGRADECIMENTOS

À profa. Orientadora Dra. Sônia Maria dos Santos Marques, pelos conselhos sábios e amigos, pela confiança em mim depositada, pelo conhecimento transmitido e pela dedicação a mim dirigida.

A profa. Daniela de Maman, por participar da minha banca e contribuir tão ricamente com seus conhecimentos.

A profa. Teresa Kazuko Teruya, por também compartilhar este momento comigo e me ajudar na realização desta dissertação.

A Deus pela vida e pela força, que por meio da minha fé, me fez acreditar em um propósito maior. Pela proteção e pela paz que sinto em meu coração.

Ao meu esposo Eduardo por me incentivar, apoiar e ajudar sempre em todos os momentos.

A minha irmã Dulce, por ser uma mulher inspiradora para mim, por me servir de exemplo e por sempre me ajudar quando precisei.

Aos meus filhos por me incentivarem e por me amarem.

Aos demais professores do mestrado, por tantos conhecimentos partilhados.

Aos meus colegas, pelos momentos agradáveis e produtivos que compartilhamos.

A todas as mulheres que entrevistei, convivi e que contribuíram para a minha pesquisa e para minha vida, como fonte de inspiração. Sem elas, este trabalho não teria sido realizado.

EPÍGRAFE

O que é, o que é? (Gonzaguinha)

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita
E a vida
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão
Êh! Ôh!
E a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão
Há quem fale
Que a vida da gente

É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo
Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor
Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser
Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte
E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita
Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita.

RESUMO

JACONDINO, Dóris Helena Voss. Gênero e envelhecimento ativo: a produção do ser mulher – estudo sobre SUPERA- curso de Ginástica para o Cérebro – unidade de Francisco Beltrão. Programa de Mestrado em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020

O envelhecimento ativo de mulheres na produção de uma nova identidade cultural é um tema latente na contemporaneidade. O aumento da expectativa de vida e a despadronização de alguns comportamentos femininos levaram as mulheres a assumirem novos papéis na estrutura social, atual. Bem como, a ocuparem espaços públicos, mais especificamente, no ambiente educacional. O estudo ficou centrado no SUPERA (curso de Ginástica para o Cérebro unidade de Francisco Beltrão). O objetivo da pesquisa foi compreender como se processa a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo no SUPERA de Francisco Beltrão. Os objetivos específicos foram: identificar como mulheres com mais de sessenta anos vivem o processo de envelhecimento ativo; descrever memórias que remetam aos processos de subjetivação experimentados por mulheres idosas ao longo de suas histórias de vida; analisar os modos pelos quais acontecem a produção de gênero feminino inter-relacionada ao envelhecimento entre os sujeitos da pesquisa. A questão central da pesquisa foi definida da seguinte forma: como se dá a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo no SUPERA – Curso de Ginástica para o cérebro – unidade de Francisco Beltrão? Os autores que deram sustentação teórico-metodológica ao trabalho foram: Zanello (2018), Foucault (1996, 2006), Balandier (1999), Elias (1998), Izquierdo (1988), Butler (1999) e Silva (2005, 2010). Quanto aos resultados, as análises indicaram a produção de identidades femininas inter-relacionadas ao envelhecimento ativo de duas formas: em práticas de subjetivação marcadas pelo cuidado dos outros, tempos vividos nas infâncias, juventudes e vida adulta nas quais as mulheres dedicaram-se prioritariamente ao trabalho doméstico, cuidado com os filhos e maridos e o lar, evidenciando assumirem uma posição de gênero vigente naquela época pela cultura patriarcal. E, num segundo momento, práticas de subjetivação marcadas pelo cuidado de si, quando uma profunda transformação é perceptível ao priorizarem seus próprios interesses e desejos individuais, possibilidades para um envelhecimento ativo e saudável.

Palavras-chave: gênero feminino; envelhecimento ativo; subjetivação.

ABSTRACT

JACONDINO, Dóris Helena Voss. Gender and active aging: the production of being a woman - study on SUPERA- course of Gymnastics for the Brain - unit of Francisco Beltrão. Master's Program in Education - State University of Western Paraná, Francisco Beltrão, 2020

The active aging of women in the production of a new cultural identity is a latent theme in contemporary times. The increase in life expectancy and the destandardization of some female behaviors led women to assume new roles in the current social structure. As well as occupying public spaces, more specifically in the educational environment. The study will focus on SUPERA (Francisco Beltrão's Brain Gymnastics course). The aim of the research presented is to understand how the subjective production of women living active aging in FRANCISCO Beltrão's SUPERA is processed. The specific objectives are: to identify how women over 60 years of age live the process of active aging; to describe memories that go back to the processes of subjectivation experienced by older women throughout their life histories; to analyze the ways in which the production of female gender interrelated to aging occur among the research subjects. The central question of the research was defined as follows: is the subjective production of women living active aging in SUPERA – Gymnastics Course for the brain – Francisco Beltrão unit? The authors who gave theoretical and methodological support to the work were: Zanello (2018), Foucault (1996, 2006), Balandier (1999), Elias (1998), Izquierdo (1988), Butler (1999) and Silva (2005, 2010). As for the results, the analyses indicated the production of female identities interrelated to active aging in two ways: in subjectivation practices marked by the care of others, times lived in childhood, youth and adult life in which women devoted themselves primarily to domestic work, care for children and husbands and the home, evidencing to assume a gender position prevailing at that time by patriarchal culture. And, in a second moment, subjectivation practices marked by self-care, when a profound transformation is noticeable when prioritizing their own individual interests and desires, possibilities for active and healthy aging.

Keywords: female gender; active aging; subjectivation.

Lista de Anexos

Anexo 1 – Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Anexo 2 – Roteiro de entrevistas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I - ESCOLHAS METODOLÓGICAS: PERCURSOS DA PESQUISA	16
1.1 Tema, problema de pesquisa e objetivos:	16
1.2 Metodologia da pesquisa: Estudo de caso.....	20
1.3 Entrevistados da pesquisa.....	24
II – IDENTIDADE CULTURAL E PRODUÇÃO SUBJETIVA DE MULHERES: O CASO DAS ALUNAS DO SUPERA – CURSO DE GINÁSTICA PARA O CÉREBRO- UNIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO.....	31
2.1 Produção cultural do ser mulher.....	31
2.2 Vida e envelhecimento ativo: desafio das mulheres com mais de 60 anos.....	51
III – A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO: DISPOSITIVOS ATIVOS NA PRODUÇÃO DA MULHER COM MAIS DE 60 ANOS.....	62
31. Construção do feminino: submissões e percepções.....	62
3.1.1 Infâncias.....	63
3.1.2 Juventudes: Casamento e Maternidade.....	68
3.1.3 Educação Formal.....	72
3.1.4 Religiosidade.....	74
3.1.5 Trabalho.....	75
3.2. A mulher com mais de 60 e a produção de si: perplexidades da vida presente.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

As mulheres conquistaram nas últimas décadas espaços sociais mais amplos. Desde os movimentos feministas, iniciados na década de 1970, até o presente momento, direitos reservados às mulheres têm sido conquistados, tais como a Lei Maria da Penha. Além disso, atividades antes restritas aos homens têm sido desenvolvidas por mulheres.

Estes espaços, assim nos parece, têm sido galgados também por mulheres que se encontram na terceira idade, ou seja, com mais de 60 anos, tais como as que frequentam instituições de ensino como o SUPERA – curso de ginástica para o cérebro – unidade de Francisco Beltrão. Tema que nos interessou discutir, na presente dissertação.

A pesquisa, deste modo, se justificou por entendermos que o tema do envelhecimento de mulheres é recente, uma vez que é fruto de um fenômeno social atual, a longevidade cada vez maior da população, principalmente das mulheres o que impacta as instituições sociais que desenvolvem formas de atender a essas novas demandas - e a cultura social, de forma mais ampla. Fenômenos que, assim entendemos, merecem ser estudados.

A escolha do tema foi feita a partir da experiência como educadora do Supera, unidade de Francisco Beltrão, nos últimos três anos. O contato com as alunas da turma 60+ despertou a curiosidade, uma vez que percebi que demonstravam receptividade diante dos desafios que as atividades do Supera lhes apresentavam.

Além disso, suas histórias de vida me fizeram questionar as narrativas normalmente construídas sobre o papel a ser desempenhado, por estas mulheres: Como donas de casa, mães e cuidadoras. O relacionamento com este grupo mostrou que desempenharam, outras funções, que, por vezes, escapam aos olhos menos atentos.

Durante três anos atuando como educadora, estabeleci uma relação para além da sala de aula, uma relação de amizade, cumplicidade e cuidado mútuo. Ao mesmo tempo, que as alunas se sentiam mais ativas, por desempenharem atividades cerebrais, sentiam-se também, como pertencente ao grupo. Diante dos desafios individuais ou em grupo, o clima era de cooperação, interatividade e empatia. Criamos um grupo, que por meio das redes sociais, trocava informações, cuidados, mensagens de incentivo e apoio. Senti-me realizada ao desenvolver meu trabalho, pois, ao mesmo tempo em que percebia o desenvolvimento das alunas, também me sentia bem por poder ajudá-las e ver o quanto era valorizada por elas. O sentimento era de pertencimento e acolhimento.

O pertencimento ao grupo se deu pelas interações que me faziam perceber os desafios enfrentados por essas mulheres ao longo das suas vidas, e que, suscitavam em mim reflexões e sentimentos da minha própria condição de gênero e dos papéis que, assim como elas, exerço nas relações familiares e sociais.

O clima de confiança mútua era o que nos permitia sentir acolhidas umas pelas outras, a ponto de compartilhar experiências comuns, num ambiente de reciprocidade, amizade, cumplicidade, incentivo e apoio, o que fortalecia ainda mais nossos vínculos enquanto educadora e educandas e mulheres que buscam cotidianamente construir suas identidades como sujeitos ativos e participativos do mundo em que vivemos.

A pesquisa envolveu todas as alunas com mais de 60 anos que frequentavam o Curso Supera, na cidade de Francisco Beltrão, no ano de 2020. Saliento que as entrevistas foram realizadas de maneira remota, tendo em vista o período de pandemia de Covid 19, que resultou na adoção de medidas de distanciamento social, uma vez que, as entrevistadas fazem parte do grupo de risco.

Conforme a Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), a “COVID-19” é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca”¹. Desde 2019, essa doença atingiu as populações de todos os países do mundo e causou inúmeros óbitos, o que levou as organizações mundiais e os governos nacionais a tomarem medidas de segurança para a prevenção e contenção da pandemia. As pessoas idosas e outras com maior risco de contágio devido as doenças congênitas, devem ser mais protegidas e evitarem a exposição ao vírus, transmitido mediante o contato físico entre pessoas. Por isso, o isolamento social é necessário, embora a tendência é que as pessoas idosas apresentem problemas emocionais e tenham a saúde mental prejudicada, em razão de sentirem-se solitárias.

A relevância da pesquisa, assim entendo, se ligou ao fato de que são prementes estudos voltados para conhecer realidade de mulheres com mais de sessenta anos.

1. ¹ Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 03 de junho de 2021.

I - ESCOLHAS METODOLÓGICAS: PERCURSOS DA PESQUISA

Nesta seção apresento os caminhos metodológicos da pesquisa, delineando itens como tema, problema, objetivos, instrumentos, abordagem, apresentação das pesquisadas e local onde o trabalho foi realizado.

1.1 Tema, problema de pesquisa e objetivos

Nas últimas décadas ampliou-se o debate a respeito do fenômeno do envelhecimento ativo de mulheres, que envolveu a produção subjetiva do “ser mulher”. A partir da segunda metade do século XX, ocorreram vários movimentos culturais fundamentais para esta discussão: questões que trouxeram a efervescência de agitações civis, políticos e a consequente mudança comportamental, social, relacionada a tal efervescência. Por exemplo, refiro-me ao movimento negro ocorrido nos EUA, exigindo os direitos civis e que contou com liderança emblemática como Martin Luther King Jr (1929-1968). Ao movimento feminista, em sua terceira fase, ocorrida na década de 1970 e conectado à pílula contraceptiva – ao empoderamento feminino, por meio do controle do seu corpo e do seu prazer - e à entrada das mulheres no mercado de trabalho, que trazem para a arena de debate social a questão de gênero. E ao movimento Lésbicas, gays, Bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros questionando ou *queer* - LGBTQ+, que se iniciou com o questionamento do filósofo Michel Foucault², sobre o modelo de sexualidade dominante, a heterossexual. Este mosaico também é composto pelos movimentos pela libertação dos povos que haviam sido colonizados pelos europeus (africanos, latino-americanos, asiáticos), que trouxe para a arena de debates outras culturas, outras formas de ser e estar no mundo, fora do padrão eurocêntrico.

Este movimento mais geral foi acompanhado, em países como o Brasil, na década de 80 do século XX, pela implantação da chamada Constituição cidadã de 1988, que ampliou direitos e reconheceu a necessidade de a sociedade brasileira reparar erros históricos, formas de discriminação e de desigualdades que, entretanto, passam a ser crescentemente contestadas. No bojo deste processo surge o Estatuto da Criança e do

² Michel Foucault (1926-1984) foi um dos mais importantes intelectuais do século XX. Uma das primeiras vítimas, famosas, da AIDS.

Adolescente, em 1990,³ o Estatuto do Idoso, em 2003⁴, e a chamada Lei Maria da Penha⁵ em 2006. Documentos que a partir da influência da Constituição de 1988 e dos movimentos sociais acima citados estabelecem direitos e deveres relacionados a setores, grupos sociais, historicamente alijados de uma atenção consistente do Estado brasileiro, seja do ponto de vista jurídico, seja do ponto de vista social. Estes movimentos dão visibilidade a uma série de questões, de ordem cultural e social, que passam a ocorrer desde então.

Os estudos acadêmicos sobre envelhecimento ativo de mulheres ampliaram o interesse na temática. Estudos como o de Lichtenfels (2007), que foi desenvolvido na Vila Fátima, um bairro de classe popular da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, que teve como principal objetivo analisar as funções das mulheres idosas em suas famílias. A pesquisa conta a trajetória de vida de mulheres que se mudaram para esta vila com suas famílias, exercendo o papel social que lhes era cabido na época: mãe e dona de casa. Com o passar dos anos, surgiram alguns fatores que vieram a contribuir para uma mudança no papel social destas mulheres, dentre eles, falta de recursos para suprir a subsistência, desemprego, violência doméstica, gravidez indesejada, morte precoce do companheiro. Fatores estes, que fizeram com que estas mulheres, adotassem novas posturas diante dos desafios. Assumindo muitas vezes, o papel de provedora da família, tornando-se o eixo daquele núcleo e conquistando um certo poder. Após a criação dos filhos, passaram a preocupar-se mais consigo mesma. Este cuidado surgiu a partir do processo de envelhecimento, buscando a ocupação de novos espaços.

Já Loeser (2006) pesquisou sobre o impacto de um curso na vida de pessoas idosas, estudando elementos como a qualidade de vida, a ampliação das relações sociais e o que significa a palavra aprender para aqueles idosos. Esta pesquisa foi feita em um curso chamado Espaço Aberto a Terceira Idade na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Após a investigação, Loeser constatou que, cerca de 88% das participantes do

³ Lei 8069/90 | Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Ver em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>. Site pesquisado em 22 de abril de 2020.

⁴ LEI N.º 10.741, DE 1.º DE OUTUBRO DE 2003. Ver em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Site pesquisado em 22 de abril de 2020.

⁵ Lei n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006 e que passa a ser chamada Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que desde então se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres. Ver em <https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>. Site pesquisado em 22 de abril de 2020.

projeto eram mulheres, fato este que ocorre na maioria dos projetos voltados a idosos. A maioria dos pesquisados mostravam-se socialmente ativos (cerca de 52%) e afirmaram acreditar que a idade não se configura como um empecilho para aprender.

Barbieri (2014) em sua tese de doutorado elencou como tema principal a constituição dos discursos sobre a velhice e o envelhecimento no Brasil. A autora classifica em sua pesquisa o tema “envelhecimento ativo”, como principal discurso geriátrico-gerontológico contemporâneo. Que comunga do princípio: focar na saúde e não na doença. A prevenção e o cuidado com a saúde devem ser elementos praticados desde a mais tenra idade. Visando-se assim, uma melhor qualidade de vida na velhice. Apesar deste discurso, a pesquisa demonstrou que os sujeitos apresentam certa dificuldade de enfrentar a velhice. De lidar com as perdas, as incapacitações físicas e com a morte. Além, de terem medo de tornarem-se dependentes de outras pessoas. Para os pesquisados, juntamente com a dependência, vem o medo de deixarem de ser sujeitos. A autora afirma que a negação ou o silenciamento daquilo que não é considerado positivo, não facilita o lidar com o envelhecimento. Para ela não se deve negar a fragilidade como uma condição intrínseca do ser humano. Trata-se de entender que a fragilidade e a vulnerabilidade estão presentes na velhice. Mas, esta fragilidade não é um impeditivo para uma vida com a realização de atividades significativas.

Cohen (2016) centrou seu estudo na ordem discursiva sobre o envelhecimento ativo analisando questões como: como ser velho e saudável nos dias atuais e foi realizado no curso de mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. O estudo teve como objetivo analisar como certas “verdades” sobre o tema do Envelhecimento Ativo vêm sendo publicadas e a quais conteúdos esta expressão é associada. A pesquisadora concluiu que, a partir de um discurso científico e político, acredita-se em um envelhecimento permeado de prazeres, alegrias, riquezas, onde não existe espaço, para a dor, o sofrimento, e até mesmo a própria velhice. A autora, aponta alguns questionamentos ao final de seu trabalho, como por exemplo: por que os indivíduos acima de sessenta anos se tornaram alvo de um poder que regulamenta a existência, quando antes bastava a ele que fossem velhos? A quem interessa que se tornem idosos jovens, felizes, bronzeados, aventureiros, malhados e sarados, que em nada lembram os avós de antigamente? Não seriam eles idosos-produto de uma sociedade capitalista e cada vez mais individualista? E, afirma que, é necessário refletir sobre estes questionamentos.

Alvarenga (2006) discute e analisa representações de corpo e saúde produzidas e veiculadas no contexto de um grupo de terceira idade no município de Viamão (RS) – destacando as relações de gênero. Nesta pesquisa, o autor buscou fazer ou ver possíveis articulações entre saúde, educação e envelhecimento. E concluiu que muitas vezes, as práticas de promoção de saúde confundem-se com práticas de educação. Além disso, as questões de gênero problematizadas no trabalho, após o estudo, permitiram ao autor pensar que também entre velhos e velhas existem múltiplas possibilidades de viver masculinidades e feminilidades e que tais processos são atravessados por relações de poder.

Já os estudos de Vilione (2016) teve como tema de pesquisa a análise crítica do documento público “Envelhecimento ativo uma política de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), identificando a materialização para a real promoção do envelhecimento ativo na perspectiva de totalidade. O autor conclui a partir da análise do documento “Envelhecimento ativo uma política de saúde (2005)”, ao mesmo tempo que representa um avanço na visibilidade da velhice, possui muitas contradições, que são frutos da ordem vigente em que foi transcrito. Para ele, o documento aborda uma discussão superficial dos fatores determinantes para o envelhecimento ativo, colocando-se em um patamar fechado e determinista.

Embora existam pesquisas sobre o envelhecimento a nossa pesquisa voltou-se a compreender o envelhecimento ativo de mulheres por meio de estudo realizado no SUPERA - curso de ginástica para o cérebro- unidade de Francisco Beltrão.

Deste modo, colocamos em tela o seguinte questionamento: **Como se dá a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo no SUPERA – Curso de Ginástica para o cérebro – unidade de Francisco Beltrão?**

O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender como se processa a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo: o caso do SUPERA unidade de Francisco Beltrão.

Os objetivos específicos foram:

- Identificar como mulheres com mais de sessenta anos vivem o processo de envelhecimento ativo;
- Descrever memórias que remetam aos processos de subjetivação experimentados por mulheres idosas ao longo de suas histórias de vida.
- Analisar os modos pelos quais acontecem a produção de gênero feminino inter-relacionada ao envelhecimento entre os sujeitos da pesquisa.

1.2 Metodologia da pesquisa: Estudo de caso

A metodologia caracteriza-se como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar os objetivos propostos com maior segurança e economia, projetando o caminho a ser seguido, detectando erros e amparando as decisões do cientista (MARCONI E LAKATOS, 2010). Portanto, a metodologia utilizada em uma pesquisa científica está conectada aos objetivos, pois, a escolha acontece de forma coerente com a expectativa dos resultados obtidos a partir dos dados coletados.

Este trabalho teve características de pesquisa qualitativa quanto a sua abordagem. Para Soares (2003), a pesquisa qualitativa não utiliza procedimentos estatísticos como atividade principal no processo de análise de um problema, o que diverge da pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa busca apreender os valores e as visões de mundo de um determinado grupo social, inseridos em uma determinada instituição.

Considerando os objetivos propostos na investigação, a presente pesquisa teve como procedimentos metodológicos estudo de caso que é um procedimento metodológico que nos permite conhecer particularidades institucionais específicas. Yin (2001 p. 25) afirma que “o estudo de caso é utilizado para a compreensão de questões recorrentes em contextos reais”.

O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações.

Ao utilizar essa forma de estudo, é necessário que o pesquisador considere as evidências e observe as particularidades dos fenômenos estudados. A lógica do planejamento nesta abordagem é uma investigação empírica que explora um “fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

De modo a desenvolver esta pesquisa por meio de estudo de caso foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: observação, análise documental, entrevista semiestruturada e registro fotográfico.

A observação, para Rampazzo (2013), permite obter conhecimento do ambiente. Sem ela, tem-se apenas uma visão parcial, fragmentada do contexto estudado. Ela se

caracteriza como uma forma rotineira, padronizada, de acompanhar o cotidiano dos indivíduos que se quer observar. No caso desta pesquisa, existe certa familiaridade entre a pesquisadora e os pesquisados. Tendo em vista o trabalho realizado, no lócus da pesquisa, há três anos como educadora social⁶.

Esta pesquisa se utilizou de análise documental, pois examinou documentos para o conhecimento do lócus da pesquisa. Segundo Oliveira (2016) a pesquisa documental se assemelha em alguns aspectos a pesquisa bibliográfica. Porém, os documentos utilizados como fonte de informação, não receberam nenhum tratamento científico, ou seja, são fontes primárias de pesquisa. Para Moreira e Caleffe (2008) a principal diferença entre a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica encontra-se na natureza das fontes. Na pesquisa documental a coleta de dados pode ser em documentos escritos ou não. Ela pode ocorrer em institutos, centros de pesquisa, em museus ou em acervos particulares. Também pode ser feita em locais que se caracterizem como fonte de informações para o levantamento de documentos significativos para a investigação.

A instituição que serviu como referência nesta pesquisa possuía documentos como o Manual Pedagógico, que explicitava as informações referentes a esta metodologia específica. A utilização deste manual representou uma das formas de coleta de dados, a pesquisa documental.

Outra forma de coleta de dados, foi a realização de entrevistas individuais. Segundo Rampazzo (2013) a entrevista configura-se como um encontro entre duas pessoas, a fim de, por meio de uma conversação coletar-se os dados necessários para o estudo. Ainda, de acordo com o autor, as informações obtidas na entrevista podem ser de diferentes tipos. Podem buscar motivos conscientes para determinadas opiniões, sentimentos sistemas ou condutas, tanto atual como do passado, analisando a forma como este sujeito se comportou em diferentes temporalidades, e em determinadas situações. Entender determinadas condutas, anseios ou sentimentos que o sujeito manifesta e faz a narração são fatores significativos para o processo de investigação.

As entrevistas podem ser: entrevista estruturada ou dirigida e entrevista não estruturada. No caso desta pesquisa foi utilizada a entrevista não estruturada. Para Soriano (2004), quando se deseja conhecer a situação ou o grupo em estudo de maneira superficial e não se dispõe de informações suficientes, que possam servir de base para um guia de

⁶ O educador social é o profissional que busca garantir os direitos, a atenção e a proteção de pessoas em vulnerabilidade social, situação de risco ou excluídas. Encontrado em: <https://www.guiadacarreira.com.br/carreira/o-que-faz-um-educador-social/>. Acesso em 13/05/2021.

entrevista, o caminho é elaborar um roteiro geral com o objetivo de orientar a entrevista. Durante a entrevista o roteiro pode sofrer algumas modificações, devido as características pessoais da fonte de pesquisa. Para análise deste tipo de entrevista é preciso elaborar categorias para a organização do material, buscando a análise de forma objetiva, evitando, assim, distorções ou deturpações na interpretação dos resultados. Este é o tipo de análise fundamentalmente qualitativa. É importante o uso de gravadores no processo de coleta de informações e a transcrição literal da fala dos sujeitos.

De acordo com Oliveira (2016), a entrevista representa um excelente instrumento de pesquisa, pois permite a interação entre o entrevistador e o entrevistado, de maneira a obter-se maiores detalhes a respeito do objeto em estudo. É interessante que o pesquisador se limite a ouvir e gravar o entrevistado, procurando não interferir em suas respostas. Ainda segundo a autora, os referenciais das entrevistas devem estar de acordo com os objetivos e hipóteses do estudo. É importante que o pesquisador tenha um bom relacionamento com os entrevistados, a fim de garantir receptividade e interação no processo de coleta dos dados. Como dicas de realização das entrevistas, a autora aponta para alguns cuidados: o roteiro deve estar em forma de tópicos semiestruturados, é necessário pedir-se permissão para a gravação da fala do entrevistado, também é preciso se garantir sigilo quanto as informações e em alguns casos, em que não há a permissão do sujeito, não identificar os entrevistados. É por meio da gravação que se tem a precisão do registro de tudo que foi falado durante a entrevista. É imprescindível que a transcrição seja realizada de forma literal.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), as entrevistas individuais ou de profundidade, devem durar de uma hora a uma hora e meia. A entrevista pode começar com alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa, bem como, o agradecimento ao entrevistado pela sua colaboração no estudo. Para os autores, a entrevista qualitativa tem como principal objetivo compreender as crenças, atitudes, valores e motivações, relacionados aos comportamentos das pessoas em determinados contextos sociais.

Ainda segundo Bauer e Gaskell (2002) é na etapa da preparação e planejamento das entrevistas que se define: o que perguntar e a quem perguntar. Todo processo de entrevista, primeiramente, deve ter a definição de um tópico guia. Que é planejado para atender aos fins e objetivos da pesquisa. O tópico guia é o resultado da combinação entre a leitura crítica da literatura adequada, um reconhecimento do campo (observações e conversas preliminares), discussões com pessoas experientes e uma boa dose de pensamento criativo. Ele se configura como um conjunto de títulos e parágrafos. Deve se

ater a uma linguagem simples, adotando termos familiares que se adaptam aos entrevistados. O tópico guia deve ser utilizado com flexibilidade, não deve manter uma postura engessada, o que sugere estar aberto a novas questões ao longo do processo investigativo.

Para os autores as perguntas podem ser um convite ao pesquisado para falar extensivamente, com suas próprias palavras e com tempo para pensar. Neste contexto, é relevante que o pesquisador se utilize de sondagens apropriadas e questionamentos específicos, para obter esclarecimentos e acréscimos em pontos importantes. A pesquisa com entrevistas é um processo social, uma construção cooperativa, que tem nas palavras seu principal instrumento de troca.

Outro instrumento utilizado neste trabalho foram as fotografias constantes no acervo pessoal das entrevistadas. Segundo Bauer e Gaskell (2002), a imagem acompanhada ou não de som, pode oferecer um registro restrito, mas não menos poderoso, tanto das ações como dos acontecimentos reais. A fotografia, para estes autores, pode caracterizar-se como um dado primário, que fornece informação visual, mesmo sem a utilização de palavras escritas ou números sobre determinando contexto, tempo ou prática. Outro aspecto importante da utilização de imagens por meio de fotografias, é que vivemos um tempo cada vez mais é influenciado pelos meios de comunicação, e os resultados em grande parte das vezes, dependem de elementos visuais. Tanto o visual, como a mídia exercem um papel importante na vida social, política e econômica

Quanto a seleção dos participantes, os autores acima, apontam para a necessidade de se elencar critérios como: idade, posição social, conhecimento dos demais participantes, dentre outras variáveis. A preparação de um esboço que contemple os tópicos e assuntos a serem discutidos faz parte da elaboração do roteiro da entrevista.

Ainda segundo Gomes e Barbosa (1999) é importante estabelecer um bom ambiente para a entrevista. Outro fator relevante é ressaltar, na condução do processo investigativo a finalidade e o formato da discussão, que deve ocorrer de maneira informal, contar com a participação de todos e ressaltar que a existência de divergências nas opiniões dos participantes enriquece a pesquisa. Após cada sessão de entrevista, a equipe deve avaliar o conteúdo das anotações e outros dados importantes para a análise de possíveis tendências e padrões.

1.3 Entrevistados da Pesquisa

As entrevistadas da pesquisa foram escolhidas a partir de alguns critérios: idade igual ou superior a 60 anos, sexo feminino, estar frequentando as aulas do curso de ginástica para o cérebro unidade de Francisco Beltrão. Foram realizadas entrevistas com dez mulheres. As entrevistas foram gravadas, sendo que três foram feitas de forma presencial e sete de forma remota, com a utilização do aplicativo Whatsapp, por chamada de vídeo. O planejamento inicial da pesquisa era a realização de entrevistas presenciais. No entanto o novo cenário desencadeado a partir da epidemia de Covid 19 exigiu, como medida de segurança o isolamento social, tal fato demandou reorganizações ao processo investigativo. Ademais, os sujeitos da pesquisa pertenciam aos grupos de risco, visto que todas as entrevistadas tinham idade igual ou superior a 60 anos.

No quadro 1, apresento as entrevistadas em ordem alfabética, com um pequeno histórico, usando uma frase de cada uma delas no início da entrevista.

Todas as entrevistadas da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando o uso de suas falas e imagens fotográficas com objetivo de pesquisa e publicação de materiais decorrentes da investigação.

Antes de iniciar a apresentação das entrevistadas, apresentaremos um quadro com alguns percentuais de variáveis que podem representar alguma significância para os resultados de pesquisa.

Quadro 1: perfil das entrevistadas

Profissão	Aposentadas	60%	Em atividade	40%
Estado Civil	Viúvas	60%	Casadas	40%
Escolaridade	Ensino Médio	40%	Ensino Superior	60%

Fonte: elaboração da autora, realizada a partir dos dados coletados pela pesquisa.

Constatei que 60% das alunas eram aposentadas, viúvas e possuíam ensino superior. O que pôde denotar um maior interesse por atividades que possam auxiliar no processo de envelhecimento ativo. Apesar de o curso ser pago e a maioria das alunas terem uma formação de qualidade e uma renda própria, algumas alunas relataram que

enfrentavam dificuldades financeiras para manterem-se matriculadas. Tal comportamento demonstrou uma priorização do cuidado com a saúde mental.

A idade das entrevistadas variou entre 61 e 85 anos, o que em alguns momentos de seus relatos pôde acentuar uma diferença de opinião e descrição de fatos. Há uma questão geracional entre as idades. Diferentes gerações, diferentes subjetivações. Ao longo do trabalho esta diferença na fala das mulheres, em alguns momentos pôde ser verificada.

Na sequência apresento todas as entrevistadas e alguns dados de identificação das mesmas.

Dados de identificação das participantes da pesquisa:



Nome: Carmelita

Idade: 68 anos

Naturalidade: Mallet – Paraná

Estado civil: viúva

Escolaridade: ensino superior

Profissão: professora aposentada

Frase: “Olha, ser mulher é ser guerreira, ser força, ser porto seguro. Porque mulher é isso. É luta, e não desiste fácil. Ela sofre, ela batalha, mas ela vai em frente”.



Nome: Clídia

Idade: 85 anos

Profissão: professora aposentada.

Naturalidade: Rio do Sul – Santa Catarina

Estado civil: viúva

Escolaridade: ensino superior

Frase: “Olha, pra mim ser mulher...a gente tem que aceitar e ser, né? E saber levar a vida, porque...Saber entender qual é o lugar da mulher. Porque se a gente não sabe qual é o nosso lugar, a gente não vive com ninguém. Numa época a gente tem que ser pai, mãe, professora, médica, tem que ser tudo isso aí. E a gente também tem que saber escutar, não só querer a gente falar. A gente tem uma opinião, mas que nem eu que fiquei 63 anos casada, a gente tem que ter opinião. As vezes a gente quer uma coisa, mas primeiro vamos conversar, decide, né? E eu era muito mandona, mas não fazia nada se ele dizia que não. Se ele dizia que não, eu ia devagarzinho, ia ensebando até que dava certo (risos). Mas então a gente tem que ser assim, e com os filhos também. Você não pode bater de frente, você tem que ir levando e meio enrolando e assim,



Nome: Elza

Idade: 70 anos

Profissão: aposentada e estudante.

Naturalidade: Caçador – Santa Catarina

Estado civil: casada

Escolaridade: ensino superior

Frase: “Nossa! Pra mim ser mulher é tudo, é maravilhoso! Eu, como mulher, eu me sinto realizada, como pessoa, como mãe, como filha, como esposa, é um todo. Muito bem”.



Nome: Edna

Idade: 64 anos

Profissão: Professora aposentada e atualmente instrutora de auto escola.

Naturalidade: Porto União – Santa Catarina.

Estado Civil: casada

Escolaridade: ensino superior

Frase: “Hoje a mulher tem uma criação bem diferente da que eu tinha quando era criança. Eu fui criada pra ter família, ter filhos, cuidar de casa e do esposo. Hoje eu acho que a mulher é independente, e ela tem uma vida própria, e isso é muito bom. Não precisa ser na frente do homem nem atrás, ela anda paralelo a eles, né? Então ela tem uma profissão, ela estuda, ela tem uma independência, e eu acho que é por aí mesmo, é muito bom. E divide as tarefas com o esposo. Hoje ele é um parceiro, né”?



Nome: Inês

Idade: 69 anos

Profissão: aposentada

Naturalidade: Joaçaba – Santa Catarina

Estado civil: viúva

Escolaridade: ensino médio

Frase: “No meu tempo era assim, ter filhos e ser escrava (risos). E hoje as mulheres são muito diferentes. Tem uma vida com mais liberdade”.



Nome: Lúcia

Idade: 77 anos

Profissão: aposentada

Naturalidade: Nova Araçá – Rio Grande do Sul

Estado civil: viúva

Escolaridade: ensino médio

Frase: “Ah...pra mim é a melhor coisa que tem é ser mulher! Eu não queria ser homem não, eu queria ser mulher. Se eu tivesse que nascer outra vez eu queria ser mulher. Eu acho que a mulher é muito mais meiga, muito mais fácil de lidar que o homem, claro, tem exceções né, não é que seja só isso. Mas ser mulher eu acho que é tudo que eu gostaria de ser na vida”.



Nome: Marli

Idade: 63 anos

Profissão: empresária

Naturalidade: Canela – Paraná

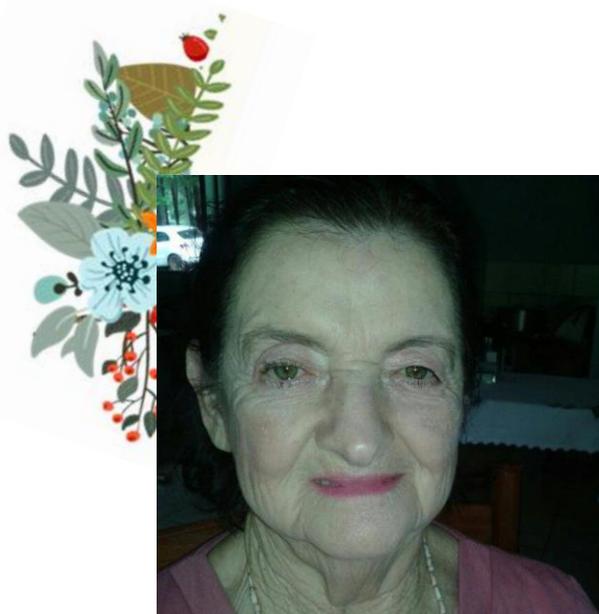
Estado civil: casada

Escolaridade: ensino superior

Frase: “Ser mulher é ser alguém diferente, é ser tudo, porque além de mulher, companheira, amiga do marido, você é mãe, é dona de casa, é simplesmente vive uma vida diferente, de respeito pelos filhos, é abraçada, é compreendida pelo seu trabalho. Mulher é um ser diferente do homem, porque o homem faz o filho mas não carrega na barriga, tem homens que praticamente não ajudam a criar os filhos. O ser humano tá dentro de uma mulher, porque a mulher é tudo. É a compreensão de tudo. Porque se o filho briga, é a mãe que tá ali pra apoiar. Se o pai xinga o filho, é a mãe que é mulher, que recupera o pai e o filho. Então eu acho que ser mulher é tudo na vida. Eu gosto de ser mulher. Eu gosto de ser do jeito que eu sou”.



Nome: Silvana
Idade: 61 anos
Profissão: empresária
Naturalidade: Vitorino – Paraná.
Estado civil: casada
Escolaridade: ensino superior
Frase: “Ser mulher é poder fazer tudo, ir atrás, correr, fazer aquilo que se propõe a fazer. É buscar, é aprender, é fazer coisas novas sempre, saber que você é capaz. Porque antigamente a mulher só ficava em casa, cuidava dos filhos, do esposo, e hoje não, é independente, tem seus próprios planos, né? Tem seus próprios objetivos de vida. E uma coisa que eu sempre primei foi pela minha independência”.



Nome: Tercila
Idade: 81 anos
Profissão: professora aposentada
Naturalidade: Ponte Serrada – Santa Catarina
Estado civil: viúva
Escolaridade: ensino médio
Frase: “Ser mulher para mim é ser amorosa, compreensiva, inteligente que olhe para as outras pessoas com carinho e humanidade. Dar atenção para as pessoas que convivo. Mas, sobretudo ser respeitada e reconhecida em seus atos. Assim, são os desejos de uma pessoa que já viveu muitos anos e participou de alguns tempos da vida que gostaria de encontrar nas pessoas de hoje”.



Nome: Tereza

Idade: 68 anos

Profissão: funcionária pública

Naturalidade: Erechim – Rio Grande do Sul

Estado civil: viúva

Frase: “É ser uma boa mãe, uma boa esposa. Uma mãe que cuide bem dos filhos, que não abandone os filhos, que cuide da casa, saiba dividir as tarefas, eu acho que é isso. Tem tanta coisa pra mulher! Ser compreensiva com os outros, com os filhos”.

Esta foi a apresentação de minhas entrevistadas de pesquisa, com dados que irão auxiliar na análise dos resultados. Na sequência será apresentado o local da pesquisa, a escola Supera, que era o local em comum que elas frequentavam.

A metodologia do curso de ginástica para o cérebro SUPERA é baseada em três pilares: neurociências, educação e aprendizagem. Esses pilares se materializam em algumas competências necessárias para o alcance das alunas, sendo elas: competências cognitivas (o aprender a aprender e o aprender a fazer), competências socioemocionais (o aprender a conviver) e competências éticas (aprender a ser). (Na prática, são utilizadas seis ferramentas pedagógicas: o ábaco, os exercícios cognitivos, os jogos, as dinâmicas, as neuróbicas e os jogos virtuais. A proposta do treino desenvolve-se a partir das ferramentas que proporciona melhoria de habilidades como: atenção, memória, linguagem, visão espacial, concentração e raciocínio. Além de estimular o relacionamento inter e intra pessoal. O objetivo é trabalhar o cérebro em sua totalidade, tirando-o de sua zona de conforto. A proposta das atividades é oferecer novidade, variedade e grau de desafio crescente.

A unidade do SUPERA de Francisco Beltrão teve suas atividades iniciadas em 2018. Desde o princípio atuei como educadora, seguindo um programa de treinamento constante. Esta pesquisa partiu da percepção e do conhecimento, enquanto educadora, da forma como estas mulheres vivem o processo de envelhecimento.

Na seção seguinte abordei conceitos/categorias para referenciar e servir como base para o desenvolvimento da dissertação. Neste estudo, ancorei nos pressupostos pós estruturalistas, em diálogo com os estudos culturais, abordagem que apresenta conceitos selecionados para corporificar as discussões realizadas neste trabalho. Neste arcabouço teórico, encontrei a base das respostas para os questionamentos de pesquisa.

II IDENTIDADE CULTURAL E PRODUÇÃO SUBJETIVA DE MULHERES: O CASO DAS ALUNAS DO SUPERA – CURSO DE GINÁSTICA PARA O CÉREBRO- UNIDADE DE FRANCISCO BELTRÃO

Apresento nesta seção conceitos centrais para a efetivação da investigação: gênero, dispositivo, cultura e subjetivação. Busco, deste modo, desenvolver diálogo entre a teoria e os resultados da pesquisa, consolidadas por meio da fala dos sujeitos entrevistados.

2.1 Produção cultural do ser mulher

De acordo com Silva (2010, p.91), “gênero opõe-se, pois, a sexo. Enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo gênero refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual⁷.

Ainda para o mesmo autor, as análises feministas mais recentes apontam para a predominância do olhar masculino por sobre as relações sociais e a natureza. Segundo ele, a sociedade se faz pela perspectiva do gênero dominante, que é o masculino. Para a análise feminista, a própria ciência pode ser entendida como uma perspectiva eminentemente masculina. Pois propõe a separação entre sujeito e objeto, dominação e controle sobre a natureza e sobre os indivíduos. Ou seja, está ancorada em valores como virilidade e eficácia. Nesta direção, a perspectiva feminista questiona estes pressupostos, afirmando, por exemplo, que a própria posição do sujeito observador é atravessada por questões como a de gênero, ou seja, não há um sujeito universal da pesquisa.

Para Silva (2010, p.94), pensamentos que tendem a valorizar a separação “entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, o individualismo e a competição” são tipicamente masculinos.

Estudiosos pós-foucaultianos como Tomas Laqueur (2001, p.242), por sua vez, apontam para o fato de que a vida social contemporânea foi criada como domínio dos homens, privilégio que se baseou em uma antropologia física da diferença sexual e que

⁷ Nesta pesquisa foi utilizada a linguagem de gênero. Tendo como base o Manual Não Sexista da linguagem (2014) que, dentre outros materiais, auxilia no combate ao sexismo linguístico e defende a inclusão e a igualdade de gênero feminino. Tendo em vista que minha pesquisa foi realizada em uma instituição que tem 90% de alunas mulheres.

manteve o gênero feminino restrito a esfera privada, refém do mito da maternidade e de sua inelutável diferença - inferioridade biológica. Este mesmo domínio também manteve o gênero masculino refém de determinados princípios e valores hegemônicos: agressividade, competitividade.

Neste sentido, os indivíduos são determinados a pensar a partir de suas relações sociais. Pois, tais narrativas, se mostram como relatos de trajetórias, que deram significado e sentido à vida destes sujeitos, apresentam seus cotidianos produtores de significados tidos e definidores de seus discursos.

Estudos efetuados por Butler (1999) apontam o caráter discursivo da identidade sexual, mas também indicam novas concepções a respeito da sexualidade e do gênero, uma vez que afirmam que as sociedades constroem normas que regulam a materializam o sexo dos sujeitos e que essas normas regulatórias precisam ser constantemente repetidas e reiteradas, para que tal materialização se concretize. No entanto, a autora acentua que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 54). Por isso, as normas regulatórias das identidades possuem um caráter performativo, manifestando um poder continuado e repetido.

O conceito de performatividade, utilizado por Butler (1999) aponta para o fato de que a linguagem descreve estes corpos, e os constrói. E fazendo o que nomeia, produz os corpos e os sujeitos. Não obstante, este processo é limitado desde seu início, pelo fato de induzir comportamentos, identificações, que com o tempo os sujeitos podem questionar. Daí as normas regulatórias da sociedade abrirem possibilidades que os sujeitos assumam, apropriem e materializam, uma vez que as normas regularizadoras, ao constituírem os sujeitos, ao mesmo tempo tornam indispensáveis os desviantes, pois estes fornecem as fronteiras e os limites que justificam a norma.

Prosseguindo na mesma linha de análise, que tratou de apresentar a base cultural que estabelece as diferenciações corporais, sexuais, Guacira Lopes Louro (2003) afirma que:

Ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos pelas marcas que são atribuídas a seus corpos. Os corpos somente são o que são na cultura. Sendo assim, os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes. Uma drag queen, em sua paródia de gênero, pode levar a pensar essas questões de forma mais radical. Sua figura estranha e insólita permite pôr em questão a originalidade e a autenticidade dos gêneros e das

sexualidades, sugerindo que as formas através das quais todos nós nos apresentamos são, sempre, formas inventadas e sancionadas por circunstâncias culturais (LOURO, 2003, p. 01).

Louro reflete, ainda:

Como, onde, através de que recursos pode-se estabelecer um limite entre natureza e cultura, entre biologia e tecnologia? O que é, de fato, natural? Onde começa o artifício? Os corpos são, em algum momento, somente biológicos? É possível dizer que na tela do aparelho de ecografia que mostra os primeiros momentos da vida de um feto, temos, enfim, um corpo ainda não nomeado pela cultura? As respostas a essas perguntas indicam a impossibilidade de isolar a natureza, a impossibilidade de definir onde “começa” a cultura. Tomaz Tadeu da Silva afirma que “não existe nada mais que seja simplesmente ‘puro’ em qualquer dos lados da linha de ‘divisão’: a ciência, a tecnologia, a natureza pura; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço” (SILVA, 2000, p. 13). Por tudo isso, é imprescindível admitir que os corpos são o que são na cultura. A linguagem, os signos, as convenções e as tecnologias usadas para referi-los são dispositivos da cultura. E se ele, o corpo, “fala”, o faz através de uma série de códigos, de adornos, de cheiros, de comportamentos e de gestos que só podem ser “lidos”, ou seja, significados no contexto de uma dada cultura” (LOURO, 2003, p. 03).

Por outro lado, embora “a identidade civil, tal como concebida a partir do estado-nação”, conforme apontou Maria Consuelo Cunha Campos (1999, p. 39), tenda a se “opor aos mutantes processos de identificação individual contemporâneos (inclusive os propiciados por novas tecnologias de gênero)”, é fato que as identidades de gênero, vêm colocando em xeque as formas tradicionais de os sujeitos olharem para si, para seus corpos e para sua sexualidade. Alguns desses sujeitos, como as *dragqueens* não apenas transitam de um gênero a outro, de uma sexualidade a outra, mas, por vezes, escolhem a posição de trânsito como o seu lugar.

Para esses sujeitos a questão não está em se opor à identidade ou à cultura centrais; não lhes interessa serem acolhidos ou integrados ao sistema. Sua aspiração parece ser a de romper com a lógica hegemônica, interessa-lhes romper com a racionalidade a que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, ao sujeito central (masculino, branco, heterossexual, de classe média). Tais sujeitos se assumem como excêntricos (fora-do-centro) e pretendem viver como tais.

Esta discussão, que remete a novas identidades de sexo e gênero, é discutida por autoras como Margareth Rago (2001), quando propõem as seguintes questões:

Há [...] uma questão absolutamente assustadora em tempos de globalização, de internacionalização da economia, de quebra das fronteiras geográficas, nacionais, étnicas e sexuais, de interação midiática: para onde caminhamos em termos de comunicação e de sociabilidade? Para um total isolamento e atomização, para o recolhimento seguro na esfera da vida privada e da intimidade, protegidos pelas máquinas e pelo telefone? Ou estamos vivendo uma intensificação das relações interpessoais e uma quebra das barreiras sociais, individuais e sexuais? As relações pessoais, corpo a corpo, serão mediadas perversamente pelas novas tecnologias, levando-nos a uma terrível solidão e falta de contato físico e sexual? O contato entre duas pessoas será substituído pelo sexo virtual, como alardeiam alguns contemporâneos? Ou, ao contrário, estamos em vias de constituir uma só aldeia global, onde os corpos estarão mais livremente em contato, desembaraçados de antigas mitologias, fantasias e ignorância em relação ao outro?” (RAGO, 2001, p. 01)

A autora, neste texto, discute os avanços e os rumos que homens e mulheres contemporâneos constroem, no sentido de sua inserção nas relações sociais. Relações, antes de tudo, calcadas em projetos subjetivos. Se, por um lado, estamos cercados por objetos midiáticos, que parecem atuar enquanto mecanismos que nos levam a certas formas de isolamento social, face a face; por outro lado, parece ocorrer uma transformação radical - tanto para homens como para mulheres -, no sentido das vivências sociais das quais participam, uma vez que os padrões morais que regulavam as relações amorosas e sexuais, por exemplo, parecem cair em desuso de forma incontornável. É o que o trecho colocado abaixo, advindo de uma parte das entrevistas feitas com Lúcia e Carmelita, deixou claro:

Eu concordo. Muito, muito. Antigamente era só o homem que mandava, hoje a mulher é a dona do tudo, hoje o homem tem que abaixar as orelhas (risos). Mas claro, maneira de dizer, né. Eu não posso dizer isso, no tempo do meu marido tudo era combinado. Os dois juntos, não se fazia nada. ah, porque você é homem, ou porque eu sou mulher, nada disso. Mas eu acho que hoje em dia a mulher tem mais vez no mundo também, e antigamente não tinha. Eu acho que foi muito bom isso. A mulher também tem que tomar parte da sociedade, tomar parte de tudo. E ela faz muito mais do que o homem, muitas vezes. Ela faz tudo em casa, e daí faz fora também, sabe? O homem também tá assumindo mais em casa, claro. Ele tá se comprometendo mais hoje em dia, mas eu acho que a mulher foi um passo muito grande, ela conseguir [...] antigamente não se trabalhava fora. A mulher era só pra ser a dona de casa e cuidar dos filhos, e hoje ela faz o de casa e faz fora também. E muitas vezes é ela que sustenta a casa, ainda. Então eu acho que foi uma reviravolta muito grande, muito boa! (LÚCIA, 77 anos, 10/07/2020)

Graças a Deus mudou. As mulheres mudaram e vão ter muito mais mudanças. Elas estão na frente, hoje. E da época da minha mãe até hoje mudou muito. Minha própria mãe era uma fortaleza que criou os filhos sozinha, mas era dependente financeiramente. Elas foram criadas pra

construir uma família, cuidar dos filhos, e quem trazia o sustento era o homem. Por isso, hoje mudou muito, e mudou pra melhor. Eu acho que ninguém mais segura as mulheres. Eu só acho, assim, que a sociedade ainda tem muito desse machismo, e o homem tem uma dificuldade muito grande de evoluir, aí acontece muita coisa que não deveria acontecer, como o feminicídio. Tudo isso porque tem dificuldade de entender que a mulher tem seu direito, e não pode retroceder (CARMELITA, 68 anos, 16/07/2020).

Por meio destes depoimentos percebi as mudanças que vêm ocorrendo, no que toca aos relacionamentos entre homens e mulheres. Percebi, da mesma forma, mudanças de comportamento, referidas aos papéis a serem adotados pelo homem e pela mulher. Efetivadas, principalmente, por parte das mulheres, que têm assumido novas identidades diante dos relacionamentos e adotado posturas mais ativas, perante as decisões tomadas no âmbito familiar. Tal qual demonstraram Elza e Silvana, a partir de suas falas:

Nossa! Pra mim ser mulher é tudo, é maravilhoso! Eu, como mulher, eu me sinto realizada, como pessoa, como mãe, como filha, como esposa, é um todo. Muito bem! (ELZA, 70 anos, 12/07/2020).

Ser mulher é ser Mulher! Sonhar, trabalhar, ser independente, fazer o que tem vontade, viajar, buscar novos conhecimentos, fazer amigos, ter o direito de ser o que desejar na vida, principalmente se fazer respeitar como mulher!! Porque antigamente a mulher só ficava em casa, cuidava dos filhos, do esposo, e hoje não, é independente, tem seus próprios planos, né? Tem seus próprios objetivos de vida. E uma coisa que eu sempre primei foi pela minha independência (SILVANA, 61 anos 08/07/2020).

A mulher busca se subjetivar a partir de novos conceitos de si mesma. Conceitos que envolvem força, vontade, garra, independência e que são reconhecidos por estas próprias mulheres. No entanto, esse processo tem ocorrido de forma gradual e está permeado por avanços e recuos, no que se refere as questões de gênero.

A história, neste sentido, é atravessada por narrativas que disputam um papel a ser exercido pelas mulheres. Estas narrativas, sob constante produção, subjetivam indivíduos, grupos e demonstram um processo inacabado e que se volta as distintas visões, construídas cultural e socialmente, sobre as mulheres. É por isso que, apesar destas mulheres terem conquistado espaços na esfera pública, ainda são alvo de preconceitos e de estigmas que buscam situá-las na esfera de dominação masculina. Tal qual podemos observar na fala da entrevistada abaixo:

Aí mudou pouco, né? Porque tem muito preconceito ainda. Mas mudou. Uma vez quando se separava era a mulher que não prestava, hoje já se vê diferente. Tudo era culpada. Mudou bastante. Não podia trabalhar fora, não podia estudar, sabendo escrever o nome e ler alguma coisa já tava bom, né? (ELZA, 70 anos, 12/07/2020)

Outra participante da pesquisa, Edna, ratificou as percepções sobre o feminino abordadas por Elza e Silvana:

Hoje a mulher tem uma criação bem diferente da que eu tinha quando era criança. Eu fui criada pra ter família, ter filhos, cuidar de casa e do esposo. Hoje eu acho que a mulher é independente, e ela tem uma vida própria, e isso é muito bom. Não precisa ser na frente do homem, nem atrás, ela anda paralelo a eles, né? Então ela tem uma profissão, ela estuda, ela tem uma independência, e eu acho que é por aí mesmo, é muito bom. E divide as tarefas com o esposo. Hoje ele é um parceiro, né? Se eu olhar a história da minha mãe e a minha, meu Deus...é muito diferente. As mulheres, como te falei, cuidavam da casa, dos filhos, no máximo costuravam pra família, e se limitava a isso. Hoje não, hoje as mulheres saem, são independentes, fazem curso, aprendem a tocar um instrumento, viajam...eu vejo mesmo as viagens que eu faço, sempre a mulher é mais presente, não é só no Supera (risos). Então é bem diferente. Eu vejo assim, eu fico com um pé atrás e um pé na frente, porque eu fiquei nessa fase intermediária, porque eu fui criada pra ser uma dona de casa, e eu hoje luto pra ser independente, pra ter minha vida própria, não quero ficar dependendo dos outros, eu quero tocar a minha vida sozinha, ainda conseguir trabalhar, dirigir, viajar, não ficar dependendo dos outros. Mas as vezes eu reconheço que eu preciso. Muito, com certeza! Coitadas das mulheres mais antigas, elas eram muito reprimidas, não se expressavam, não trabalhavam, não tinham amizade com as pessoas quase, era tudo muito limitado, só na família, né? Hoje a gente...até através dos recursos que a gente tem, como o whatsapp, você faz amizade, conversa com pessoas distantes, se comunica, sai, e isso é muito importante. Principalmente se informa, né? Hoje a mulher estuda, lê, é outra realidade. Então, isso, eu acho que vem muito também mudar a nossa sociedade, né Dóris? Onde você vai hoje a mulher tá presente, e bem presente. Se manifesta, dá sua opinião, eu acho que isso é muito mais gostoso, elas são muito mais felizes e mais realizadas (EDNA, 64 anos, 18/07/2020).

Embora as falas de Elza e Edna ainda se mantivessem vinculadas a elementos como o ser mãe, esposa, filha, configurou, de certo modo, um olhar sobre si que vem acompanhado de orgulho. Assim, pareceu que as mulheres da terceira idade, por meio de suas vivências, demonstraram otimismo, diante dos tempos atuais, em relação ao seu próprio desempenho, consolidado em período histórico em que predominavam elementos mais fortemente atrelados ao sexismo e ao patriarcalismo. Daí que, apesar de

reproduzirem, muitas vezes, este comportamento sexista e patriarcal, perceberem sua própria atitude por meio de perspectivas mais ativas, diante de diversas situações com as quais se deparavam, e em consonância com os papéis sociais que assumiram. O que pôde ser constatado na fala de Elza, ao buscar compreender o que leva às mudanças atuais, pelas quais o universo feminino tem perpassado: “Eu não sei. Eu acho assim, que as mulheres têm mais vontade de melhorar a vida, de aprender mais [...] eu acho que é isso. Os homens são mais acomodados” (ELZA, 12/07/2020) Ainda sobre o comportamento masculino e suas limitações diante do novo e do aprender, Edna reafirmou as ideias de Elza.

Eu acho que a mulher tem menos medo de se mostrar, se expor [...] o homem é mais reservado nessas questões, né? Ele não quer mostrar as suas deficiências, vamos dizer assim. A gente assume e procura um recurso, eles não...eu acho que o homem já é meio difícil de admitir essas coisas, infelizmente, eles saem perdendo (risos) (EDNA, 64 anos, 18/07/2020).

Cabe ressaltar que, do ponto de vista dos dispositivos da masculinidade, embasados na virilidade sexual e laborativa, os homens sofrem pressão para serem viris, másculos e endurecerem seus sentimentos. O que concorre para que padeçam, diante deste paradigma, de modo a não serem estigmatizados.

Clídia, Carmelita e Inês também concordaram com este ponto, ou seja, com a questão da falta de cuidado, que, de certa forma, acompanha o público masculino.

Uma que as mulheres não são tão machistas, e os homens acham que eles não precisam. Mas quando ficam velhos quem cuida é a mulher (CLÍDIA, 85 anos, 11/07/2020).

Mas é em tudo, tudo tem mais mulheres. Eu acho que as mulheres se interessam mais em aprender, ficar informadas (INÊS, 69 anos, 13/07/2020).

E outra coisa: a mulher não desiste tão fácil, o homem desiste. Em tudo. Só observar nas faculdades. Isso que eu acho que o homem tá perdendo uma oportunidade. Eu acho, também, que é pela educação que eles receberam, também não podemos crucificar. Quem tem que mudar são os educadores, que são os pais. O homem sofre, porque ele vê que a mulher tá avançando e ele não admite. Mas porque ele foi educado assim. O machismo vem da mãe, do pai. Então tem que mudar a educação (CARMELITA, 68 anos, 16/07/2020).

Neste sentido, novas formas de vivenciar a masculinidade e a feminilidade parecem estar em franco processo de consolidação. O que envolve as questões de gênero, diante disso, autoras como Margareth Rago (2001, p. 04) propõem que pensemos da

seguinte forma:

Parece, então, que assistimos a uma grande transformação no imaginário sexual, marcado sobretudo pelo desconfinamento do sexo. Esta tese, segundo a qual as práticas cotidianas individuais e coletivas estariam sendo fortemente investidas pelo desejo e pela sexualidade, encontra-se em grande parte com a da "despervertização do sexo" de Anthony Giddens. Para este autor, em oposição ao tema do enclausuramento do desejo, através da "implantação das perversões sexuais", que Foucault localiza na sociedade disciplinar, estaríamos vivendo uma certa aceitação das práticas sexuais outrora ditas ilícitas, como normais”

O tema do sexo e da sexualidade é usado, aqui, de modo a refletirmos sobre os dispositivos que performatizam as identidades de gênero, masculina e feminina. Uma vez que estão ligadas à produção destas identidades e buscam situar, homens e mulheres, em certas posições de sujeito. Inclusive os homens e as mulheres idosos(as).

De todo modo, autores como Richard Miskolci (2003) mostram que os estudos de gênero, necessariamente, problematizam essencializações que fixam modelos de masculinidade e feminilidade, baseados em atributos que seriam produto de características supostamente naturais e inatas. Toda identidade é construção histórica e socialmente, e as identidades de gênero não escapam a isso. Sua aparente naturalidade foi desconstruída teoricamente e, hoje sabemos, nada mais é do que um mito social poderoso que permite e auxilia na instauração e manutenção de desigualdades sociais, por meio da atribuição de poder àqueles que nossa sociedade considera superiores. Àqueles que seguem um modelo de identidade bem descrito por autores da sociologia, como Erving Goffman, atrelado a “um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes” (GOFFMAN, 1988, p.139).

A discussão sobre uma possível crise das identidades de gênero, presente no mundo contemporâneo, se relaciona, portanto, com transformações percebidas nas relações de poder entre homens e mulheres, mas também entre homens e mulheres cujas identidades são hegemônicas frente àqueles e àquelas que um dia já foram vistos como desviantes e anormais, mas que em nossos dias demandam o reconhecimento de suas diferenças: como os gays, as lésbicas, mas também de outras identidades que são ainda menos reconhecidas e lidam com o estigma da anormalidade sexual e psíquica, caso de travestis e transgêneros. Acrescentaríamos a estas reflexões o caso das mulheres idosas, que foram e ou têm sido vistas, ainda, como àquelas que não podem – ou não devem –

vivenciar atividades que extrapolem a esfera privada. Mulheres que, todavia, parecem também adentrar em um novo momento, por meio do qual exercitam outras visões de si, da vida e do que significa ser idosa.

Toda esta gama de transformações subjetivas, que operam na esfera privada, mas que também alteram as formas de comportamento na esfera pública, foram, em maior ou menor medida, publicizadas através das leituras feministas, que, principalmente a partir da década de oitenta, do século XX, foram confrontando a sociedade androcêntrica, com suas consagradas formas de manifestação, tais como a ciência, a arte, etc; mostrando como eram mantidas escondidas várias formas de violência social, de exclusão cultural e de impositividade política. Notadamente, sobre as mulheres.

As teorias feministas, longe de adotarem uma radicalidade política, contribuíram e tem contribuído para que se consolide uma nova leitura – microfísica -, da realidade social e cultural contemporâneas, enriquecendo as análises que buscam contribuir para a superação das formas de desigualdade e de violências sócio/culturais adstritas ao universo das relações de gênero. Universo que interfere até mesmo no olhar que, por vezes, é dado para os sintomas coadunado à saúde mental de homens e mulheres. O que autoras como Zanello (2018) demonstraram, por meio de pesquisas que apontaram para o fato de que sintomas apresentados por homens e mulheres, atendidos pela área de saúde mental, eram atravessados por uma perspectiva de gendramento, tal qual o choro, inibido socialmente em homens e incentivado em mulheres, nas culturas sexistas.

Abordagens advindas da psiquiatria cultural, diante disto, alertam para o fato de que é necessário fazer o diagnóstico dos pacientes levando em consideração a experiência biográfica do sujeito, considerando sua compreensão cultural/social do sofrimento. Perpassada, por vezes, por leituras sexistas e que influenciam no próprio diagnóstico efetuado.

Neste sentido, o conceito de cultura, tal qual aparece na obra de Zanello (2018 p.30), serve como parâmetro de análise, para além do campo biológico, do comportamento masculino e feminino. Já que a cultura “é social, é configurada, é historicamente reproduzida e é simbólica. A cultura compreende padrões compartilhados de atividades, interações e interpretações, sendo a linguagem o principal sistema semiótico mediador da reprodução cultural transgeracional” (ZANELLO, 2018, p. 31) “a concepção de pessoa, presente em cada cultura, é imbuída de valores e ideais prescritos socialmente e constantes em várias camadas, desde as mais explícitas (como as leis, etc), aos rituais e valores invisibilizados”.

A discussão da autora, nos leva a pensar que as questões de gênero são estruturantes da formação dos indivíduos (homens e mulheres), uma vez que por meio deste binarismo (ser homem e ser mulher) buscam normatizar o comportamento social. Nesse sentido, “toda experiência humana é culturalmente constituída” (Zanello, 2018, p.32).

Ainda para Zanello (2018)

Se as qualidades das emoções derivam das interações em que elas ocorrem, as quais são elas mesmas significadas em um quadro/contexto cultural, e se as interações são gendradas, faz-se necessário pensar se há e quais seriam as emoções interpeladas diferentemente em homens e mulheres (ZANELLO, 2018 p.37)

As observações acima referendadas mostram a importância de se olhar para o tema da produção subjetiva de mulheres idosas. Por meio dos conceitos de gênero, cultura e identidade.

Do ponto de vista das identidades, ou seja, da construção cultural e social que situa numa dada posição de sujeito, a partir de disposições adquiridas em relação a coisas e práticas com as quais este sujeito se identifica (que o tornam àquilo que ele é); cabe salientar que se consolida em contraposição àquilo com que este mesmo sujeito não se identifica (que não é), construindo-se, portanto, sempre em um processo de interdependência para com a diferença. Não sendo, portanto, perspectivas dicotômicas, mas interdependentes. Sejam, estas identidades, nacionais, sexuais, de gênero, raciais e étnicas (SILVA, 2000).

Torna-se interessante abordar aqui o tema “circuito da cultura” que se desenvolve pela interrelação entre as categorias identidade, produção, consumo, regulação e representação.

“Como se trata de um circuito, é possível começar em qualquer ponto; não se trata de um processo linear, sequencial. Cada momento do circuito está também inextricavelmente ligado a cada um dos outros. A representação refere-se a sistemas simbólicos (textos ou imagens visuais, por exemplo) tais como os envolvidos na publicidade de um produto, como por exemplo o Walkman⁸. Esses sistemas produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza um tal artefato, isto é,

⁸ O primeiro walkman foi lançado no Japão em 1979. Antes disso, as pessoas utilizavam o rádio e tocadores de fitas para ouvir música. Ao longo do tempo a tecnologia avançou, e hoje, a forma mais utilizada para ouvir música é o celular. O texto em questão foi produzido no ano 2000, quando o Walkman ainda era bastante utilizado. Por isso, foi utilizado no exemplo. E por isso tem um efeito sobre a regulação social.

produzem identidades que lhe estão associadas. Essas identidades e o artefato com o qual elas são associadas, são produzidas, tanto técnica como culturalmente, para atingir os consumidores que comprarão o produto com o qual eles- é isso, ao menos, o que os produtos esperam-se identificarão. Um artefato como o Walkman, tem um efeito sobre a regulação social, por meio das formas pelas quais ele é representado, sobre as identidades com ele associadas e sobre a articulação de sua produção e de seu consumo (SILVA, 2000, p.68).

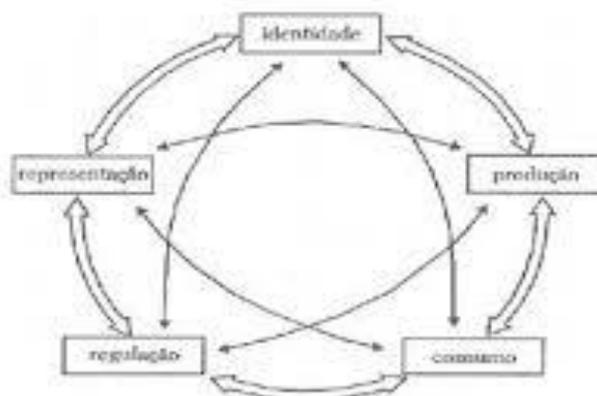


FIGURA 1: Circuito da cultura
FONTE: Du Gay et al. (1997, p. 3)

Figura 2 retirado da obra de Silva (2000, p. xx).

Ao estudar as identidades ligadas ao gênero feminino buscamos apreender de que forma o olhar de si, advindo de mulheres idosas, e que frequentavam o método SUPERA, na cidade de Francisco Beltrão, foi atravessado por questões de gênero.

Cabe ressaltar que a categoria identidade tem assumido uma considerável importância para a teoria social contemporânea; já que as mudanças verificadas nas últimas décadas têm produzido identidades móveis, fragmentadas (HALL, 2000). Dessa forma, a perspectiva unificada, estável e essencialista de identidade tem sido questionada.

Hall (2000), referindo-se a questão das identidades sociais contemporâneas, advoga que depois da década de 70 do século XX passam por uma espécie de descentramento; já que não são mais demarcadas pela correlação, delimitada, entre sujeitos sociais e estruturas sociais. As transformações recentes na consolidação das identidades sociais estariam associadas, segundo o autor, ao movimento sócio-histórico e cultural trazido pelo processo de globalização política, econômica e cultural. Neste sentido, para além de uma identidade constituída a partir da classe social, da religião ou da política, os novos movimentos sociais colocam em pauta questões de gênero, de raça,

de orientação sexual, ao mesmo tempo em que cada um deles passa a afirmar uma identidade específica.

A identidade de gênero, feminino, presente em mulheres idosas, assim nos parece, tende a ser reforçada por práticas e símbolos consolidados por meio de uma representação de si que é atravessada por dispositivos. Representação, entendida aqui a partir das leituras de SILVA, (2000, p.17), que aponta para o fato de que esta

Inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar... A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?

Estas questões remetem diretamente à discussão sobre a relação que frequentemente se estabelece entre identidade e subjetividade. A subjetividade é entendida aqui como “o conjunto dos pensamentos e das emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos. Neste sentido a subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais” (WOODWARD, SILVA, 2005, p. 55). Aspectos importantes a serem analisados quando se pretende apreender as construções identitárias e de consolidação das diferenças. Tais quais as produzidas por mulheres idosas⁹.

Na esteira destas reflexões é possível, ainda, afirmar com Zanello (2018) que as tecnologias de gênero representadas pelas diversas formas de comunicação (revistas, filmes, novelas, comerciais...) influenciam o processo de subjetivação, por meio de caminhos, construídos, reafirmados, mantidos e que definem as diferenças entre homens e mulheres. Percursos, estes, que se delineiam por meio dos dispositivos, assim compreendido por Foucault

Como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. O dito e o não dito são os elementos

⁹ Subjetividade se refere a produção de um sujeito. Pode ser feita a partir da atuação de dispositivos de saber e poder, como também por meio do trabalho que o sujeito faz sobre si mesmo. O que, para Foucault (2005) compõe um processo de subjetivação, ou de uma ação sobre si mesmo.

do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1996, p.244).

Deste modo, compreende-se que os dispositivos¹⁰ são maquinarias institucionais para a produção de sujeitos. Que influenciam na aquisição de gestos, condutas e comportamentos que compõe a identidade destes mesmos sujeitos enquanto homens e mulheres. Uma vez que, ainda para Foucault (1996), os indivíduos são produzidos, fabricados por meio de ações de poder e saber – notadamente nos ambientes institucionais, nas esferas microfísicas: na família, nos ambientes de trabalho, na escola, etc -, sendo atravessados, portanto, por relações de poder que influenciam seus valores, suas atitudes, sua forma de olhar para si e para o mundo¹¹.

Para Zanello (2018), por sua vez, o principal dispositivo de produção do feminino, ou das mulheres, é o dispositivo amoroso. É ele que representa o maior fator de empoderamento e desempoderamento feminino. Para a autora:

Os sentimentos não são naturais, mas configurados culturalmente, na interpersoalidade, em certo momento histórico e em certa sociedade. Há mecanismos sociais e políticos que interpelam determinadas performances e formas de sentir (ZANELLO, 2018 p. 61)

Mais uma vez, aponta para a construção histórica e cultural das identidades. Em sua obra Zanello (2018) utiliza o termo “prateleira do amor”, que representaria o fato de as mulheres se colocarem à disposição dos homens, diante da aprovação do olhar masculino, para serem validadas ou escolhidas. Esta prateleira seria mediada por um ideal estético perverso, típico do começo do século XX e que perdura até hoje. Baseado no padrão: branco, louro, magro e jovem.

Neste sentido, as mulheres buscam desenvolver atributos que as possibilitem ser escolhidas para o casamento, adotando práticas como a utilização de cosméticos, buscando enquadrar-se no padrão de beleza requerido pelos homens. Além disso, há uma preocupação por parte das mulheres no sentido de manterem-se joviais e atraentes.

¹⁰ Para autores como Deleuze (1990) existem três dimensões em um dispositivo: saber, poder e subjetividade. Na dimensão do saber se encontram as curvas de visibilidade e de enunciação. Na dimensão do poder se encontram as linhas de força, sua distribuição e tensão. Por fim existe um processo de subjetivação ou uma produção de subjetividades. Em suma, todo dispositivo visa produzir um tipo de sujeito, uma subjetividade.

¹¹ Foucault desenvolve o conceito de dispositivo na obra: História da Sexualidade 1 (2005) onde expõe quatro conjuntos estratégicos de saber e poder que, a partir do século XVIII foram utilizados no Ocidente: esterilização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso.

Para a autora, quanto mais as mulheres estivessem distantes deste ideal, pior seria sua autoestima, causando uma sensação de estarem encalhadas. Neste sentido o principal capital, a ser usado no que concerne ao casamento, à consolidação do laço matrimonial, encontrava-se na beleza. As mulheres teriam, ou buscariam este capital enquanto um dever ético, no sentido de se sentirem desejáveis. Isto teve como consequências o aumento da concorrência entre as mulheres, bem como a necessidade de consumo de técnicas e intervenções médicas, para aquelas que se sentissem fora deste padrão, socialmente construído.

Perante esta condição são os homens que avaliam as mulheres e que as elegem para o matrimônio. Portanto, este se torna o principal fator de desempoderamento das mulheres e de empoderamento dos homens. Dentro deste contexto, patriarcal e sexista, as mulheres se tornam as responsáveis pela manutenção das relações afetivas). Notadamente àquelas que ocorrem nos lares. Isto porque administrar as relações familiares é visto como um atributo tipicamente feminino. É o que foi possível observar, por meio da fala de Lúcia:

Eu acho que a mulher é muito mais meiga, muito mais fácil de lidar que o homem, claro, tem exceções né, não é que seja só isso. Mas ser mulher, eu acho que é tudo que eu gostaria de ser na vida (Lúcia, 77 anos, 10/07/2020).

Percebemos pela narrativa da entrevistada a confirmação deste ideal adstrito ao comportamento feminino. Ao papel a ser adotado pela mulher, ou seja, de ser a responsável pela manutenção das relações afetivas, no lar. O feminino baseado na capacidade de cuidar das relações afetivas, domésticas. Como um ser que equilibra e ameniza os conflitos.

Este ideal que foi corroborado por outras entrevistadas:

É ser uma boa mãe, uma boa esposa, uma mãe que cuide bem dos filhos, que não abandone os filhos, que cuide da casa, saiba dividir as tarefas, eu acho que é isso. Tem tanta coisa pra mulher! Ser compreensiva com os outros, com os filhos (TEREZA, 68 anos, 15/07/2020).

Ser mulher é ser alguém diferente, é ser tudo, porque além de mulher, companheira, amiga do marido, você é mãe, é dona de casa, é simplesmente vive uma vida diferente, de respeito pelos filhos, é abraçada, é compreendida pelo seu trabalho. Mulher é um ser diferente do homem, porque o homem faz o filho, mas não carrega na barriga,

tem homens que praticamente não ajudam a criar os filhos. O ser humano tá dentro de uma mulher, porque a mulher é tudo. É a compreensão de tudo. Porque se o filho briga, é a mãe que tá ali pra apoiar. Se o pai xinga o filho, é a mãe que é mulher, que recupera o pai e o filho. Então eu acho que ser mulher é tudo na vida. Eu gosto de ser mulher. Eu gosto de ser do jeito que eu sou. A gente escuta e fica quieta, porque tem que ser humilde de aprender e falar o que a gente sabe. Os homens adoecem e morrem mais cedo por isso, porque a mulher trabalha mais o cérebro, e os homens trabalham menos (MARLI, 63 anos, 25/07/2020).

Do depoimento foi possível depreender três ideias centrais: primeiro, da mulher como responsável pelo cuidado, ou seja, como aquela que tem a obrigação de zelar pelo bem estar dos membros da família. Equilibrando as relações. Segundo o dispositivo materno como ordenador da vida, ou seja, a crença de que cabe a mulher gerar a vida, proteger esta vida, mesmo que a despeito de si mesma. Terceiro, o silenciamento como condição de existência, ou seja, o entendimento de que a mulher precisa lidar com os conflitos de forma a amenizá-los, utilizando-se da estratégia da escuta.

Zanello (2018 p.269), diante destes pontos, afirma: “...as relações heterossexuais, em nossa cultura, são profundamente assimétricas. Os homens aprendem a amar muitas coisas, enquanto as mulheres aprendem a amar os homens”. À mulher caberia a responsabilidade de ser escolhida por um homem, mantendo-se desejável, na prateleira do amor. A mulher, enquanto sujeito passivo, permaneceria suscetível a aprovação masculina. O casamento, neste processo, é visto como um troféu a ser exibido. Do contrário, não ser escolhida implicaria na deslegitimação da mulher, enquanto mulher. Daí a beleza atuar como um valor de troca.

Ao mesmo tempo, uma vez escolhida, caberia à mulher a responsabilidade no sentido de manter o equilíbrio nas relações matrimoniais. Diante disto, o progresso profissional e o investimento em projetos pessoais eram/são desestimulados.

Como foi observado na fala da entrevistada:

Eu disse pra minha mãe que não ia mais (escola) e ela disse que tudo bem. Até tentei voltar, sabe, depois que voltamos a morar pra cá, só que não deu certo. Na verdade, não teve juventude, não aproveitei nada. Só na casa dos pais, nunca saía, daí eu casei nova, tinha 17 anos. Nós morávamos no interior, e eu ficava com os filhos. No meu tempo era assim, ter filhos e ser escrava (risos). E hoje as mulheres são muito diferentes. Tem uma vida com mais liberdade (INÊS, 69 anos, 13/07/2020).

Para a autora, podemos observar esta produção subjetiva das mulheres –

perpassada por questões de gênero - em produções cinematográficas como: “Mil vezes boa noite”¹² e “O sal da terra”¹³. Onde aparecem temas como o fato de caber a mulher escolher entre a vida profissional ou a família.

Do ponto de vista do cuidado, cabe a mulher estar disponível ao outro, uma vez que a tarefa de cuidar é naturalizada como parte do papel - único e exclusivamente - da mulher. Logo, o dispositivo materno, constituído desde o século XVIII, envolve dois elementos próprios da chamada natureza feminina: a capacidade de procriar e a capacidade de cuidar. Caberia pensar, entretanto, que a capacidade de procriar caiba a mulher, pelo fato de ela ter um útero; mas que a capacidade de cuidar pode ser uma possibilidade estendida a homens e mulheres. De todo modo, esta tem sido atribuída, histórica e culturalmente, apenas ao sexo feminino. É o que aponta Zanello (2018, p. 270):

As mulheres se subjetivam assim em um heterocentramento (diferente dos homens, que se subjetivam em um ego-centramento, ego-ismo), no qual aprendem a priorizar os outros, sobretudo maridos e filhos, em detrimento de si mesmas. Mesmo sem filhos, uma mulher será demandada a ser cuidadora.

A autora corrobora com uma perspectiva que aponta para o fato de que, assim como encontramos em nossa pesquisa, a responsabilidade feminina diante do cuidado e da priorização do outro, em detrimento de si mesma, perdurou durante muito tempo – e ainda permanece – em nossa cultura. Cuidado, amorosidade, que é complementada, ainda segundo Zanello (2018), por mais um processo de subjetivação feminina, qual seja, o silêncio como fator mediador de conflitos. Deste modo, para manter o bem estar dos outros, as mulheres se calam. Nesse sentido, algumas instituições como a igreja, a escola e até mesmo a própria família reforçaram/reforçam estes comportamentos, inculcados nas mulheres.

É o que pôde ser constatado a partir da fala a seguir:

Me casei com 18 anos, tive 3 filhos maravilhosos, uma benção que Deus confiou a mim. Pra mim trazer eles ao mundo e criar eles. Daí meus filhos tinham [...] o mais velho tinha 11 anos, o do meio tinha 7, e a minha nenê tinha 3. O pai foi embora com outra mulher, eu fiquei

¹² O filme: “Mil vezes boa noite” retrata a história, fictícia, de uma mulher – apaixonada por sua profissão -, que enfrenta desafios diante de seu papel como mãe.

¹³ I filme “O sal da terra” retrata a biografia do fotógrafo brasileiro, Sebastião salgado, sua paixão pela fotografia e a participação de sua esposa nos seus projetos.

sozinha, criei sozinho meus filhos, é uma história assim. Bem...enfim, eu já trabalhava no hospital daí, né? Eu casei, daí saí e depois voltei de novo. Daí o meu filho mais velho, quando tava no segundo grau, chegou pra mim no hospital e falou “Mãe, eu quero fazer faculdade”. Eu ganhava, Dóris, menos de dois salários mínimos pra sustentar três filhos e eu, né? Não era fácil. Eu olhei pra ele e falei “Paulo, faça a tua parte, que é passar no vestibular, que eu vou fazer a minha, que é te manter na faculdade”. Mas que condições eu tinha pra manter ele? Mas foi o que me veio na cabeça, sabe? Parece que alguém me disse “fale isso”. Dóris, e depois que o meu marido foi embora, eu me agarrei tanto com Deus e com os meus filhos, e com o meu trabalho. Eu consegui! Consegui pagar particular pra dois, e um fez no estadual. Então, assim, eu acho bem interessante a minha vida, né? Minha história. Dava de escrever um livro bem bacana (risos). E na época, quando meu filho mais velho entrou na faculdade, eu tava fazendo economia doméstica, porque quando eu era pequena, meu pai me tirou da escola quando eu aprendi a escrever o nome e ler. Ele me tirou pra trabalhar, porque nós tinha que pagar a criação, era desse tempo ainda. Daí eu nunca mais tinha estudado. Daí quando eu fiquei sozinho, que meu marido foi embora, eu comecei a estudar, fiz o primeiro e o segundo grau supletivo, fiz vestibular e passei na Economia Doméstica. Fiz um ano e meio, daí quando o meu filho mais velho passou no vestibular, eu tranquei a minha matrícula da faculdade pra mim manter ele. E nesse meio tempo aí de vai e vem, eu montei uma malharia com a minha irmã em sociedade e foi com o que eu consegui formar meus filhos. Deus vai encaixando as coisas, né? (ELZA, 70 anos, 12/07/2020).

Percebemos, pela fala da entrevistada, a responsabilidade no cuidado com os filhos, tendo em vista que esta toma para si este compromisso, mesmo diante do abandono do marido. Isto porque foi subjetivada a acreditar que este é um papel exclusivamente feminino, temos aqui um exemplo do dispositivo materno.

Da mesma forma a entrevista mostrou o fato de que a mulher deve colocar a si mesma em segundo plano, diante das necessidades advindas dos familiares. O que concorre para que as mulheres abandonem seus projetos pessoais em nome de contribuírem com as demandas advindas de outras pessoas.

Este sentimento de dever de renunciar os seus projetos pessoais é ressignificado diante da influência da religião, ou seja, quando a entrevistada afirma que “eu me agarrei tanto com Deus...”, ela encontra forças para empreender do ponto de vista econômico.

Passagens que puderam ser corroboradas pelo depoimento referendado abaixo:

Olha, pra mim, ser mulher...a gente tem que aceitar e ser, né? E saber levar a vida, porque...saber entender qual é o lugar da mulher. Porque se a gente não sabe qual é o nosso lugar, a gente não vive com ninguém. Numa época a gente tem que ser pai, mãe, professora, médica, tem que ser tudo isso aí. E a gente também tem que saber escutar, não só querer a gente falar. A gente tem uma opinião, mas que nem eu que fiquei 63 anos casada, a gente tem que ter opinião. As vezes a gente quer uma

coisa, mas primeiro vamos conversar, decide, né? E eu era muito mandona, mas não fazia nada se ele dizia que não. Se ele dizia que não, eu ia devagarzinho, ia ensebando até que dava certo (risos). Mas então a gente tem que ser assim, e com os filhos também. Você não pode bater de frente, você tem que ir levando e meio enrolando e assim, aceitar muitas coisas de um jeito, mas também saber tirar um sentido deles. Tem mulher que mudou pra melhor, eu nunca fui muito submissa, mas a gente via mulheres que era só ele que mandava, ele que fazia, né? Só que eu, graças a Deus, não tive isso aí. Só que hoje em dia que deram liberdade pras mulheres. Mas só que elas não sabem aproveitar essa liberdade que eles falam (CLÍDIA, 81 anos, 11/07/2020).

Pelo depoimento da entrevistada “a mulher tem que saber o lugar dela”, ou seja, saber adotar uma postura de escuta, enquanto mediadora de conflitos, ao mesmo tempo em que assume diversas funções tais como a de: mãe, médica, professora [...]. Além disso, o depoimento mostrou uma compreensão acerca do papel a ser desempenhado pelas mulheres, ancorado em formas de resistência muito sutis, como pôde ser observado na expressão: “ir ensebando”, ou seja, adotando uma forma de resistência mediada pelo silêncio e pela paciência. Ações consolidadas de modo a manter o relacionamento, como este dependesse exclusivamente da mulher para ser preservado. Percebemos isto no seguinte trecho da entrevista: “você precisa aceitar muita coisa”. “Outra ideia que aparece no depoimento é a relativa a mudança no comportamento das mulheres, vista não como uma conquista das próprias mulheres, mas como uma concessão advinda da sociedade ou dos homens.

O fragmento de texto acima mostrou que a mulher, em grande medida, é vista como mediadora de conflitos, como alguém que se cala diante da vontade masculina. Que aceita, que cede, para o “bem do casamento”. Diante da impossibilidade de se posicionar ou se opor em determinado momento, cria estratégias para impedir o conflito, mas ao mesmo tempo ter voz e vez nas decisões matrimoniais e familiares.

Já o processo de subjetivação masculina é representado pelo dispositivo da eficácia. Caracterizado pelo endurecimento na relação consigo mesmo, com as mulheres e com outros homens. Este dispositivo está marcado pela virilidade sexual e laborativa. Ao homem, portanto, cabe o papel de provedor da família. Daí “o status e o dinheiro (com seu poder de compra) coroarem a esfera laborativa” (ZANELLO, 2018 p. 271). E mais, o homem necessita se afirmar enquanto homem, na esfera pública (trabalho) e na esfera privada (família). Daí adotar postura condizente com estes papéis, esperados.

Todos estes apontamentos indicam, segundo Zanello (2018), que existe um profundo gendramento nos processos de subjetivação. O que tem como consequência

gerar vulnerabilidades identitárias, de ambos os lados, masculino e feminino. Se as mulheres tendem a se afetar mais com problemas advindos do casamento e da família; os homens se afetam mais diante das dificuldades financeiras e atreladas ao trabalho. O que é mostrado por meio de pesquisa (ZANELLO, 2018), realizada pela autora em uma instituição geriátrica, por meio do tema: Saúde mental, gênero e velhice”. Nesta pesquisa a autora percebeu que os dados levantados indicaram semelhanças nos núcleos temáticos retratados, tanto pelos homens quanto pelas mulheres, “tais como relações amorosas, sexualidade, relação profissional, sentido do envelhecer, relação com o corpo/estética/aparência, internação, relação com a família, etc)” (ZANELLO, 2018 p.272).

A autora reforça, ainda, a resistência encontrada pelos homens, com mais de sessenta anos, no sentido de buscarem aprender coisas novas, recomeçarem. Neste sentido, o aprender, para o masculino, aparece como sinal de fraqueza. A acomodação, a sensação de perda da virilidade e da eficácia laborativa afetam os homens, a partir da terceira idade. O que concorre, por exemplo, para que se mantenham inflexíveis, por vezes, e não reconheçam seus sentimentos, limites e possibilidades, tais como: a de voltarem a estudar, praticarem novos hobbies, intensificarem relações de amizade, viajem.

Tema que foi retratado abaixo, pelas entrevistadas, Lúcia e Marli.

Eu acho que é uma espécie de, como é que se diz? O homem é muito mais macho, né? Ele não se sujeita muito a aprender as coisas, assim. Eu acho que é por aí, não sei. Mas as mulheres, eu acho que tem necessidade de se manter melhor, em forma, em todos os sentidos. De se sentir mais estimulada, também, e não perder o interesse das coisas. Eu acho que é uma coisa que incentiva muito a pessoa (LÚCIA, 77 anos, 10/07/2020).

Deste fragmento foi possível retirar três ideias principais. A primeira, relacionada ao fato de que o homem é visto como viril, menos flexível e, portanto, menos predisposto a aceitar novas situações. A segunda, volta-se ao entendimento de que a mulher é mais flexível, humilde, mantendo-se aberta a novas experiências e a novos aprendizados. E a terceira está relacionada a motivação, vista como traço pertencente as mulheres. O que, de certo modo, foi reforçado por meio do depoimento colocado abaixo:

Porque eu acho que o homem é muito acomodado, tem vergonha de estudar, de fazer as coisas, de perguntar. E o homem é muito egoísta,

eles acham que sabem tudo, e a mulher não, é um pouco mais humilde. A mulher procura ter conhecimentos maiores que o homem. E a mulher já tá passando o homem. Eu percebo pelo meu marido, ele não estudou e não quer estudar. Não admite que errou uma conta e não sabe fazer. Se a gente está em um grupo de casais dá pra perceber que a mulher está falando a verdade e o homem tá dando do contra, porque é ele que sabe, entende? (MARLI, 63 anos, 25/07/2020).

As passagens acima, além de reforçarem aspectos relacionados as características masculinas e femininas, retratadas na entrevista anteriormente apresentada, apontaram para o fato de que os homens tendem a ser egoístas e apegados a ideia de que suas narrativas devem prevalecer.

Lembramos que para Zanello (2018), o processo de institucionalização em casas para idosos era visto, pelos homens que entrevistou em suas pesquisas, como um processo natural, tendo em vista o baixo investimento na família. Deste modo, os homens entendiam que não haviam feito o suficiente pela família. E mereciam, de certa forma, estarem ali. Por conta disto, não analisavam sua situação como fruto de abandono. Já as mulheres perceberam este processo a partir de uma outra perspectiva, ou seja, como uma traição diante de todo o cuidado despendido – por elas – em relação à família.

Do ponto de vista do desempenho sexual e do sucesso profissional, os homens apresentavam um maior sofrimento. A falta do desempenho sexual, vivido no passado, acarretava um esvaziamento de sentido, diante do presente. Para o homem desprovido do dispositivo da eficácia, sobrava a reclamação, adotar um perfil de um chato, por se sentir fora do páreo.

Ao que parece, a pesquisa realizada pela autora, foi demonstrada claramente na fala desta entrevistada. O homem como chato, como preconceituoso em relação ao reconhecimento de suas fraquezas. A tão cobrada virilidade masculina, por uma sociedade e por instituições.

O que foi colocado, explicitamente, abaixo, por Silvana:

Porque eu acho que o homem tem preconceito em relação a qualquer tipo de coisa que tenha que reconhecer alguma fraqueza, no sentido de precisar da ajuda de alguém. O homem pensa que não precisa das coisas, e por isso tem esse bloqueio de não procurar ajuda (SILVANA, 61 anos, 08/07/2020).

Estas discussões mostraram como os papéis sociais – ligados as identidades masculinas e femininas - foram, em grande medida, construídos histórica e culturalmente.

Uma vez que a sociedade influencia o comportamento dos indivíduos, enquanto homens e mulheres, por meio da tentativa de moldar, ambos, em determinados papéis sociais.

Diante disso, a questão da normalização dos comportamentos ocorre por meio da tentativa - social, cultural, institucional, moral - de colocar cada sujeito em lugar previamente estabelecido. Os que não se submetem nestes respectivos papéis, atitudes, são os estranhos, os excluídos. O que pode ser observado, por exemplo, diante do desejo da mulher de entrar nos espaços públicos - na esfera política e ou nos ambientes de trabalho, por exemplo -, que criou uma forma de desprezo, em relação ao seu papel de mãe e de esposa, exercida na esfera privada.

2.2 Vida e envelhecimento ativo: desafio das mulheres com mais de 60 anos

O crescimento da população com mais de 60 anos é uma tendência que se acentua nas últimas décadas. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde- OMS, em 2025 o Brasil será o sexto país no mundo com o maior número de idosos. Da década de 1980 para os anos 2000 esta parcela da população passou de 7,3 milhões para 14,5 milhões. Este crescimento foi acompanhado pelo aumento da expectativa de vida que hoje é de 76,7 anos, sendo que em 1980 era de 62,6 anos (World Health Organization, 2005). Desta forma, o aumento da expectativa de vida aliado a uma redução da taxa de natalidade, caracteriza um cenário com população considerável de pessoas com mais de 60 anos. E este quadro traz consigo preocupações e necessidades de investimentos na qualidade de vida das pessoas desta faixa etária.

Envelhecer com saúde física e mental tornou-se uma demanda das pessoas com mais de 60 anos. Ainda, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, as mulheres têm uma expectativa de vida maior que a dos homens (79,9 anos para mulheres e 72,8 anos para homens). Ou seja, as mulheres vivem em média sete anos a mais do que os homens. Estes resultados inquietaram e nos impuseram questionamentos: por que as mulheres vivem mais? Quais os fatores estão interferindo nestes resultados? O que as mulheres fazem para viverem mais? Nesta perspectiva se encontrou a pesquisa. Como se dá a produção subjetiva destas mulheres com mais de 60 anos? Qual o papel desempenhado por elas? Como assinalam sua presença na esfera pública ou privada? A partir do resultado e análise desta pesquisa buscou-se compreender um pouco deste universo feminino e responder alguns dos questionamentos citados.

No caso de mulheres idosas, provavelmente as formas de domínio, advindos do

gênero masculino, (atravessada por questões geracionais), tendem a impor padrões de controle sobre estas subjetividades. Subjetividades, entretanto, que na atualidade parecem adotar uma performatividade propositiva, como que transgredindo os padrões tradicionais. Embora seja necessário afirmar que dispositivos femininos ainda continuem presentes. De todo modo, como vimos no item anterior desta seção, os dispositivos de afetividade e maternidade, característico da produção subjetiva feminina, principalmente nesta geração de mulheres com mais de 60 anos, parece estar se enfraquecendo, mudando padrões. Apesar desta subjetividade histórica e cultural ser uma mudança lenta, por manter-se fortemente arraigada nesta construção do feminino, os movimentos que se propõe a quebrar alguns destes paradigmas contribuíram para mudanças nos comportamentos e posicionamentos adotados por mulheres, na esfera pública e privada

Assim, para investigar como se dá esta produção subjetiva de mulheres, com mais de 60 anos, foi feita esta investigação, que passou necessariamente pelo conceito de envelhecimento. Utilizado, aqui, a partir do padrão referendado pelas Nações Unidas, para definir pessoas “mais velhas”, como sendo pessoas com mais de sessenta anos ou 60+. Porém, precisamos reconhecer que a idade cronológica pode não servir como marcador exato para o processo de envelhecimento e as doenças que, por vezes, aparecem na vida do sujeito. A participação e os níveis de independência variam entre pessoas com mais de 60 anos. Para que o envelhecimento seja ressignificado é preciso investir em políticas públicas e na qualidade de vida das pessoas desta faixa etária.

Segundo a Organização Mundial da Saúde- OMS “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (World Health Organization, 2005, p.14). Para Doll (2006), envelhecimento ativo pode ser entendido como “as competências das pessoas idosas e as possibilidades de participarem ativamente na sociedade”. Portanto, em ambos os conceitos, a palavra participação se destaca. Participação que se torna ativa a partir das competências e das possibilidades oferecidas e estimuladas a este público.

O envelhecimento ativo permite que as pessoas entendam e desenvolvam seu potencial físico, social e mental ao longo de toda a sua vida. Estar ativo é sinônimo de participar das questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis. E não somente estar bem fisicamente e fazer parte da força de trabalho.

Para a OMS, o envelhecimento ativo tem como objetivo aumentar a expectativa de uma vida saudável e proporcionar qualidade de vida para as pessoas que estão em

processo de envelhecimento. O objetivo é manter a autonomia e a independência de indivíduos com mais de 60 anos, pois “autonomia é a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências”. Por independência entende-se: “como a habilidade de executar funções relacionadas a vida diária - isto é, a capacidade de viver independentemente na comunidade com alguma ou nenhuma ajuda de outros” (World Health Organization, 2005, p.15).

Esta autonomia e independência necessárias para que indivíduos com mais de 60 anos se sintam parte ativa da sociedade é uma das propostas do Supera. Instituição onde realizamos o trabalho de pesquisa. E que será apresentada, aqui, de forma mais detalhada. Por meio de informações retiradas do Manual Pedagógico Institucional do Supera (2020).

Cabe ressaltar que o Método Supera busca fazer com que as/os alunas/os desenvolvam habilidades cognitivas como: memória, visão espacial, atenção, raciocínio lógico e linguagem. Como já foi referido, este processo acontece por meio da utilização de ferramentas como o ábaco, as apostilas Abrindo Horizontes, as neuróbicas, as dinâmicas, os jogos e o uso de plataforma de jogos online.

Tal como referido as neurociências, a educação e a aprendizagem são fundantes desta proposta de ensino.

Nas NEUROCIÊNCIAS, como uma abordagem complexa e integradora da mente humana; na EDUCAÇÃO, como princípio do que a escola propõe ao indivíduo e, na APRENDIZAGEM, como aquilo que o indivíduo modifica em si mesmo (Manual Pedagógico Institucional Supera, 2020, p.30).

Na proposta pedagógica do Supera, as neurociências procuram, por meio do estudo do funcionamento do cérebro, estimular áreas estratégicas para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, bem como, desenvolver o equilíbrio emocional. Em conjunto com a educação e a aprendizagem (como algo modificável), proporcionar qualidade de vida para as pessoas, por meio do fortalecimento da autonomia de cada sujeito.

Faz parte, ainda, do Manual Pedagógico (2020) a intenção de ativar as competências e experiências adquiridas, por meio do desenvolvimento de três eixos norteadores: competências cognitivas (aprender a aprender e o aprender a fazer), competências socioemocionais (aprender a conviver) e competências éticas (aprender a ser). Estes seriam os parâmetros estabelecidos pela UNESCO, denominados Pilares da Educação.

Segundo o Manual, o aprender a aprender e o aprender a fazer compõe as habilidades cognitivas. Habilidades relacionadas a interpretação, reflexão, pensamento abstrato, generalização de aprendizados, manutenção de memória, atenção, raciocínio lógico, criatividade, análise e síntese para a tomada de decisão e dedução, que são importantes para a aprendizagem no que se refere a resolução de problemas.

O aprender a conviver se refere as competências socioemocionais. Estas habilidades envolvem a capacidade de articulação de pensamentos, sentimentos e ações que possam refletir positivamente em suas relações intra e interpessoais. Habilidades estas, que conforme o manual Pedagógico Institucional do Supera (2020) descreve na página 30, devem fazer parte do repertório do sujeito:

[...] ter espírito inovador e colaborativo, estar aberto a novas ideias e lidar com desafios; desenvolver a imaginação criativa, o trabalho em equipe, o estabelecimento e atendimento de regras, a comunicação, a superação de conflitos e a competição saudável, a autoconfiança, a autoestima, a iniciativa social, a assertividade, o entusiasmo; lidar com o ganhar e o perder com tolerância à frustração, ao estresse.

E, por fim, o aprender a ser que está relacionado as competências éticas. Segundo o manual, o aprender a ser envolve habilidades como: cultivar o bem-estar pessoal e coletivo, o equilíbrio nas ações individuais para um bom funcionamento do grupo social; conhecer os próprios limites e respeitar os direitos dos outros. Estar engajado cívica e eticamente, também se configura como uma maneira de mostrar vínculos positivos com a educação.

Enfim, compreende-se que com o desenvolvimento das habilidades descritas acima, cognitivas, emocionais e éticas, pretende-se contribuir para um sujeito mais ativo e mais autônomo. Este fato, corrobora com os resultados da pesquisa realizada com as alunas com mais de 60 anos do Supera, pois, percebe-se pelo depoimento das mesmas, a necessidade e a vontade de se manter em processo de aprendizado sob todos os aspectos (cognitivos, socioemocionais e éticos), para manter-se a autonomia e a qualidade de vida.

Ainda, conforme relata o Manual Pedagógico Institucional do Supera (2020) a instituição tem como objetivo trabalhar o cérebro na sua totalidade, sustentando-se em três princípios: novidade, variedade e grau de desafio crescente.

Estimulamos o desenvolvimento de novas redes neurais e a produção de neurotransmissores (dopamina, adrenalina, noradrenalina, endorfina, etc.) que aumentam a quantidade e qualidade das sinapses (conexão entre os neurônios), ampliando a capacidade de

processamento e a reserva cognitiva do cérebro (Manual Pedagógico Institucional Supera, 2020, p.31).

Esta reserva cognitiva se constrói a partir do ritmo de cada aluna/o de forma individual, ou seja, possibilidade de realização das atividades e uso de material direcionado a cada aluna/o de acordo com o nível cognitivo individual.

Do ponto de vista das aulas, ocorrem atividades individuais e coletivas, que buscam estimular o debate, a participação e a interação de todas/os, caracterizando-se como uma metodologia dinâmica. Conforme podemos verificar no trecho abaixo:

Transmitir conhecimentos e ensinar procedimentos não são suficientes para assegurar que o/[a] aluno/[a] se torne um indivíduo autônomo, capaz de transcender e reutilizar aprendizagens em diferentes contextos. A aprendizagem se constrói em um processo equilibrado entre a elaboração coletiva e a personalizada. Cada aluno/[a] desenvolve um percurso mais individual (incentivo ao gerenciamento dos percursos de aprendizagem individual) quando utiliza as ferramentas ábaco e coletânea de livros Abrindo Horizontes; coletivo quando participa em atividades cooperativas e colaborativas (aprender juntos) por meio de jogos pedagógicos (Manual Pedagógico Institucional Supera, 2020 p.32).

Neste contexto, a/o educador/a assume o papel de mediador/a na aplicação da metodologia. Apoiando e estimulando a/o aluna/o a trilhar, percorrer caminhos necessários para a elaboração dos conhecimentos, vistos como processos associados ao viver. Já a/o aluna/o é protagonista da sua própria construção do conhecimento. Ao educador cabe, ainda, a função de selecionar os melhores estímulos para desenvolver competências e habilidades em suas/seus alunas/os, por meio da utilização das ferramentas já citadas.

Ferramentas como o ábaco que tem como objetivos específicos estimular a agilidade de cálculos mentais, treinando habilidades como: atenção, concentração, raciocínio lógico e coordenação motora. Além disso, dentre os resultados esperados, a partir do treino com o ábaco, o Método Supera busca estimular a construção da memória de trabalho (memória operacional), a orientação espacial, a memória fotográfica, entre outros.

As apostilas Abrindo Horizontes caracterizam-se como uma coletânea de atividades variadas, que têm como função desafiar o potencial cerebral. Além de

estimular as sinapses e as conexões de novas redes neurais. Tais movimento pretendem tirar o cérebro da rotina e melhorar a concentração e a memória. A/o aluno/a na busca da resolução das atividades, necessita aprender a desenvolver diferentes estratégias cognitivas. De acordo com a proposta do Supera os resultados esperados podem ser assim sintetizados: arquivar na memória de longo prazo informações que tenham um significado maior para o aluno, estabelecer conexões lógicas e generalizações, planejamento e tomada de decisões, combinação de estratégias de aprendizagem, criatividade, a elaboração de perguntas e hipóteses, entre outros. Dentre as atividades encontram-se jogos de raciocínio lógico (Sudoku, Arukone, Hitori, Hashi, etc), atividades de linguagem, desafios de sequências, etc.

Os jogos pedagógicos, por sua vez, têm como objetivo potencializar as atitudes e os comportamentos necessários ao desenvolvimento da competência sócio emocional, estimular o trabalho em equipe, a cooperação, a colaboração, lidar com regras, resolução de conflitos, desenvolvimento de estratégias etc. Segundo o Manual Pedagógico do Supera (2020) os jogos representam uma forma lúdica de desenvolver as competências cognitivas, sócio emocionais e éticas dos indivíduos, ajudando na reorganização do cérebro, conforme o uso, o que para o Supera é chamado de plasticidade cerebral, ou seja, a capacidade do cérebro de mudar ao longo da vida, de acordo com a realização de atividades.

Outra ferramenta utilizada pelo Supera são as neuróbicas, que consistem em ações para tirar o cérebro da zona de conforto, o que podemos chamar de sair do piloto automático. As neuróbicas representam uma forma diferente de realizar atividades cotidianas. Por exemplo: escrever com a mão não dominante, mudar um percurso, memorizar palavras, etc.

Para a Metodologia Supera, as dinâmicas representam uma ferramenta de interação social. Atividades como situações simuladas, debates, desafios em grupo constituem o fazer pedagógico cotidiano. Com tais procedimentos os proponentes do Método Supera acreditam desenvolver as competências sócio emocionais e éticas dos alunos participantes.

E por último, o uso da plataforma de jogos online, feito para desenvolver as diversas habilidades cognitivas.

As sessões de treinamento são construídas de acordo com o histórico dos resultados e do comportamento do usuário, de modo

que as atividades são adaptadas e os níveis de dificuldades são propostos pelo instrutor virtual de acordo com o perfil do usuário. Os usuários também têm a oportunidade de controlar o jogo, mas as recomendações do instrutor virtual são sempre fornecidas ((Manual Pedagógico Institucional Supera, 2020, p.55).

Estas seis ferramentas compõem a metodologia utilizada no Supera.

Neste processo, as turmas são divididas de acordo com a faixa etária e o perfil, ou seja, 60+, adultos, adolescentes e crianças. As aulas são semanais (2hs), mas as atividades se estendem para além da sala de aula.

No caso mais específico da unidade do Supera localizada na cidade de Francisco Beltrão, observou-se que cerca de 90% das alunas eram mulheres. A partir desta realidade surgiram alguns questionamentos: por que as mulheres procuram esta forma de serviço? Que conceito de envelhecimento estas mulheres manifestam? Quais as representações de envelhecimento ativo circulam entre o grupo de mulheres investigadas?

Além disso, para as pessoas que procuram a escola, umas das maiores queixas é a falta de memória, ou enfraquecimento dos processos mnemônicos. Entre as pessoas com mais de 60 anos a realidade não é diferente. Por isso, desde a realização da entrevista inicial, que é feita individualmente com as/os alunas/os matriculadas/os, existe um cuidado no sentido de estimular a memória.

Cabe destacar que para o Método Supera, no que se refere a memória, existem dois tipos de memória, ou seja, as de longo e de curto prazo. Segundo Thaís Bento, gerontóloga e doutora do Departamento de Neurologia Cognitiva e comportamental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), que presta assessoria para o método supera, memória consiste na:

Nossa capacidade de gravar, armazenar, e posteriormente acessar diversas formas de conhecimento. A memória é composta por um complexo sistema de habilidades especializadas, mas que trabalham de modo complementar (Extranet Supera, 2020).

Já para Ivan Antonio Izquierdo, médico e cientista argentino, pioneiro no estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado:

Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se

aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente (IZQUIERDO, 1988, p.89).

As duas citações referem-se a armazenamento e evocação ou acesso de informações em determinadas situações. De acordo com a situação utilizamos nossas memórias de curto ou de longo prazo. A principal memória de curto prazo é a memória de trabalho, que representa o armazenamento temporário de informações recentes para a realização de atividades do dia a dia. Como por exemplo a memorização de um número de telefone. A memória semântica, procedimental, episódica e autobiográfica são tipos de memórias de longo prazo.

Cabe salientar que a questão da memória é preponderante, no caso das alunas do Método Supera, turma 60+, quando se trata da procura por tal escola. Tal como pôde ser observado no trecho de uma das entrevistas colocada abaixo:

Eu tenho uma expectativa que me ajude a melhorar a minha memória. Mas eu tô aprendendo muita coisa, eu não consigo, assim, gravar [...] eu espero me recuperar e conseguir gravar mais. As vezes coisas que eu vi, por exemplo, eu tenho muita dificuldade de conseguir gravar como é que eu continuo fazendo aquele trabalho, sabe? Mas eu acho que eu tenho uma perspectiva muito grande que vai me ajudar nessa dificuldade que eu tenho (LÚCIA, 77 anos, 10/07/2020).

Como percebemos a entrevistada referiu a dificuldade de rememorar acontecimentos recentes, ou seja, relacionadas a memória de trabalho. Percebeu-se que existia uma preocupação em recuperar a memória de trabalho, em lembrar informações adquiridas recentemente.

Quanto a memória de longo prazo, neste caso a memória episódica, aquela que se relaciona as experiências e aos acontecimentos ocorridos ao longo da vida, os alunos 60+ apresentavam maior facilidade para lembrar. Como, por exemplo nesta fala que lembrou de coisas ocorridas na infância.

Saudades [...]em casa só tinha um rádio e meu pai que mexia, ninguém podia mexer. Mas ele, meu pai, eu e a minha irmã mais nova, nós cantávamos que era uma coisa [...]e a gente aprendia no rádio, mas quando ele ligava. Aí ele chamava pra cantar. Quando a gente era meninota assim. Foi muito bom. Eu tive uma infância apesar de não ter nada naquele tempo, eu acho que eu tive uma infância muito boa (LUCIA, 77 anos, 10/07/2020).

Podemos perceber que neste caso a memória está ligada as emoções. Pois a depoente lembrou os personagens: ela, o pai e a irmã. O cenário, a casa da família, as ações que realizava com os familiares e os sentimentos que tais práticas provocavam naquele momento. Na narrativa, estabeleceu-se uma conexão com o presente que se mostra na conclusão “eu tive uma infância feliz”. Recordou um tempo, mas sobretudo lembrou das sensações que a relação com aqueles familiares provocava. Nestes termos, a memória se apresentou como lugar de encontro, do seguro, de felicidade. Sobre este ponto, Izquierdo (1988, p.89) lembra que “memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou)”.

Ainda com relação a questão da memória, a entrevistada Elza afirmou: “Tô prestando mais atenção nas coisas, lembrando bem mais das coisas, porque eu andava muito esquecida. Eu tô até dormindo melhor”. Nesta fala a depoente referiu a identificação de uma situação-problema: dificuldades de concentrar atenção. Da mesma forma, demarcou que sentia nas ações diárias certa revitalização da memória. A entrevistada tributou ao Método Supera mudanças que implicaram na sua capacidade de lembrar e, também, a melhora no que se refere aos momentos de repouso, pelo fato de perceber que passou a dormir melhor. Sendo assim, a entrevistada percebeu seu desenvolvimento a partir da utilização da Metodologia Supera.

Quando questionada acerca do que a levou a cursar o Supera, sua resposta foi: “pra mim melhorar minha memória, melhorou minha qualidade de vida, porque melhora mesmo, né? Ajuda a gente em tudo, meu Deus, muito bom”. De acordo com esta entrevistada, a proposta da metodologia atingiu seu objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com mais de sessenta anos.

Percebeu-se este mesmo reconhecimento na fala da depoente Edna, quando respondeu à questão: você notou alguma diferença depois que começou a cursar o Supera?

Sim, principalmente a memória. Nossa, como a gente vai perdendo a memória. Então o meu objetivo maior era esse. Claro que acho que nem milagre pra recuperar toda memória da gente (risos). Mas ajuda bastante, as técnicas que você passa pra gente ajuda...várias coisas que ajudam a gente a pelo menos superar um pouco essas deficiências. O nome veio a calhar também, Supera, a gente supera algumas coisas (EDNA, 64 anos, 18/07/2020).

Nesta fala percebeu-se a importância das técnicas de memorização utilizadas em aula. Ainda quando perguntada sobre a percepção de mudanças no desempenho das atividades diárias, a entrevistada respondeu:

Sim. A primeira coisa foi que eu fiquei mais autoconfiante. E consegui, assim, ter um pouco mais assim, de...saber guardar as coisas na memória através das técnicas. Eu acho que era o objetivo principal que eu procurava. Fazer associações, isso aí eu consigo aplicar, no meu dia a dia, no meu trabalho, com as coisas que eu tenho que saber (EDNA, 64 anos, 18/07/2020).

Outra entrevistada comentou que as atividades desenvolvidas no curso são importantes para prevenir doenças degenerativas do cérebro como o Alzheimer, que pode comprometer a autonomia e consequentemente a qualidade de vida das pessoas.

Eu queria fazer uma coisa diferente, pra não ficar muito parada, né? Afinal que eu nunca parei, mas quando eu fiquei cuidando do meu velho e descobri a doença dele, então eu fiquei pensando “eu tenho que fazer alguma coisa pra Deus me ajudar que ninguém precise me cuidar como eu estou cuidando dele”, porque não é fácil lidar com as pessoas com a doença que ele tinha, o mal de Alzheimer como as pessoas dizem. Porque a gente tem que ter muita paciência, relevar muitas coisas, e eu achei que é difícil a outra pessoa ficar do meu lado como eu cuidei do meu velho, então eu sempre quis fazer alguma coisa diferente pra não chegar nesse ponto (Clídia, 85 anos, 11/07/2020).

Já existem pesquisas, apontadas pelo Supera, que afirmam que o treino cognitivo pode retardar em até sete anos o aparecimento dos sintomas da doença de Alzheimer (Extranet Método Supera, 2020). Por isso, no Método Supera, as/os educadoras/es procuram trabalhar em sala com as emoções, como forma de estimular o desenvolvimento da memória. O que corrobora com o conceito de Izquierdo (1988) que afirma que somos quem somos porque lembramos de quem somos.

Ressaltamos a fala das entrevistadas, quanto ao fato de que, as mulheres com mais de 60 anos que procuravam o SUPERA e que representavam aproximadamente 90% do público que frequentou a instituição, em Francisco Beltrão, agiam de modo a manterem-se ativas, conservando sua autonomia e prevenindo possíveis doenças degenerativas do cérebro. Esta ação transcorria enquanto produção subjetiva, uma vez que partiu da

iniciativa das mulheres e se configurou como produção de si. No sentido do cuidado para com sua saúde mental.

No que se refere a questão dos dispositivos, pôde se afirmar que o fato de aproximadamente 90% do público que frequentava o Supera ser de mulheres, demonstrou que os homens, com mais de 60 anos, realmente apresentavam dificuldades para envolverem-se com novas atividades, quando estavam nesta faixa etária. Já as mulheres, com mais de 60 anos, apesar de ainda manterem-se subjetivadas pelos dispositivos de afetividade e de maternidade, estavam abertas a novas experiências. O que concorreu para que desenvolvessem o cuidado de si.

Este cuidado, todavia, se apresentou quando as mulheres estavam em momento da vida, caracterizado pelo fato de não terem que se dedicar, de forma mais intensa, a família, aos filhos e ao próprio esposo. Que pode, inclusive, já ter falecido, tendo em vista que os homens vivem, em média, 7 anos a menos do que as mulheres, no Brasil. No caso das alunas da turma 60+, que foram entrevistadas, 60% eram viúvas.

Deste modo, o fato das mulheres, turma 60+, serem a maioria e apresentarem motivação, diante das aulas que recebiam no Supera, pôde indicar a existência de um processo onde se cruzam dispositivos, ainda presentes na vida destas mulheres, com novos processos de subjetivação, ou seja, com a presença de novos desafios (que são aceitos) por estas mulheres e que indicaram que as mesmas estavam abertas à novas experiências e formas de verem, a si mesmas e à vida.

III – A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO: DISPOSITIVOS ATIVOS NA PRODUÇÃO DA MULHER COM MAIS DE 60 ANOS

Apresento nesta seção conceitos centrais para a conclusão do estudo de meu tema de pesquisa. Estudos em um primeiro momento, sobre memórias e percepções na construção do feminino que se subdividem em categorias como: infâncias, juventudes, educação formal, religiosidade e trabalho. E em um segundo momento, estudos sobre a mulher com mais de 60 e a produção de si.

3.1 A construção do feminino: memórias e percepções

Conforme demonstramos nas seções anteriores, toda identidade é uma construção histórica e cultural, ou seja, a produção identitária de cada sujeito ou grupo se dá de modo peculiar diante das percepções estabelecidas em torno das relações consigo mesmo e com outros que vivem tempos e contextos específicos. Nessa construção entram em ação elementos diversos que atuam como marcadores identitários dos sujeitos os quais compartilham um certo tempo e lugar comum, enquanto efeitos de cada existência o que suscita percepções particulares manifestadas por meio da linguagem e de memórias, entre outras formas de expressão que são constituidoras das subjetividades. Portanto, não há um passado ou presente a ser vasculhado como dado, mas processos de produção identitária que constituem o que é dito e instituído como o sujeito objetivado.

Com isso, dizemos que não há uma identidade ou diferença essencializada, e sim a produção simbólica de identidades e diferenças construídas pela cultura mediante práticas de significação que atribuem posições de poder a cada sujeito ou grupo de sujeitos nas relações sociais em cada contexto histórico (WOODWARD, 2000).

Assim, mostraram as mulheres entrevistadas que, ao relatarem suas histórias de vida, constituíram práticas de significação dos modos como percebiam suas próprias existências, produzindo relações de si para consigo e com outros que conviveram. Por meio da análise das narrativas das mulheres identificamos marcadores identitários que aparecem como elementos significantes das memórias manifestadas e que enumeramos como categorias recorrentes, sendo elas: infâncias, juventudes, relações familiares, matrimoniais, maternas, religiosas, educacionais e de trabalho.

Trataremos, na sequência, de cada uma dessas categorias, procurando evidenciar como acontece a produção de si (do feminino) por parte das entrevistadas, notadamente por meio das memórias ativadas diante da pesquisa.

3.1.1 Infâncias: seleções e reminiscências

Para Norbert Elias (1998) a noção de tempo é uma especificidade do ser humano. Por isso, a partir de diferentes sociedades, diante de diferentes concepções de tempo, o ser humano foi absorvendo experiências, criando memórias e produzindo significados existenciais. A própria construção dos laços sociais, em grande medida, vai se desenhando em torno dessas memórias, colhidas, organizadas por meio do tempo.

Podemos dizer que a cultura ocidental se sustenta numa concepção cartesiana de tempo herdado das ciências modernas que substitui o tempo atribuído pelas culturas tradicionais como decorrência da observação de fenômenos naturais pelo tempo medido, quantificado de acordo com a contagem de unidades numéricas, como horas, dias, anos, décadas, séculos. E, no que tange a existência humana, prevalece um pensamento cronológico que distribui a vida em etapas gradativas de amadurecimento biopsicossocial, distribuído em faixas etárias que definem os períodos da infância, juventude, maturidade e velhice.

Quanto à concepção moderna da infância, trazemos aqui os estudos feitos por Ariès (1973) na obra “História Social da Criança e da Família” e De Mause (1991) em “História da Infância”, publicada inicialmente no ano de 1974, para compreender o processo histórico pelo qual o conceito infante (palavra cujo sentido etimológico é “aquele que não faz”) indica a primeira fase da vida humana como tempo de ócio e inocência, em que caberia aos adultos assumirem os cuidados e a educação das crianças. Apartar as crianças do mundo dos adultos e prepará-las para a inserção social passou a ser o objetivo dos estudiosos das infâncias que defendiam a proteção dos infantes frente às condições de trabalho e exploração da mão de obra infantil e da violência praticada pelos castigos físicos. Até então não havia diferenciação entre a vida dos adultos e das crianças. Ao mesmo tempo as crianças não eram dotadas do poder de decidir ou dizer o que pensavam ou queriam diante dos mais velhos.

Percebemos que as mulheres pesquisadas reforçaram em suas narrativas memórias de infâncias em que viviam essa condição de pertencimento ao mesmo mundo dos

adultos. Mulheres que viveram as infâncias nas décadas de 1940 (Clídia, Tercila, Lúcia) 50 (Elza, Inês, Tereza, Carmelita) ou 60 (Edna, Marli e Silvana), moravam com suas famílias em localidades interioranas e rurais, distantes dos centros urbanos e das discussões de um mundo acadêmico-científico que iniciava a produção de novos conceitos em torno da infância. Essas mulheres, quando crianças, não gozavam de um tempo livre para brincar ou esse tempo era escasso, pois trabalhavam lado a lado com seus familiares ou para outras pessoas e dependiam disso para sobreviver, como mostraram os relatos:

Eu nasci em Rio do Sul, Santa Catarina. Daí fiquei lá até...não era bem 7 anos. Daí meus pais me levaram no colégio, com as irmãs catequistas franciscanas. E a minha infância foi dentro desse colégio, porque eu saí de lá não tinha 18 anos. De lá, daí meus pais vieram de mudança pra cá por causa de problema de família, eles tinham separado, daí ele foi pra lá e a mãe veio pra cá. E a gente veio pra cá numa vida muito, assim [...] a gente empobreceu de vez. Porque meu pai ficou com tudo lá, e nós aqui ficamos sem nada. E no começo, aqui, pra nós comer, nós era em 3 irmãs só, mas nós ficamos sem comida nenhuma porque pra nós entrar na casa onde meu pai tinha comprado nós tinha que dar o restante do dinheiro pra pegar a chave, se não nós ia ficar em cima do caminhão. Daí ficamos sem comida nenhuma, porque o que nós tinha de comida e coisa era lata de marmelada, lata de melado, máquina de costura, nós entregamos tudo. Eles deixaram nós só com uma mala. Daí conseguimos entrar na casa. Daí pra comer tinha os polacos que eram vizinhos e tinham uma mecânica, e daí a gente foi pedir serviço. Aí eu acho que tinha umas 50, 60 peças de roupa tudo mecânica e suja, daí eles deram pra nós lavar. E eles pagavam nós com uma bacia cheia de pedaço de queijo e pedaço de pão. Nós passamos uns 3 dias, eu, minha falecida mãe e a minha irmã. Daí a gente ainda carpia lote, daí nós pegamos serviço de carpir uns lotes, ali no centro (CLÍDIA, 85 anos)

Eu fui criada com a minha madrinha, e as minhas irmãs com as avós, meu pai não ficou com nenhum, porque já teve um irmão que, meu pai tinha gado, e um dia com tempo de chuva, meu pai pediu pro meu irmão fazer algo pra ele, e caiu um galho em cima dele, aí ele acabou morrendo. Então assim aconteceu. Já tinha falecido a filha da minha madrinha, então eles se combinaram de eu ir com ela. Aí fomos pra Linha Alegre, que todos os parentes moravam lá. Aí voltamos pra Ponte Serrada porque a madrinha comprou uma casa, mas ficava bem longe. Ali ficamos bastante tempo (TERCILA, 81 anos).

“[...] Eu nasci no dia 18 de dezembro de 1942, em Nova Araçá no Rio Grande do Sul. Meus pais são filhos de italianos. Hoje eu estou com 77 anos. Eu tive uma infância eu digo que feliz, apesar de na época não ter nada né. Não tinha boneca pra brincar, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha revista, não tinha nada pra gente se instruir. Mas eu acredito que eu tive uma infância boa, muito legal assim, sabe? A gente brincava muito de casinha que a gente fazia no quintal. É, mas foi uma infância assim, muito simples. Eu não tenho [...] assim [...] queixa de ter vivido assim. O tempo era assim, né? Meu, saudades [...] em casa só tinha um rádio e meu pai que mexia, ninguém podia mexer. Mas ele,

meu pai, eu e a minha irmã mais nova, nós cantávamos que era uma coisa [...] e a gente aprendia no rádio, mas quando ele ligava. Aí ele chamava pra cantar. Quando a gente era meninota assim. Foi muito bom. Eu tive uma infância apesar de não ter nada naquele tempo, eu acho que eu tive uma infância muito boa” (LÚCIA, 77 anos).

Então, meu nome é Elza, eu nasci em Caçador, Santa Catarina. Vim de lá com três anos de idade, a gente sempre morou no interior, meus pais trabalhavam na roça. Eu desde pequena, assim [...] eu não lembro de eu brincando, eu lembro, quando eu tinha 7 anos a gente já vinha da roça carregado de pasto dos animais, né? E eu não consigo lembrar das brincadeiras nossas, nada. Só lembro daí pra frente (ELZA, 70 anos).

Eu nasci em Joaçaba, Santa Catarina. Fui de uma família de 3 irmãos, tenho uma irmã e um irmão. Meus pais trabalhavam na roça. Eles tinham uma fábrica de papelão, depois uma comercioriazinho, e trabalhamos na roça. Nós trabalhava junto, com 8, 9 anos eu já tava na roça. Nós moramos em Renascença antes de vir pra cá. Aí aqui nós plantava um pouco, tinha bastante fruta. Nós ficamos 4, 5 anos ali e depois fomos pra Santa Rosa, km 8. Na minha infância a gente brincava, no domingo tinha as amigas (INÊS, 69 anos).

Eu nasci no Rio Grande do Sul, em Erechim. Nasci dia 28/03/52. A gente veio pra Beltrão eu tinha 8 meses de vida. O Pai comprou um sítio ali em São Progresso e a gente veio morar ali. E a cidade aqui de Beltrão era só mato, tinha uma loja só. Aí depois o pai comprou outro sítio e a gente foi trabalhando ali, trabalhando na roça, e a gente é em 8 irmãos, tem 3 falecidos, então era em 11. E a gente trabalhava sempre na roça, e quando meus irmãos eram pequenininhos, eu era a mais velha, então eu tinha que ficar em casa, tive que parar de estudar para cuidar dos meus irmãos. Aí a gente foi crescendo, aí tinha um vizinho lá que era em 16 irmãos, e nós era muito amigo deles, a gente cantava, saía fazer serão, quando a gente ia fazer a roça era do lado uma da outra, aí eles cantavam do lado de lá e nós cantava pro lado de cá. De noite a gente contava piada, eles contavam muito causo, muita história. No domingo nós fazia boneca de sabugo de milho verde e a gente brincava. E assim a gente foi crescendo, sempre trabalhando na roça” (TEREZA, 68 anos).

Eu não nasci aqui, nasci em uma cidade do Paraná que se chama Malé. Meu pai era militar, então ele ia transferido pros lugares, e foi transferido pra lá. Aí eu nasci lá, minha segunda irmã e meu terceiro irmão também nasceram lá. Aí meu pai foi transferido pra cá, e na época se chamava Marrecas. Aqui minha mãe teve mais uma filha, nós somos em 3 mulheres e um rapaz. Eu tive minha infância aqui, estudei no colégio Glória. Tive uma infância muito boa, muito divertida, com muitos amigos, muita brincadeira...naquela época a gente brincava de casinha, de festa de São João, a gente era muito unido (CARMELITA, 68 anos).

Nossa! Na época da minha infância, foi uma infância muito feliz. A gente brincava na rua, brincava com os vizinhos, a rua onde eu morava chamava rua Rio de Janeiro, hoje recebe o nome do meu pai, Antônio de Paiva Cantelmo. Mas era uma rua que tinha muitos vizinhos e todos tinham muitos filhos, e a gente brincava muito na rua, jogava caçador,

esconde-esconde, foi uma infância assim, bem agradável, e na rua, né? A gente brincava muito. Em casa a gente tinha muitas obrigações também, as mães davam tarefas pra gente, era hábito na época, a mãe dizia “faz isso, faz aquilo” e a gente tinha que fazer, e ai se não cumprisse! (risos). Mas foi uma infância feliz. Nos domingos a gente ia na missa, ia na catequese, depois tem o cinema ali, que pra nós foi uma coisa muito agradável, mais uma opção de lazer pra época. Daí a gente ia todos os domingos no cinema e no matinê (EDNA, 64 anos).

Nasci em um município próximo de Pato Branco que se chama Canela. Moramos no interior, sou filha de agricultor desde que eu me conheço por gente até os 13, 14 anos, meu pai comprou uma terra em Salto do Lontra e nos levou pra morar lá. Nós éramos uma família grande, italiana, de 6 mulheres e 6 homens, todos trabalharam na lavoura até uns 15 anos. A minha infância foi bem saudável, porque como a gente morava no interior, tinha muitas brincadeiras criadas por nós, porque nós não tínhamos opções como as crianças de hoje. A gente trabalhava durante a semana até certo horário, depois ficávamos livres para brincadeira. A gente fazia fogueira, pulava corda, brincava de pula-pula, de se esconder. A gente brincava na terra, todos se davam, a gente ria muito, fazíamos teatro, armávamos lona, até os 13 anos tive uma infância super gostosa. Não tínhamos condição financeira muito boa, mas tudo que meus pais podiam eles davam, uma educação muito boa, alegria, respeito. Minha infância foi bem legal, brinquei e me diverti muito. Desde criança tive muitas amizades, e até hoje tenho (MARLI, 63 anos).

Meu nome é Silvana Casaril, nasci em Vitorino, em uma família de quatro filhos. Minha mãe era uma mulher muito guerreira, muito batalhadora, e serviu como inspiração pra mim. Ela incentivou os filhos a aprenderem e desenvolverem esse dom musical, mas eu fui a única das filhas que concluí o curso de música, sendo que eu lecionei por alguns anos no conservatório de música de Francisco Beltrão como professora, e fui a única que deu continuidade nessa atividade de músicas” (SILVANA, 61 anos).

As narrativas evidenciaram a percepção das memórias das infâncias como tempo vivido em família, na companhia dos pais, de muitos irmãos e irmãs, do fato de trabalharem, desde cedo, de modo a garantirem seu sustento. Na investigação constatei que as entrevistadas, especialmente as mais jovens, evidenciaram a existência de tempo livre para brincar, com os amigos, vizinhos, irmãos, irmãs, ao ar livre e com brinquedos rústicos; aprender a tocar instrumentos, estudar.

Estas lembranças trouxeram à tona questões afetivas importantes (o convívio com amigos, com os irmãos) e mostraram haver, por parte das entrevistadas, uma relação ambivalente diante de suas infâncias. Se, por um lado, retratam tais experiências como momentos tipicamente alegres, cheias de “vida”; por outro lado, estabeleceram certa apreensão, diante do contemporâneo, ao afirmarem que não possuíam muitos recursos

materiais, que moravam no campo, que fabricavam muitos dos seus brinquedos. Provavelmente retratando o fato de que na atualidade as famílias, e as crianças, têm mais acesso à recursos materiais. Moram nas cidades, onde o deslocamento se dá de modo mais rápido e confortável.

De todo modo, as narrativas pareceram apresentar uma relação, para com este tempo vivido, embasada em sentimentos positivos. Deste modo, nos pareceu que a infância, enquanto demarcador temporal-identitário, se apresentou como aspecto importante.

Retoma-se aqui, a partir de Elias (1998), o fato de que o tempo é algo invisível, algo que não se pode tocar, sentir, mas, que se pode medir através de mecanismos tecnológicos, como o relógio, o calendário e todas as outras invenções da humanidade. Podemos, da mesma forma, mensurar o tempo por meio do nosso corpo físico, do nosso envelhecimento.

Tempo significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano – mais tarde a humanidade inteira – se serve para erigir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então, para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas. É por essa razão que o conceito de tempo é aplicável a tipos completamente diferentes de contínuos evolutivos (ELIAS, 1998, p.60).

Esta referência, dada pela memória (que é seletiva), e que se processa a partir de produções subjetivas, identitárias, demarcou – no caso das entrevistadas -, processos de vida transpassados por dispositivos (familiares, afetivos, circunscritos a uma época e a um tempo) específicos. Onde o rural predominava sobre o urbano. Em que o tempo era mediado por relações comunitárias, embasadas na intimidade e na familiaridade. Em laços de reciprocidade e por um sentimento de pertencimento.

De todo modo, a memória revivificada se apresentou em constante reelaboração. Contribuindo para a produção de si, por parte das entrevistadas.

3.1.2 Juventudes: casamento e maternidade

Segundo Schwertner e Fischer (2012), o termo “juventude” surge a partir da década de 1950, oscilando entre vários entendimentos: desde uma fase da vida associada às noções de vitalidade, otimismo e descoberta, até a ideia de uma força social renovadora, marcada pela rebeldia e até delinquência. Também é associada a etapa cronológica de um tempo de quase irresponsabilidade ao momento em que, atingindo a maturidade, o jovem constitui um modo de existência próprio e independente da família. Não é raro os estudos e discussões acerca da juventude estarem vinculados aos problemas de gravidez na adolescência, consumo de drogas, violência, apatia, etc. Recentemente, novas análises têm colocado em ação discursos que anunciam os jovens como protagonistas do seu tempo e agente transformador dos espaços e modos de existência na vida social e cultural.

A juventude das entrevistadas, pelo que se pôde perceber, destoou dessas caracterizações identitárias associadas à falta de maturidade, rebeldia e transformação das convenções sociais. As mulheres trouxeram memórias das juventudes como tempos em que assumiram precocemente muitas responsabilidades, deixaram de viver sob domínio dos pais para passarem a servir aos seus maridos e filhos, restritas aos ambientes privados e afazeres domésticos. Deste modo, percebemos que os dispositivos materno e da afetividade se fizeram presentes nas biografias das entrevistadas. As amizades foram consolidadas a partir da presença de vizinhos, irmãos e nos ambientes de trabalho.

A gente tinha que fazer o que os pais mandavam, né? Se eles autorizavam tudo bem, se não autorizavam a gente ficava em casa. E meu pai assim, ele gostava muito de dançar, mas quando nós, as filhas, começavam a dançar, que queriam ir dançar, ele que ensinava. Ele que levava e ensinava [...]. Nós aprendíamos a dançar com ele. E ele levava a gente no baile. Até quando deu, né? Depois ele tinha os irmãos mais velhos também, a gente ia com os irmãos. Mas as moças quase nunca. Naquele tempo não era que nem hoje, que a meninada vai pra cá e pra lá sozinho, né? (LÚCIA, 77 anos)

A minha mãe sempre levava, depois dos 16 anos, ela começou a me levar nos bailes. A gente dançava, só que daí já arrumei um namorado com 16 anos, 18 casei [...]. Já se foi a juventude também. Daí casei, a gente não saía [...]. Assim, eu morava dentro do hospital, então a amizade que eu tinha era das pessoas que trabalhavam, porque a gente tinha que morar dentro do hospital, né? Então, eu tinha amigas, mas dali de dentro do hospital (ELZA, 70 anos).

Na verdade, não teve juventude, não aproveitei nada. Só na casa dos pais, nunca saía (INÊS, 69 anos).

Depois, na adolescência, eu já comecei a trabalhar cedo, né? Com 14 anos eu já comecei a dar aula. Coitados dos meus alunos, eu acho que eu não tinha nem preparo pra dar aula (risos). Mas como não tinham outras pessoas eles davam pra gente mesmo as crianças e a gente ensinava o que sabia, entendeu? Então daí eu já comecei a trabalhar, a ter responsabilidades maiores, e daí já não deu pra brincar mais. Mas eu era uma pessoa que tinha bastante amigos, a gente era bem relacionada, os próprios irmãos já, a gente já tinha uma convivência bem grande com outras pessoas, né? Pelo fato do meu pai ser uma pessoa pública, por assim dizer, a gente também frequentava muitas coisas, bailes, festas, a primeira Expobel foi na época que meu pai era prefeito, então a gente participava de várias coisas, e era tudo novidade pra gente, e a gente ia e gostava muito. Ele era uma pessoa muito alegre, que gostava muito de brincadeiras, então a gente ia nos carnavais, nos matinês, e ele participava com a gente também” (EDNA, 64 anos).

Foi uma juventude um pouco difícil. Porque quando eu saí de casa eu precisei pagar pensão, porque meu pai e minha mãe não conseguiam pagar. Eles arrumavam um local pra gente ficar, nós trabalhávamos de dia e estudávamos de noite. Não tive uma juventude muito boa. O dinheiro que eu recebia dava pra pagar a pensão, comprar o material escolar e muitas vezes não sobrava nem pra comprar roupa. Então teve bastante dificuldade, mas também muita garra, porque a gente trabalhou e sobreviveu. Eu morei em casa de família, essa família me acolheu como se fosse filha. A filha desse casal era como se fosse minha irmã, a gente trabalhava junto, saía junto, voltava junto, era muito companheira. Eu namorei com 19 anos, já casei e tô até hoje (MARLI, 63 anos).

A produção do ser mulher, desta forma, no caso das entrevistadas, foi atravessada por dispositivos materno-matrimoniais. Pelo fato de que predominava, no período da juventude das entrevistadas, um caldo cultural que colocava a mulher - jovem -, como àquela que precisava ser acompanhada, cuidada pelos pais, pelos irmãos. Além disso, havia uma preocupação, por parte das famílias, no sentido de encaminhar as filhas, desde cedo, ao casamento. Visto como destino a ser seguido pelas mulheres¹⁴.

Constatamos por meio das entrevistas que o casamento e a maternidade foram acontecimentos presentes na vida de todas as entrevistadas¹⁵. O que compõe o dispositivo materno e da afetividade, presente na história de vida das entrevistadas e já discutido nas seções anteriores desta dissertação.

¹⁴ O local de fala destas mulheres é a região Sudoeste do Paraná, onde viveram suas infâncias e juventudes e onde vivem ainda hoje, após os 60 anos.

¹⁵ Com exceção da entrevistada Lúcia, que não teve filhos.

Percebemos, nitidamente, que a construção do feminino, que atravessou boa parte do tempo histórico vivido pelas entrevistadas, ancorou-se no dispositivo materno e da afetividade (no cuidado com os filhos). Compondo um horizonte – projetos de vida -, que, via de regra, mantiveram-se dispostos a partir deste viés.

É o que as entrevistas, abaixo descritas, apontaram.

Em 1979 eu casei, eu já estava com 36 anos. Vivi 14 anos e 1 mês com meu marido. Depois ele faleceu. Esses 14 anos foram 14 anos de felicidade, de alegria e de realização pessoal, tudo... (LÚCIA, 77 anos).

Me casei com 18 anos, tive 3 filhos maravilhosos, uma benção que Deus confiou a mim, pra mim trazer eles ao mundo e criar eles. Daí meus filhos tinham...o mais velho tinha 11 anos, o do meio tinha 7, e a minha nenê tinha 3, o pai foi embora com outra mulher, eu fiquei sozinha, criei sozinha meus filhos, é uma história assim, bem...enfim, eu já trabalhava no hospital daí, né? Eu casei daí saí e depois voltei de novo. Daí o meu filho mais velho, quando tava no segundo grau, chegou pra mim no hospital e falou “Mãe, eu quero fazer faculdade”. Eu ganhava, Dóris, menos de dois salários mínimos pra sustentar três filhos e eu, né? Não era fácil. Eu olhei pra ele e falei “Paulo, faça a tua parte, que é passar no vestibular, que eu vou fazer a minha, que é te manter na faculdade”. Mas que condições eu tinha pra manter ele? Mas foi o que me veio na cabeça, sabe? Parece que alguém me disse “fale isso”. Consegui pagar particular pra dois, e um fez no estadual. Então assim, eu acho bem interessante a minha vida, né? Minha história. Dava de escrever um livro bem bacana (risos) (ELZA, 70 anos).

Depois na minha juventude também fiquei em Francisco Beltrão, estudei no colégio Nossa Senhora da Glória, e em 1974 eu casei, e daí fui embora pra Curitiba. Lá eu fiquei morando 13 anos. Lá eu tive minhas duas filhas, Ana Paula e Patrícia, e depois dessa época eu retornei para Francisco Beltrão por conta do trabalho do meu esposo, que é advogado. Ele teve uma proposta para trabalhar aqui e daí a gente veio. Aqui eu comecei as minhas atividades novamente, tinha dado uma parada, né? Pra criar os filhos (EDNA, 64 anos).

Me achei com o polaco e nós casamos em 1955. Já era casada nessa época. E daí foi uma miséria também, porque só eu que trabalhava e ele não arrumava serviço. Daí eu tinha dois cunhados comigo, um que era surdo, tinha mais uma menina que veio do Tuna pra ficar com as crianças e a cunhada, e ficamos dois anos nessa vida. E nós ficamos devendo 4 mil. Daí naquela época não precisava documento nem nada, quando nós tinha um pouco de dinheiro nós ia pra Cascavel levar o dinheiro pro homem. Daí terminamos de pagar aqui, e ficamos aqui. Mas daí no começo eu aprendi a fazer aquelas cama turca pra ajudar meu velho, pra puxar o pano, aprendi a empalhar carreira, tudo. A minha cunhada era costureira, de noite eu fazia tudo a mão e nós ficava até de manhã fazendo pra entregar no outro dia pra loja as roupas a mão. E lavava roupa pra 40 seminarista. E lá do Tuna a gente tinha que vir a pé nas reuniões, as vezes de charrete[...] dia de chuva, se a gente vinha a pé, tinha que vir com o calçado na mão. Tive 10. Um ano e 10 dias

de casada tive a primeira. Só que daí não tinha licença, não tinha nada. Tinha, mas eu não queria deixar os alunos sem aula. E fiquei o primeiro ano que eu trabalhei no município, eu recebi só no fim do ano. A sorte é que eu parava na casa de uma família e eu fazia o serviço da casa, e daí eu não pagava pensão. Daí um ano e pouco eu tive a segunda, mais um ano e pouco tive a terceira, dois anos e pouco tinha as três, depois veio o pia, depois mais uma menina e depois mais dois pia. Daí eu tive um aborto de 6 meses. Mas sempre trabalhando, nunca tive licença (CLÍDIA, 85anos).

E depois eu fiquei moça, conheci o namorado, casou, a gente foi morar junto com os sogros, não deu certo. Aí a gente foi morar com o pai, aí não deu certo. Aí a gente veio pra Beltrão, e a gente tá morando aqui até hoje. Eu tive as 2 meninas quando a gente morava no interior ainda, e aí eu tive mais um outro aqui na cidade. A gente mora aqui nessa casa faz 37 anos (TEREZA, 68 anos).

[...] Daí eu casei nova, tinha 17 anos. Nós morava no interior, e eu ficava com os filhos. Aí viemos pra cidade, e eu trabalhava com limpeza. Tive 5 filhos, 3 meninos e 2 meninas (INÊS, 69 anos).

Aí nessa época eu já estava namorando, meu marido também era militar, e ele tava em Minas Gerais, aí quando ele veio, foi transferido pra Curitiba, nós casamos e eu fui embora pra Curitiba morar. Me adaptei rápido. Fiz curso lá, vestibular na federal, fiz geografia. Aí veio meu primeiro filho. Sei que comecei a faculdade com um na barriga e terminei com outro (risos). Eles têm 4 anos de diferença. Morei 15 anos em Curitiba, meu filho estudou no colégio militar, aí meu marido foi transferido pra Guarapuava. Aí ele já não estava muito bem, aí viemos pra Guarapuava e logo em seguida ele veio a falecer. Aí eu fiquei com os dois. Foi um momento muito difícil da minha vida. Daí eu não sabia se eu voltava pra Curitiba, ficava em Guarapuava ou se vinha pra cá. Daí resolvi ficar aqui, onde estavam todos os meus parentes, que me deram a maior força. Em seguida, 6 meses depois eu já tava trabalhando de novo. Fui seguindo a vida e educando os dois (CARMELITA, 68 anos).

Me casei com 19 anos, tive dois filhos, um casal. Morei uma época em Foz do Iguaçu com meu esposo, onde batalhamos muito para alcançar nossos objetivos enquanto família (SILVANA, 61 anos).

Isto explica o fato de boa parte das entrevistadas não terem acesso ou terem interrompido suas atividades escolares, por exemplo, em nome de um direcionamento ao casamento. Grande parte delas sofreu os reflexos do dispositivo materno, uma vez que relataram que, ainda jovens, renunciaram aos seus planos profissionais e de estudo para cuidarem dos filhos. A responsabilidade pelo cuidado materno e da casa, assumida como papel única e exclusivamente feminino e a renúncia de projetos pessoais em nome destes cuidados, evidenciaram a existência de traços marcantes relacionados aos dispositivos materno e amoroso. Estes dispositivos, acabaram influenciando na decisão destas

mulheres e na forma como suas vidas foram produzidas. Retornando, tanto às atividades escolares, quando às profissionais, em período posterior ao vivenciado na juventude, ou seja, após os filhos crescerem e se tornarem independentes.

3.1.3 Educação Formal: percursos escolares

Na história brasileira, o acesso à escolarização foi, por muitas décadas, negado às classes populares, trabalhadores urbanos e rurais, principalmente, no caso das meninas de famílias pobres, de descendência indígena, afro-brasileira e de imigrantes europeus. Como afirma Lopes (2004, p. 445):

As diferentes etnias dos “trabalhadores livres” também implicava diferenciadas práticas educativas. Imigrantes de origem alemã, italiana, espanhola, japonesa etc. tinham propostas educativas diferentes e construíram escolas para meninos e meninas muitas vezes com auxílio direto de suas regiões de origem. Suas diferentes formas de inserção na produção e na sociedade brasileira (como operários fabris, lavradores, ou pequenos proprietários) também teriam consequências nos processos educativos. No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas.

As entrevistadas pertencentes a famílias de descendentes de imigrantes europeus e, como já referimos, habitantes das regiões interioranas e rurais, demonstraram em suas histórias essa condição de gênero em que foram educadas prioritariamente para as tarefas domésticas e a vida familiar, desde à infância ou que tiveram que abandonar os estudos para cuidar de seus familiares, como relatam:

E a gente trabalhava sempre na roça, e quando meus irmãos eram pequenininhos, eu era a mais velha, então eu tinha que ficar em casa, tive que parar de estudar para cuidar dos meus irmãos. Então eu estudei até o segundo ano, depois que sabia ler e escrever já era suficiente naquela época. Depois que a gente veio morar na cidade, surgiu o CEEBJA. Aí a gente estudou lá, e eu completei o segundo grau, depois de grande. Depois eu parei, não estudei mais. Se tivesse continuado, teria feito faculdade, mas a gente não tinha condições (TEREZA, 68 anos)

E na época, quando meu filho mais velho entrou na faculdade, eu tava fazendo economia doméstica, porque quando eu era pequena, meu pai

me tirou da escola quando eu aprendi a escrever o nome e ler, ele me tirou pra trabalhar, porque nós tinha que pagar a criação, era desse tempo ainda. Daí eu nunca mais tinha estudado. Daí quando eu fiquei sozinha, que meu marido foi embora, eu comecei a estudar, fiz o primeiro e o segundo grau supletivo, fiz vestibular e passei na economia doméstica, fiz um ano e meio, daí quando o meu filho mais velho passou no vestibular, eu tranquei a minha matrícula da faculdade pra mim manter ele (ELZA, 70 anos).

Foi possível perceber que, do ponto de vista da educação formal, as entrevistadas que tiveram acesso à escola em idade apropriada adquiriram sua formação escolarizada em instituições ligadas à igreja católica:

Aí na infância...no primário era cinco classes com a mesma professora. A gente não tinha, assim, cada ano uma professora. Primeiro, segundo, terceiro, quarto ano, era tudo junto. É...eu fui crescendo e com 16 anos, eu entrei no Instituto Secular. Não sei se você sabe que que é. É uma vida religiosa mas a gente não se vestia com roupas assim, como vestido longo, chapelão na cabeça, não, a gente era vestida como normal assim. Aí eu fiquei dez anos. Depois de dez anos o Instituto...é...tem que ter a aprovação da Santa Sé, né? Mas a Santa Sé não aprovou porque tinha poucos elementos. E aí o Instituto acabou (LÚCIA, 77 anos).

Aí fiz o ensino fundamental, aí o ensino médio que eu já saía como professora, que era normal naquela época (CARMELITA, 68 anos).

“Eu ia pro colégio, tinha as irmãs lá. Eu levantava bem cedinho e ia na missa, descalça, não tinha sapato. Eu fiz lá até passar pra quarta série, porque daí nos mudamos pra cá, quando era Marrecas ainda. Aí eu comecei a ter aulas com as irmãs, que alugaram um lugar pra ensinar. Não tinha quarta série, então eu repeti a terceira. Eu saí de casa uns meses depois que meu padrinho faleceu. Comecei a arrumar roupas, e minha madrinha disse que com aquele dinheiro era pra comprar coisas pra mim. Aí eu saí de casa. Mudei pra uma salinha bem pequena, mas tudo sempre estava brilhando. Aí eu fiquei ali, fazia tricô e sempre tinha muito pra fazer. Até que, dia 25 de junho, eu fui pro colégio com umas outras. Fomos de trem, era em São Paulo. Cheguei lá e foi muito divertido. Me mandaram pra Conceição, que era um bairro. Era uma casa pequena mas tinha escola, daí nessa escola a gente ficava ali e tinha que fazer o serviço, limpava as salas e deixava pronta (TERCILA, 81 anos).

Desse modo, a educação das mulheres entrevistadas deu-se, também pelo cruzamento dos dispositivos familiares e religiosos, o que implicou numa ordem de moralidade que atua sobre os corpos femininos, de modo a naturalizar sua condição de subalternidade aos valores tradicionais.

Estes dispositivos, perceptíveis a partir do momento em que as entrevistadas apontaram para questões afetas a religião e a família, chamaram nossa atenção. A influência das práticas discursivas, advindas da religião, pareceu demarcar as identidades das entrevistadas, tendo em vista que, grande parte delas orientaram suas vidas a partir de questões como: educação formal feita em escolas religiosas, frequência constante em instituições religiosas acompanhadas dos familiares e o fato de terem constituído matrimônio conforme rituais advindos de instituições religiosas.

Para além disso, foi recorrente o uso de uma terminologia que se utilizava de expressões tais como: “graças a Deus”, “me agarrei com Deus”, “como Deus quer”, etc, que apareceram em suas falas caracterizando este dispositivo.

Do ponto de vista do dispositivo familiar, este se fez presente a partir do momento em que as famílias das entrevistadas, em grande medida, deliberavam sobre a vida das mesmas, diante de questões como: escolha da escola a ser frequentada e direcionamento ao mundo do trabalho.

3.1.4 Religiosidade

A religiosidade exerceu um papel central na formação das pesquisadas. É possível afirmar que as práticas discursivas, advindas da religião, se consolidaram como mais um dispositivo de produção dos sujeitos da pesquisa; uma vez que, desde a infância, adolescência e a juventude, a ambiência da religiosa perpassou atividades por elas efetivadas.

É o que as entrevistas abaixo demonstraram

Duas coisas que eu queria falar. A primeira: esses dez anos que eu fiquei no Instituto foi de uma formação muito boa. Eu tive dez anos muito felizes. Eu digo que o que eu sou hoje, eu devo muito a esses dez anos na vida religiosa, é religiosa mas é leiga né? A gente se vestia de leiga então por isso é Instituto Religioso Leigo. É [...] então eu devo muito ao que eu sou hoje, a minha paz e a minha formação toda, desses dez anos que eu fiquei na vida religiosa. Depois eu casei (Juventude) Ah mas foi muito simples. Naquele tempo a gente só ia à missa de manhã, meu pai sempre fazia a gente ir à missa, todos os dias. É, todo domingo. E domingo à tarde a gente ia no terço, de manhã, na paróquia, e à tarde na capela. E as vezes tinha uma matinê a tarde, então a gente ficava lá, brincava, dançava um pouquinho (LÚCIA, 77 anos).

“[...] meus pais me levaram numa casa dum alemão pra ir na catequese. Esse alemão era protestante, mas só que nunca me deixaram faltar a catequese” (CLÍDIA, 85 anos).

Depois que o meu marido foi embora, eu me agarrei tanto com Deus e com os meus filhos, e com o meu trabalho, que eu assim, eu consegui. Deus vai encaixando as coisas, né? E deu tudo certo na minha vida, tô aqui muito feliz [...] (ELZA, 70 anos).

O dispositivo religioso, atrelado ao dispositivo do matrimônio, compôs territórios de visão de si, por parte das entrevistadas, que as levaram a consolidar formas de vida embasadas na abnegação; em uma visão, acerca do papel da mulher, associado à santidade e à vivência sexual, adstrita ao casamento; direcionada à construção de uma vida destinada ao cuidado dos outros (esposo e filhos); à uma vida ancorada em uma filosofia do auto controle, feita por meio de padrões institucionais, e morais, dados de antemão.

Se isto colocou tais mulheres sob certa forma de produção de si, em grande medida, adstrita ao campo da moralidade; por outro lado, parece ter desencadeado, com o passar do tempo, formas de leitura – da vida -, que as fez aceitar as experiências vividas, adotando uma perspectiva otimista e uma abertura, em relação ao futuro.

3.1.5 Trabalho

Encontramos dispositivos da produção do feminino, também, na questão do trabalho desenvolvido pelas entrevistadas. Este, ao se estender à esfera pública, para além das atividades feitas em família, adotou – para metade das entrevistadas -, a função docente, duas no trabalho de doméstica e uma delas, na enfermagem, o que denota as profissões tipicamente femininas, e que, historicamente, carregam em si a conotação de doação aos cuidados dos outros. Tida como uma ocupação tipicamente feminina. Envolve por uma ideia, por vezes, de trabalho voluntário e ou com o fato de que tal atividade apresentaria, por parte de quem a realizava, perfil afetivo ligado à maternidade, ao cuidado para com as crianças.

Do ponto de vista das formas de trabalho remunerado, efetivados pelas entrevistadas, percebeu-se que sofreram interrupções, diante das demandas do matrimônio e advindas do cuidado para com os filhos; bem como, se direcionaram, na maior parte, para a atividade docente. Neste sentido, o trabalho que desempenharam enquanto professoras foi acompanhado por uma compreensão social que via a o ofício

atrelado a figura feminina. Visto que, por isso, como atividade que envolve o cuidado, a afetuosidade e que, portanto, deveria ser desempenhado por mulheres.

Outro ponto que chamou a atenção foi o relacionado a presença de atividades laborais, na vida das entrevistadas, desde tenra idade. Iniciando-se na própria família e tendo sua continuidade em espaços públicos. Deste modo, a ética do trabalho e a não separação entre vida infantil e vida laboral eram práticas comuns na época.

Aí eu comecei a trabalhar eu tava com 26 anos. Eu entrei com 16, e saí com 26. Aí eu comecei a trabalhar e comecei a trabalhar no Banco Itaú. Aliás, era um outro Banco na época, não me lembro o nome, que aquele faliu, mas o Banco Itaú comprou, aí eu passei pro Banco Itaú. Trabalhei uns 10 anos lá também. É [...] não trabalhei mais. Eu tava com 26, aí depois eu casei. h, eu comecei a trabalhar depois que eu saí, eu tava com 26 anos. Eu saí do Instituto ali por novembro, dezembro [...] ali por janeiro do ano seguinte eu já comecei a trabalhar. Eu comecei a trabalhar no Banco [...] não era Banco, mas era uma agência bancária. Chamava..aí e agora como é que chamava...mas enfim, depois de lá eu passei pro Banco Itaú. Eu era fitotecária. Eu trabalhava na fitoteca do Banco. Naquele tempo [...] hoje em dia é tudo por computador, tudo fácil pra achar, mas naquele tempo, na sala onde eu trabalhava, era uma fitoteca, tinha mais de quarenta mil fitas. E as fitas eram grandes, enormes, de 2.400 pés, era umas coisas assim. E lá era o seguinte: a gente tinha que trabalhar, vinha do computador, se tivesse algum problema no computador o programador chegava e dizia assim “preciso a fita que contenha tal trabalho”. Ele dava o código do trabalho. “Eu preciso urgente da fita”. Então a gente tinha que gravar quando registrava as fitas, porque todo dia era renovado. O trabalho era renovado todo dia. Tipo assim, a lista dos clientes diariamente tinha aquela atualização. E quando desse algum problema o programador chegava, e a gente tinha que saber de cor, a gente não podia ficar pesquisando nas fitas qual que era o trabalho. Então eu gravava tudo. Tinha que gravar quais as fitas que tinha entrado naquele dia que a gente tinha acabado de registrar. Mas eu tinha muita facilidade de gravar números. Hoje que não tenho mais, mas naquele tempo tinha. Mas mais ou menos era assim o trabalho. Era um trabalho gostoso até, eu gostava de trabalhar. Quando o chefe não estava, eu que tinha que responder pelo trabalho de cada sessão (LÚCIA, 77 anos).

Daí com 9 anos eu já fui trabalhar de babá, daí com 13 anos fui trabalhar na Policlínica São Vicente de Paula, comecei limpando de zeladora, trabalhei uns 6 meses nessa área da limpeza, daí a gerente do hospital já me pôs pra cuidar o quarto dela e o quarto da filha dela, e eu servia no refeitório. Com 14 anos o Doutor Mário me convidou pra trabalhar na enfermagem, fez um teste comigo, mandou a Vitória preparar uma injeção pra mim aplicar na veia dele. Então foi assim, nossa, bem forte, né? E eu fiquei muito feliz. Daí a segunda coisa que ele fez pra me testar, foi, é [...] chegou uma senhora com hemorragia, e ele me chamou na sala dele, e mandou eu segurar o queixo da paciente, e a Vitória ajudando ele na curetagem e a outra enfermeira fazendo anestesia. Ele terminou de fazer a curetagem, colocou o estetoscópio no ouvido e veio

escutar o meu coração pra ver como que tava, né? (risos). Dali em diante, eu trabalhei 15 anos na enfermagem. E nesse meio tempo aí de vai e vem, eu montei uma malharia com a minha irmã em sociedade, e foi com o que eu consegui formar meus filhos (ELZA, 70 anos).

Daí eu comecei a estudar novamente, e comecei a lecionar. Lecionei em várias escolas, escola municipal, escola estadual, trabalhei ali no Glória por último, e nos últimos tempos eu estou trabalhando no CFC. Depois que eu me aposentei, eu achei que não ia fazer mais nada, mas sentia com vontade de fazer alguma coisa e comecei a trabalhar no Centro de Formação de Condutores. Inicialmente eu dava aulas, aulas teóricas. Aulas práticas nunca me atrevi a dar (risos). Eu tenho formação, mas não tive coragem de dar essas aulas. E até hoje estou trabalhando nas auto escolas (EDNA, 64 anos).

Daí uns que vieram de Santa Catarina quase junto com nós, souberam que a gente tinha vindo pra cá, e lá no Rio Tuna precisava de professora. E vieram me buscar pra ir pra lá. Daí eu fui pra lá em março de 52, daí lá comecei a lecionar o dia todo. Naquele lugar cada um tinha 8, 10 filhos, tinha 100 alunos, e eu sozinha. Daí no começo era uma igreja do tamanho...não era da sala do Eda lá, a Blitz lá acho que era metade. Daí comecei a dar aula lá. Não era aula, era mais uma conversa, porque não tinha como eles escrever, era muita criança. Então eu acho que fiquei uns 3 meses naquela base. Daí chegou o fiscal escolar, que eu nem sabia quem era, com um bairrada de um facão na cinta e se pôs de pé na porta. E eu perguntei “o senhor tem algum filho aqui?” “não, continue conversar, eu posso esperar”. Eu continuei, com ele ali. Só que naquela época todo mundo ficava bem quietinho, eles escutavam a gente. Daí eu falei mais uns 15 minutos, daí eu disse “mas o senhor quer alguma coisa, eu atendo o senhor” “a senhora sabe quem eu sou?” “não, deve ser o pai de algum aluno, mas eu conheço todos” “não, eu não sou pai de um aluno, eu sou fiscal escolar” (risos). Quase desmaiei. Daí então foi poucos dias, veio uma ordem pra mim passar uma turma pra de manhã e uma turma pra de tarde. Então eu selecionei os que sabiam ler pra uma turma, e os que não, noutra. Trabalhei uns anos assim. Depois mandaram outra professora, pra ajudar. Daí, sabe que antigamente era pura política. Daí colocaram uma outra professora lá que não dava certo, e como a gente obedecia a mãe, a mãe viu eu naquele sofrimento, e achou que ela não tava agindo certo comigo. Me arrumou vaga lá no Jacaré. Daí encaixotamos a mudança, nossa mudança foi um caminhão, a carroceria era só uma tábua. E a minha mudança deu tudo ali. Não tinha guarda-roupa, a cama era aquela antiga que o colchão era de palha, então a nossa mudança primeira foi aí. De lá nós voltamos pro Rio Tuna de novo, que foram buscar nós. De repente ficamos uns anos no Rio Tuna, e saímos de lá de novo. Nós era que nem cigano. De lá nós fomos pro Pedreirinho. Ficamos lá três anos. Aí vieram buscar nós de novo pra voltar pro Tuna. (risos) Daí de lá ficamos mais um tempo, e já estava com as crianças crescendo, e precisava de aula mais forte, né? Daí arrumamos uma transferência e a gente veio pra cá. A gente veio aqui onde nós estamos agora. Daí aqui nós tinha de tudo, era uma colônia, um sitiozinho. Chegamos aqui com vaca de leite, com galinha, morreu a vaca de leite, e morreu as 200 galinhas (risos) (CLÍDIA, 85 anos).

Eu trabalhava, quando as meninas eram meio pequenas, eu trabalhava de diarista. Lavava roupa por dúzia uma vez, eu lavava aqui em casa, só que na época não tinha máquina. Aí eu trabalhava de diarista, eu ia na casa das mulheres trabalhar. Aí quando as meninas começaram a trabalhar fora, eu tive que parar, porque tinha que fazer comida, limpar a casa, né? Aí depois eu fiz um concurso, que vai fazer 30 anos, eu passei nesse concurso, e tô trabalhando até hoje na prefeitura. Trabalho na escola (TEREZA, 68 anos).

Eu não trabalhei em Beltrão, foi em um município perto. A prefeitura me pagava uma pensão e eu ficava de segunda a sexta lá tomando conta da escola, porque eu era a única que tinha o ensino médio completo. Trabalhei lá e foi um tempo que eu jamais vou esquecer. Trabalhei com as pessoas que vinham da colônia, e foi assim, uma época extremamente gratificante na minha profissão, que eu não esqueço até hoje. Aí trabalhei anos ali, me aposentei e fui morar na praia. Eu e meu filho. Montamos uma lanchonete, do nada, sem entender nada, e trabalhamos lá 5 anos. Aí eu voltei pra cuidar da minha mãe, e to até hoje trabalhando aqui. Gosto muito de Beltrão, é uma cidade muito boa pra morar (CARMELITA, 68 anos).

[...] aí saímos de casa pra estudar e seguir a vida. Eu saí com meus 14 anos, trabalhei 2 anos em lojas, em depósitos de bebidas, aí eu casei. Trabalhei mais 2 anos depois de casada, aí teve meu primeiro filho, sou mãe de 3 filhos, 2 meninas e 1 menino. Nessa época toda eu trabalhei fora praticamente a minha vida toda. Só parei no meu primeiro filho porque meu marido viajava, mas depois voltei e continuo até hoje. Tenho 63 anos e continuo trabalhando. Me sinto uma pessoa forte, numa simplicidade como eu nasci, mas continuo forte dentro da normalidade da minha idade (MARLI, 63 anos).

Depois voltamos pra Beltrão, onde continuei trabalhando como professora por alguns anos, e depois mais tarde fundei a imobiliária da qual eu sou a proprietária e diretora. Eu desde jovem me preocupei, por inspiração da mãe, em arrumar trabalho. Fui estagiária da Caixa Econômica por um tempo. Sempre que tinha, na época de natal, contratação de meninas pra trabalhar no comércio, eu chegava em qualquer loja e pedia trabalho. Sempre me esforçando pra ter minha independência financeira e pra crescer enquanto ser humano (SILVANA, 61 anos).

Depois, mais tarde, aprendi a tocar piano. Aí, na missa, na hora da benção, eu tocava as músicas e o povo cantava. Depois eu vim pra Francisco Beltrão, e eu já era freira. Quando cheguei aqui me escolheram como supervisora das outras freiras e das atividades. E foi muito bom, fiquei seis anos ali. Aí depois disso eu deixei de ser freira, fui trabalhar na inspetoria que é o núcleo escolar hoje, aí eu casei, fiquei grávida, tudo, e tive que sair. Depois voltei pra dar aula. Mas daí mais tarde me aposentei. Mas sempre tive minhas atividades, até hoje (TERCILA, 81 anos).

O trabalho compôs formas de produção identitárias adstritas aos valores da

modernidade sólida (BAUMAN, 1998), ou seja, firmados em valores como o a disciplina, responsabilidade, cumprimento de funções sociais.

Embora esta disposição tenha se dado, provavelmente, de forma menos significativa do que àquela direcionada aos homens - estes sim, à época da modernidade sólida, tidos como os responsáveis pelo sustento das famílias -, representou a formação de processos formativos, identitários, típicos de um momento histórico atrelado à ética do trabalho.

Além do mais, algumas entrevistadas, por conta de questões próprias de suas biografias, por vezes tiveram que assumir o sustento de suas famílias (filhos). Deste modo, adentraram o mundo do trabalho de forma mais enfática; o que concorreu para que desenvolvessem uma ligação mais forte com suas atividades laborais.

Situação que lhes aproximou, de certo modo, da condição disposta para as mulheres, no contemporâneo, qual seja, a que coloca, nestas condições plenas de realização. Isto porque o crescente empoderamento feminino, adstrito à segunda metade do século XX e ao início do século XXI, em grande medida, veio acompanhado da entrada das mulheres no mercado de trabalho e a consequente liberdade - financeira -, que este processo desencadeou.

Tanto nos espaços domésticos quanto nas relações matrimoniais e de trabalho, as mulheres entrevistadas relataram memórias que reforçam a subordinação à figura masculina, dos pais, maridos ou patrões. Produção identitária de mulheres que refletem o poder patriarcal no qual o domínio masculino é naturalizado.

Este fato nos pareceu ter sido retratado, pelas diferentes entrevistadas, de modo natural e valorativo. O que é compreensível em razão da temporalidade histórica por elas vivida, na infância, adolescência e parte da juventude, atravessada pela dominação masculina. Por dispositivos familiares, institucionais e sociais que colocavam na figura paterna a autoridade diante da educação dos filhos. Atuando, como nos diz a teoria freudiana (FREUD, 1996), por meio do interdito, e não raras as vezes, conformando as escolhas a serem feitas por parte das entrevistadas. O que se pôde observar por meio dos seguintes relatos:

É [...] meu pai era uma pessoa, assim, muito rígida. Ele era muito rígido, mas ele deu uma educação dentro de uma linha de honestidade e lealdade. Nossa criação foi baseada em tudo isso. Eu tinha cinco irmãos homens, e sete irmãs. Eu tenho a minha irmã mais velha que já é falecida. Então. É, fica mais ou menos por perto (LÚCIA, 77 anos).

Mas depois eu me criei aqui em Francisco Beltrão, o meu pai era um homem público. Ele foi vereador, foi prefeito, aqui na cidade (EDNA, 64 anos).

Meu pai era meio rígido, meio bravo, meus irmãos sofreram muito com ele. Tinha que ser tudo do jeito que ele queria. Então a gente se criou com uma educação com respeito, e a gente era bem educado, sabe? (TEREZA, 68 anos).

A identidade feminina das entrevistadas foi marcada pelos dispositivos familiares adstritos ao seu tempo. Composto pelo que autores como Bauman (1998) vão chamar de tempos sólidos ou de modernidade sólida. Um tempo-momento caracterizado por certos valores e que colocava, em relação ao papel da mulher e do homem, perspectivas bem delimitadas; consolidadas em nome de padrões sociais consolidados. Heteronormativos. Em nome da preservação de certos traços sociais, tidos como imutáveis, permanentes. Diante dos quais as mulheres deveriam permanecer na esfera privada, cuidando do lar; enquanto os homens deveriam ocupar a esfera pública, garantindo o sustento das famílias.

Da mesma forma, e por outro lado, os relatos das entrevistadas demonstraram haver o reconhecimento - a percepção -, quanto ao fato de que os pais as “educaram”, ou seja, deram a elas uma formação sólida, no que se refere ao comportamento que deveriam adotar, diante das demais pessoas. Calcado no respeito e na deferência em relação às pessoas com as quais conviviam.

Neste sentido, não havia, para elas – no período da infância -, uma perspectiva que abrisse a possibilidade de questionar os padrões educativos ministrados a elas, pelos pais. O que não impediu de vivenciarem momentos de descontração, mas que demonstrou que a construção de si, do feminino, vivenciado pelas entrevistadas, em suas infâncias, expressa perspectivas específicas de uma época histórica. O que não parece ter impedido as mesmas de darem continuidade à produção de si mesmas, enquanto mulheres 60+, mas que colocou o projeto de produção subjetiva, por parte das mesmas, sob certos aspectos construídos temporal e culturalmente.

A produção do feminino, se fez presente de modo a produzir identidades adstritas ao universo dos afetos, do cuidado para com o outro.

Para Woodward (2003), existem formas de regulação das identidades. Representações sociais, identidades e regulação dos comportamentos conformam, portanto, elementos ativos no processo de definição dos sujeitos.

Sujeitos que, por sua vez, se encontram diante de marcadores identitários que, diante destes mesmos sujeitos, disputam sua atenção. Daí haver, do ponto de vista da produção identitária, certas formas de negociação e ou de disputa. Isto porque a construção da identidade se faz, em grande medida, por meio da repetição de determinados procedimentos, hábitos, práticas, discursos. E estes, por sua vez, estão sempre situados em padrões morais/institucionais que os levam a se distinguir de outros hábitos, práticas, discursos e pontos de vista (WOODWARD, 2003).

Por outro lado, toda vez que repetimos – seja um hábito, seja a lembrança de questões que compuseram nossa vida -, surge uma questão a mais, até então não percebida. Deste modo, vamos alargando o pensamento, a percepção de nós mesmos e de nosso contexto. De nossa história.

Diante disto, a memória - utilizada neste procedimento - vai selecionando momentos, fazendo, por vezes, com que o passado seja recriado. Isto porque o que lembramos, como lembramos, a forma como lembramos e a maneira como estruturamos as recordações se dão de forma variada e complexa.

Segundo Woodward (2003) o passado é, sempre, um território disputado. Por isso, quando referimos construção das identidades, devemos considerar a função da memória nesta equação. Visto que é elemento fundante da identidade. E que, ao mesmo tempo, reescreve este mesmo passado e, por conseguinte, a nós mesmos. O passado é, então, reescrito e reinventado a partir do contexto presente.

Talvez por conta desta inconstância, advinda de nossas narrativas acerca de nossa vida, autores como Balandier (1999), apontam para o fato de que tendemos a buscar um porto seguro, uma resposta tranquilizadora diante de referências instáveis. Daí a busca por afirmações, por referências teleológicas, ou seja, por narrativas que tendem a nos dar uma resposta para nossas incertezas, diante do futuro. Processo que envolve a construção de nossa identidade e que luta com nossa memória, no sentido de situar nossa identidade sob bases seguras.

Cabe reforçar que nossas memórias individuais são fortemente influenciadas pela memória social; envolvida por questões de gênero, raça, classe, geracional, e tantas outras questões. Neste sentido, as memórias individuais são atravessadas por representações de si, dos outros e do mundo. Advindas, dos contextos nos quais os sujeitos estão envolvidos.

Nossos próprios corpos são conformados, demarcados diante destas memórias. Sejam elas de dor, ou que provoquem arrepios, emoções, etc. Assim, percebemos que

memória individual se entrecruza com a memória social. O que evoca a relação, já discutida nesta dissertação, entre produção do sujeito e dispositivos.

Todavia, e por outro lado, autores como Balandier (1999) vão afirmar que as “temporalidades comuns, as convenções [...] validadas por uma tradição [...] não permitem afirmar que haja ‘um tempo social único’” (BALANDIER, 1999, ps.47 e 48). Por isso, é possível afirmar que as disputas em torno da memória são travadas no dia a dia, no cotidiano; o que reforça o argumento acerca do fato de que – a memória - se coloca diante de um enraizamento histórico, frágil. Estando à mercê, por vezes, de narrativas, discursos autoritários, consolidados por àqueles e àquelas que, por medo, buscam estabelecer identidades e trajetórias de vida embasadas em parâmetros consensuais, e seguros.

Dáí que, para Balandier (1999), por vezes,

A memória poderosa que imerge o presente aparece, se forma e age durante os períodos em que a história se impulsiona, sobretudo quando surge dos dilaceramentos que levam a uma recomposição da sociedade e do poder, da cultura e dos sistemas simbólicos. Junta as turbulências da transição, depois acompanha progressivamente a consolidação dos novos recomeços. Organiza-se no sentido de um acordo com as formas institucionais localizadas, pacifica tornando-se arquivo e patrimônio, fixa-se em mitos e símbolos selecionados a serviço do regime então estabelecido, reativa-se periodicamente através de práticas cerimoniais e celebrações (BALANDIER, 1999, p.45).

Balandier (1999), aqui, se reporta a construção sociocultural da memória social. Elaborada, não raras vezes, diante de momentos de crise civilizacional. De todo modo, entendemos que é possível pensar a questão da produção da memória – claro, atravessada pelo ambiente social e cultural -, de forma microssocial, ou seja, relacionada ao esforço que cada, sujeito, faz, na direção da recomposição de sua existência. Buscando encontrar significados, que se inscrevem a partir da sua trajetória de vida.

Tais processos, pode ocorrer, por vezes, como fuga de si, da vida; mas, por outro lado, pode ocorrer como processo de produção de si. Uma vez que a seleção feita pela memória, diante do passado – da história de vida do sujeito -, pode ser elaborada de modo a ressignificar, de forma positiva, a existência do sujeito. Disposto entre a construção de si, feita até o presente momento; e o que lhe cabe, daqui para frente, construir, solidificar.

Entendemos que este é o caso das mulheres 60+ que entrevistamos. Mulheres que produziram leituras de si, ancoradas nos dispositivos próprias de sua época histórica, mas

que, todavia, pareceram encontrar significações – de si e de seu futuro -, positivas e que se consolidam por meio da abertura, diante de novas influências e de novas experiências. Tais como a que desenvolveram na a Metodologia Supera. Nesses termos, o Supera pôde ser identificado como local de práticas de cuidado de si, de busca pelo desenvolvimento cognitivo, de convívio social e de produção de novos significados de si.

3.2. A mulher com mais de sessenta e a produção de si: perplexidades da vida presente

A produção subjetiva de mulheres com mais de 60 anos pode ser observada por meio do conceito de cuidado de si, tal qual apresentado por Michel Foucault (2006), ou seja, como: “uma noção grega que atravessou a cultura dos gregos [...] a epimeléia heautoû [...] o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo” (FOUCAULT, 2006, p.4).

Para Foucault (2006), já em Platão, a partir da obra: “a apologia de Sócrates”, há uma incitação aos gregos para que se ocupem consigo mesmos, para que tenham cuidados para consigo e não descurem de si. Neste sentido, o cuidado de si se apresenta, em Sócrates, como “o momento do primeiro despertar [...] em que os olhos se abrem [...]” (FOUCAULT, 2006, ps.7-11).

O que envolve a noção de cuidado de si, do ponto de vista foucaultiano? “uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. O cuidado de si é uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo”. “É também uma certa forma de atenção, de olhar...é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc, para ‘si mesmo’...estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento...exercício e meditação...” “O sentido do cuidado de si...designa (também), sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (FOUCAULT, 2006, ps. 14-15).

Do ponto de vista, da produção subjetiva de mulheres 60+, que foi o objeto de estudo desta dissertação, a questão do cuidado de si se apresentou como ferramenta analítica importante, uma vez que deu visibilidade ao fato de que, se por um lado, o sujeito mulher é produzido por práticas discursivas e por dispositivos institucionais; e de que,

por outro lado, há um protagonismo, advindo deste sujeito mulher, no sentido da produção de si. O que passa, necessariamente, por exercícios, ou seja, por atividades que possibilitam o contato do sujeito consigo mesmo. Com seu corpo, com sua mente, com a produção de valores a respeito de si.

Ações que, segundo Foucault (2006), passarem a ser desenvolvidas, na civilização ocidental, desde os gregos. Por meio de:

Uma serie de práticas que são, na sua maioria, exercícios...as técnicas de meditação, as de memorização do passado, as de exame de consciência, as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito [...] (FOUCAULT, 2006, ps. 14-15).

A discussão do cuidado de si, em Foucault (2006), leva em consideração um olhar de si para consigo mesmo, por parte dos indivíduos. Um olhar que é mediado por práticas, exercícios e por meio de uma tomada de consciência de si. Quando lemos as obras do filósofo, percebemos que os gregos e os romanos desenvolveram formas de exercitar a relação para consigo mesmos. Que giravam em torno de práticas diárias¹⁶. Deste modo, o conhecimento de si, a vida direcionada ao seu aperfeiçoamento, ao domínio de si fez parte da cultura ocidental, desde longa data.

Podemos perguntar se no momento contemporâneo há espaço para este tipo de cultura? O próprio Foucault (2006) previu dificuldades, diante deste processo, uma vez que no decorrer da história ocidental – a partir do século V depois de Cristo – vão ocorrendo mudanças, inflexões, no quesito cuidado de si. Ou seja, deixa-se de praticar ações – exercícios – voltados ao domínio de si e que poderiam levar os indivíduos à verdade de si mesmos; e caminha-se na direção do conhecimento de si – via saberes científicos -, e do abandono de si, por meio de uma ascese cristã; situada em concepções como a de que os seres humanos teriam nascido sob o pecado. Sendo, portanto, incapazes de ‘salvarem-se’ por si mesmos. Necessitando, para tanto, seguirem regras advindas de fora. Normas e valores socialmente prescritos.

Independente destas análises, entendemos que é possível apontar para o fato de que há formas de cuidado de si, no presente histórico. Estas formas podem ser feitas por

¹⁶ Contato com a natureza, as cartas direcionadas a um amigo ou mestre e que se referiam aos próprios pensamentos, os cuidados com a alimentação, as atividades físicas e as formas de meditação, o cuidado com o uso dos prazeres.

àqueles que, num primeiro momento, direcionam seu olhar para si mesmos. Levam a si mesmos em consideração.

Num segundo momento, o cuidado de si pode ser feito por àqueles que desenvolvem uma disciplina que leva em conta o cuidado de si. Adotando práticas diárias que os levem a entrar em contato com seu corpo, de forma mais consciente. Com seus pensamentos. Com o ambiente onde vivem.

Num terceiro momento, o cuidado de si pode ser praticado por àqueles que lidam com seus limites, mas sem perderem a esperança e ou a vontade de seguir em frente, adotando modos de vida – estilos de vida -, que, de algum modo, redirecionem suas condutas, para além daquelas aprendidas no passado, por meio dos dispositivos de controle. Tais como os dispositivos materno e do matrimônio, como ocorrera no caso das nossas entrevistadas.

Aliás, o caso das entrevistadas demonstrou, cabalmente, que existiam formas de cuidado de si, que eram efetivadas. Isto porque as mulheres 60+ que fizeram parte da pesquisa confirmaram a existência deste cuidado, por meio de atividades que desenvolviam, no seu dia a dia, para se manterem saudáveis.

Além da prática dos exercícios cognitivos, realizados no Supera, elas, em sua maioria, praticavam atividades físicas, ações relacionadas a musicalização, envolviam-se em atividades religiosas e ou em projetos na comunidade que frequentavam. E ainda procuravam, mesmo estando em casa - por conta da covid 19-, manterem-se em movimento que relacionasse saúde física e mental. Tal qual pôde ser observado no depoimento da entrevistada Edna:

Ah, eu sempre tenho em casa uma palavra cruzada...depois que eu aprendi, no Supera, eu comecei a fazer sudoku (risos). Faço algumas coisas. Também faço trabalhos manuais. Ontem, ainda, à noite comecei a fazer um centro de crochê, eu sempre fiz muito artesanato. Também trabalhei, assim, com máquinas de bordar, máquina industrial...também trabalhava manual, eu até tive uma pequena confecção, na época. Então isso preenche o dia da gente, né? Eu gosto de leitura também, e agora também assistir muito filme...eu participei da oficina do idoso, lá no SESC. Foi bem interessante. Até hoje a gente tem comunicação com as pessoas. O gostoso é que você se relaciona com muitas pessoas, acolhe outras pessoas à sua vida, e isso é muito agradável. Eu gosto muito de viajar também, então sempre que eu tive oportunidade eu aproveitei pra mim fazer viagem, que é uma coisa que eu gosto, também... eu faço pilates e faço uma complementação em casa, também. Diariamente eu levanto, faço aí uns 15, 20 minutos de exercícios, e ao entardecer também, antes de deitar, tomar meu banho, faço uns exercícios em casa também diário (EDNA, 64 anos).

A mesma temática foi percebida na fala da entrevistada Tereza: “Eu faço ginástica e ensaio na igreja, canto na missa no segundo sábado do mês” (Tereza, 68 anos). Esta entrevistada teria aprendido a tocar viola há pouco tempo. Fazia apresentações em shows, em rádios locais, etc. Ademais, ainda não havia se aposentado, permanecendo em sua atividade profissional, como funcionária municipal.

Outra entrevistada demonstrou levar uma vida ativa. Inês, neste sentido, afirmou: “Participo do clube de mães, clube de idosos, e fazia academia, antes desse vírus. Agora faço um pouco no quarto”.

A aluna Marli, por sua vez, nos contou um pouco da sua rotina:

É bem agitada, até com esse vírus. É levantar de manhã, vai pro trabalho. Volta as 11:00, faz o almoço, lava louça, limpa a casa. As vezes volta pro trabalho, pra rua, as vezes fico em casa. Mas a minha vida é bem agitada. Não me arrependo não, porque enquanto eu tenho saúde eu tô correndo. Mas tiro minhas horas também de lazer, vou pra academia, faço acupuntura, faço pilates, faço minhas aulas do Supera, já fiz CEEBJA. O Supera me deu uma visão muito grande da vida. E com isso já estou vivendo de uma forma mais neutra também. Tô respeitando meus horários dentro de uma normalidade maior. Aprendi muito e continuo aprendendo (MARLI, 63 anos).

Se Foucault (2006) afirma que com o advento do cristianismo, e da modernidade, a questão do cuidado de si, ou seja, das práticas de si para consigo são substituídas por uma perspectiva diferente, “uma ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma ‘moderna’ de uma obrigação para com os outros (a coletividade, a classe), seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si [...] moral do não-egoísmo” (FOUCAULT, 2006, ps.17-18); temos, por outro lado, práticas de si para consigo que são feitas, por exemplo, por grupos de mulheres 60+.

Embora não se possa negar que, sob o ponto de vista Foucaultiano (2006), a relação que os indivíduos passam a estabelecer consigo mesmos, no ocidente (a partir dos séculos IV e V d.c.), se embasa mais na perspectiva do conhecer a si mesmo (aspecto cognoscitivo) e na dependência de elementos externos ao indivíduo, que possibilitariam o acesso a verdade dos fenômenos – daí, “na antiguidade o tema da filosofia (como ter acesso a verdade?) e a questão da espiritualidade (quais são as transformações no ser mesmo do sujeito necessárias para ter acesso a verdade?), serem duas questões que jamais estiveram separadas” (FOUCAULT, 2006, ps. 21-22); no contemporâneo podemos

visualizar práticas de si: cognoscitivas, feitas por meio do método SUPERA e ou por meio da leitura de livros; corporais, feitas por meio de práticas como a do PILATES; espirituais, feitas por meio da participação em grupos religiosos; de lazer, feitas por meio de viagens, turismo.

Diante deste contexto, embora Foucault (2006) tenha afirmado que “entramos na idade moderna (em termos de história da verdade) no dia em que admitimos que o que dá acesso a verdade, as condições segundo as quais o sujeito pode ter acesso a verdade, é o conhecimento e tão somente o conhecimento [...] o ‘momento cartesiano’” (FOUCAULT, 2006, p. 22); entendemos que, no contemporâneo, as práticas de cuidado de si encontram-se diante de outro contexto, mas perfazem a construção de identidades como as das mulheres pesquisadas, compondo parte importante de suas vidas.

Vidas atravessadas por ambiguidades, ou seja, pelo fato de serem transpassadas pelo envelhecer, com suas características, tais como: limitações físicas, psíquicas, perda de memória, conforme apontado no depoimento de entrevistadas como Lúcia, que descreveu sua percepção, enquanto mulher com mais de 60 anos, da seguinte forma.

Ser mulher na terceira idade é meio sofrido, porque a gente vai perdendo a memória, e é uma coisa que atrapalha muito. Mais uma coisa que me incomodou muito, mais agora na terceira idade, acho que foi perder a vista, porque aí eu fiquei muito [...] a idade também, né? A gente vai ficando mais lerda, mais devagar, e...mas eu sempre tive muita coragem de enfrentar as coisas e eu não perco o sono por causa disso, por causa daquilo [...] eu durmo bem à noite, mas é [...] o envelhecimento não me incomoda não, de criar rugas. O que me incomoda é a falta da memória que eu tô perdendo (LÚCIA, 77 anos).

Percebemos semelhante perspectiva, sobre esta fase da vida, por parte da entrevistada Edna:

Olha, dizer que é bom, não é, Dóris (risos). Porque a gente começa a ter muitas limitações, tanto físicas quanto emocionais, psíquicas, né? Você começa a ter limitações e você tem que aceitar essas limitações, e na medida do possível tentar superar. Por isso que eu faço Supera, faço oficina, leio, procuro me atualizar, algumas coisas eu consigo, outras não [...] mas a gente vai trabalhando, assim como você vai acompanhando mais a sua saúde, vai observando o que acontece no seu corpo, e as mudanças são muitas, Dóris. E a gente tem que ter uma cabeça boa também pra aceitar isso tudo, porque é a vida, e a vida da gente é assim, então tem que ter uma aceitação também (EDNA, 64 anos).

O olhar sobre si, como alguém com mais de 60 anos, apresentou – no caso das entrevistadas -, percepções sobre as limitações relacionadas a idade. O que foi possível constatar na fala da entrevistada Carmelita.

Não é fácil (risos). Você tem uma energia toda, mas tem restrições. Não sei se é melhor idade (risos). Porque tem todas as consequências da própria idade, você vai desacelerando, vai tomando mais cuidado, vai pensando em quem vai cuidar de você quando ficar mais velha [...] mas eu penso assim, vou viver o hoje da melhor forma possível, o futuro a Deus pertence. E também tem a questão da maturidade, você fica observando aquilo que realmente tem valor pra você. Tenho meus amigos, gosto de sair com eles, gosto de viajar, mas também gosto da minha companhia. Até agora eu tive uma vida que eu não posso reclamar (CARMELITA, 68 anos).

As afirmações das entrevistas, demonstraram que as mulheres, ao mesmo tempo que aceitavam suas limitações; não deixavam que estas as impedissem de adotar práticas voltadas à sua qualidade de vida. Sentimento ambíguo e que trazia à tona o fato de que suas vidas, por um lado, estavam sendo atravessadas pelas consequências físicas do envelhecer; mas, por outro lado, por práticas libertadoras, tais como as que envolviam as viagens, as leituras, o estarem conscientes de si e de sua própria companhia, ou de estarem atentas à companhia dos amigos. Como percebemos nas palavras da entrevistada Silvana.

Ser mulher estando na terceira idade não é uma coisa muito fácil, porque é um momento de conflito. Todo mundo fala que a terceira idade é a melhor idade, mas não é. Aparece muito as limitações nesse período, de memória, mas apesar disso é um momento da vida que você já não tem tantos empecilhos pra fazer aquilo que você quer. Você tem mais liberdade pra ter suas próprias atitudes, você não se preocupa mais tanto com o que os outros pensam a respeito de você e isso é importante, porque sempre foi uma coisa que norteou minha vida, eu nunca me preocupei com o que os outros pensam, sempre acreditei que as pessoas não são feitas de aparências, mas sim daquilo que elas constroem na sua vida (SILVANA, 61 anos).

Questões que demonstraram estar presente, na vida das entrevistadas, sentimentos de liberdade, de ausência de empecilhos, de enfrentamento dos dispositivos sociais. Além disso, mostraram existir, na vida destas mulheres, o uso do tempo direcionado para si, a capacidade de saber fazer escolhas. Tal qual podemos observar a partir da entrevista efetuada com Inês.

Ah, agora na terceira idade está bom. Bem melhor. Apesar de a gente não ter mais 20 anos, dá pra aproveitar agora (risos). Agora eu posso sair, não preciso dar satisfação pra ninguém, só pros filhos (risos). O meu filho mora na frente da minha casa (INÊS, 69 anos).

Estas mulheres, que foram subjetivadas por dispositivos, tais como o materno e o da afetividade, e que dedicaram suas vidas ao cuidado dos outros (filhos, maridos, etc), pareceram encontrar, na fase atual de suas vidas, um espaço para o cuidado de si. O fato de sessenta por cento destas mulheres serem viúvas, e terem seus filhos adultos, pareceu apontar para oportunidades, no sentido de dedicarem-se a si mesmas.

Daí o fato de intercalarem, em suas falas, a consciência diante de suas limitações físicas, com o fato de estarem usufruindo de seu tempo, de si mesmas, de forma positiva – mantendo-se ativas e otimistas. Investindo em sua qualidade de vida. Fato acompanhado de uma percepção de si que se apresentava como nada desprezível. Questão que pôde ser percebida por meio da entrevista feita com Tereza.

Tudo muda, né? (risos). A gente começa a ficar pensando como é que vai ser quando a gente ficar mais velha. A gente fica se perguntando se vai ter alguém pra cuidar da gente. Mas é ter uma vida boa, uma vida normal, como as outras, como sempre foi. Só vai mudar um pouco porque o ritmo começa a diminuir. Mas é a mesma coisa, o coração da gente não muda. O sentimento é o mesmo, tudo é o mesmo. Não muda muita coisa pra pessoa, só vai mudando o ritmo, vai diminuindo. Depois tem que fazer alguma coisa pra trabalhar o cérebro, senão você vai acabar acomodada, e você vai acabar travada. Tem que fazer alguma coisa pra manter o equilíbrio (TEREZA, 68 anos).

Fato importante foi o que se direcionou a visão de futuro destas mulheres, ou seja, ao fato de não se verem como pessoas sem possibilidades. O que demonstrou haver, a existência de uma visão positiva, a respeito deste momento de suas vidas. O que foi externado pelas palavras de Elza, 70 anos, aluna da UNATI (Universidade Aberta a Terceira Idade): “Nossa! Pra mim é a melhor idade (risos). É muito bom! Eu tô amando a terceira idade, gente. Tô gostando muito!”.

Mesmo no caso das mulheres aquelas com mais idade, como o caso da entrevistada Clídia, então com 85 anos - professora aposentada, mãe de muitos filhos -, notamos a existência de uma visão predominantemente positiva, em relação a idade e a vida.

Pra mim ser mulher na terceira idade, como eu já tô sozinha, eu acho assim que a mulher pode se divertir, e as vezes tem que se divertir, mas sempre sabendo o seu lugar. Até em casa com uma música e um cabo de vassoura é um divertimento (risos). Ah, eu continuei o mesmo ritmo. Tem vezes que eu falo pras pessoas que eu acho que a minha certidão tá errada, porque eu acho que eu não tenho essa idade (risos). Porque dizem que fica velho quem quer, então vamos continuar novas (CLÍDIA, 85 anos).

Percebemos a existência, nos discursos destas mulheres, de um entendimento voltado ao cuidado de si. Mediado, por sua vez, por descobertas sobre si. Descobertas que em períodos anteriores, de suas vidas, provavelmente não encontraram espaço para maior exposição. Mulheres com 60+ que, deste modo, adotavam estilos de vida que compunham o que denominamos de envelhecimento ativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi motivada pela experiência vivida com mulheres de sessenta anos ou mais que frequentaram o Curso Supera durante os anos de 2018 a 2020, cujas histórias de vida denotam o envelhecimento ativo como marcador identitário. Neste percurso investigativo, buscamos responder ao seguinte questionamento: Como se dá a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo no SUPERA – Curso de Ginástica para o cérebro – unidade de Francisco Beltrão?

O objetivo geral se constituiu pela prerrogativa de compreender como se processa a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo: o caso do SUPERA unidade de Francisco Beltrão. Desdobrando-se nos objetivos específicos, quais foram: identificar como mulheres com mais de sessenta anos vivem o processo de envelhecimento ativo; descrever memórias que remetam aos processos de subjetivação experimentados por mulheres idosas ao longo de suas histórias de vida; e analisar os modos pelos quais acontecem a produção de gênero feminino inter-relacionada ao envelhecimento entre os sujeitos da pesquisa.

Para tanto, empreendemos um estudo de caso qualitativo, por meio de observação no contexto pesquisado das atividades educativas realizadas no Curso Supera com a turma de 60+, análise dos documentos referentes a metodologia didática deste, entrevistas com dez mulheres participantes das aulas e registros fotográficos fornecidos por elas que evidenciam aspectos importantes para a pesquisa.

A maior parte das entrevistadas eram aposentadas, viúvas e possuíam ensino superior. Tais atributos reforçaram o entendimento de que, esse grupo de mulheres demonstrava indícios de envelhecimento ativo, pois tinham clareza da necessidade dos exercícios cerebrais como uma estratégia para manterem-se saudáveis mentalmente, além de outras atividades que realizavam diariamente, como: cozinhar, caminhar, dançar, participar de grupos sociais e religiosos, estudar, praticar trabalhos artesanais, viajar, etc. O que denotava uma busca constante por maior qualidade de vida.

Portanto, a análise deste caso possibilitou-nos compreender que, a produção subjetiva destas mulheres acontece por meio de processos de envelhecimento ativo propulsores de profundas transformações nos modos pelos quais estabelecem relações consigo mesmas e com as outras pessoas com as quais convivem.

Ao narrar suas memórias em torno dos tempos passados e presentes, as mulheres indicaram a construção de identidades atravessadas pelas contingências históricas, sociais

e culturais, nas quais e pelas quais foram subjetivadas. Nascidas nas décadas de 1940 a 1960, as mulheres que, em 2020 estavam na faixa etária dos 61 aos 85 anos, relataram suas histórias de vida, ativando memórias enquanto práticas de significação, ao mesmo tempo semelhantes e diferenciadas.

As discursividades descritas ao longo desta escrita, indicaram a produção de gênero feminino inter-relacionada ao envelhecimento ativo de duas formas: em práticas de subjetivação marcadas pelo cuidado dos outros, tempos vividos nas infâncias, juventudes e vida adulta nas quais as mulheres dedicaram-se prioritariamente ao trabalho doméstico, cuidado com os filhos e maridos e o lar, evidenciando assumirem uma posição de gênero vigente naquela época pela cultura patriarcal. E, num segundo momento, práticas de subjetivação marcadas pelo cuidado de si, quando uma profunda transformação é perceptível ao priorizarem seus próprios interesses e desejos individuais, possibilidades para um envelhecimento ativo e saudável.

Conforme os estudos feitos e apresentados aqui, a preservação das posições e relações de gênero que colocam em situação desigual homens e mulheres dependem das reiterações forjadas na vida social e cultural. É inegável que as lutas feministas contra as desigualdades de gênero construídas historicamente e que possibilitaram a resistência ao patriarcado foram fundamentais para colocar em xeque essa realidade e corroboraram para a conquista de direitos das mulheres na vida social.

Contudo, afastadas dos grandes centros urbanos e dos movimentos políticos que ocorreram desde a primeira metade do século XX, as mulheres que são sujeitos desta pesquisa, não demonstraram terem sido afetadas por essas pautas, já que reforçaram em suas falas e memórias relatadas uma visão e um sentimento de satisfação com as relações de gênero vivenciadas em seus contextos familiares e sociais. Foi recorrente a ideia de que o domínio masculino era um fator de aceitação e de naturalização das posições assimétricas que situavam homens e mulheres em condições hierárquicas desiguais.

Ao valorizarem as instituições tradicionais – família, religião, matrimônio, escola – as mulheres entrevistadas evidenciaram a produção identitária imersa no padrão moral da cultura patriarcal. O que acaba por regular suas relações afetivas e sexuais na infância, juventude e vida adulta.

Com isso, não estamos afirmando que as mulheres entrevistadas não fossem capazes de criar formas alternativas de resistência ao domínio masculino, mesmo que velada e reservada as micro relações. O que diferencia suas práticas de resistência engendradas no plano minoritário às lutas feministas travadas no plano social majoritário,

refere-se as performances e estratégias criadas para burlar o poder masculino por meio dos dispositivos da amorosidade e maternidade. Assim, sem lançar mão de um enfrentamento direto e explícito, não se conformam completamente ao que parece deixá-las em desvantagem. E garantiam certa estabilidade na vida conjugal e familiar, priorizando as relações afetivas e não conflitivas.

Os marcadores identitários que apareceram como elementos significantes das memórias manifestadas pelas entrevistadas em relação às infâncias indicaram a percepção de um tempo vivido na companhia dos pais, dos irmãos e irmãs, em que o trabalho fazia parte do cotidiano. Diante das carências materiais, a participação das crianças nessas atividades diárias era necessária para garantir o sustento de todos os membros da família, na maioria das vezes numerosas. Por isso, as infâncias vividas pela maioria das mulheres não foram um tempo em que o brincar e a educação escolar pudessem ser priorizadas. As lembranças evidenciaram e atribuíram valor ao convívio com amigos, com os irmãos.

Também quanto ao marcador juventudes, as mulheres relataram memórias marcadas pelo compromisso precoce com as responsabilidades geradas pelo matrimônio e a maternidade. Nesse sentido, podemos dizer que foram tempos em que prevaleceram o cuidado dos outros como dispositivo ético e estético das existências destas mulheres. Tempos em que são reforçadas relações familiares e os afetos que exigiam certo “sacrifício e doação”, resultando por fim numa abnegação e desfavorecimento dos interesses individuais que permitissem a elas investir na suas próprias necessidades e possibilidades de ascensão social, como as carreiras profissionais e os estudos.

Mesmo quando as mulheres, especialmente as mais jovens, dispunham de condições materiais mais favoráveis e puderam seguir uma carreira profissional, as atividades desempenhadas por elas foram na área da docência e da enfermagem, profissões eminentemente femininas por se constituírem a partir de uma concepção de vocação das mulheres portadoras do amor aos outros.

Com base nas narrativas sobre a produção do ser mulher nos dias atuais, foi possível perceber que as participantes da pesquisa demonstraram uma visão positiva das mudanças conquistadas nas relações de gênero pelas próprias mulheres, tanto nos espaços privados quanto nos espaços públicos.

Suas histórias de vida são exemplos dessa superação. Evidências de uma construção contínua das identidades femininas ao longo dos tempos. Ao assumirem o envelhecimento ativo como condição necessária para uma vida mais qualitativa e voltada

as realizações pessoais, as mulheres entrevistadas passam por uma grande transformação identitária na qual o cuidado de si é evidenciado.

Desse modo, ao ingressarem no Curso Supera para dedicarem parte do seu tempo no desenvolvimento das capacidades cognitivas, novas aprendizagens e pertencimento a um grupo de convívio com outras mulheres, as entrevistadas indicam um protagonismo na produção de si, do seu corpo, mente e espírito que fortalecem sua vontade de viver.

Nas interações vividas por meio das aulas no Supera, os exercícios diários permitiam as mulheres o desenvolvimento da memória, atenção, concentração, raciocínio lógico, visão espacial, de modo lúdico e prazeroso. Associada a essas aprendizagens, o compartilhamento de experiências e afetos tornavam propícios os vínculos entre educadora e educandas, alimentando sua autoestima e vontade de viver ativamente os novos tempos em que gozavam de maior autonomia. Fatores que confirmam o cuidado consigo mesma aliado ao envelhecimento ativo, como efeitos da produção das identidades de mulheres com mais de sessenta anos, com quem tive a grande alegria de conviver e experimentar estas práticas de afirmação da vida.

Referências

- ALVARENGA, Luiz Fernando Calage. “Flores de plástico não morrem”? Educação, Saúde e Envelhecimento na perspectiva de Gênero. Dissertação de mestrado (UFRGS), 2006.
- ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.
- BALANDIER, Georges. O dédalo: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARBIERI, Natália Alves. Doença, envelhecimento ativo e fragilidade: discursos e práticas em torno da velhice. Tese de doutorado (USP), 2014.
- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 5ª ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2002
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Estudos Feministas: Florianópolis Vol. 7, Ed. 1 and 2, (1999): 37p.
- COHEN, Rachel. A “ordem discursiva” sobre o envelhecimento ativo: como ser velho e saudável hoje? Dissertação de mestrado (UFRGS), 2016.
- BARBOSA, E.F.; GOMES, M.E.S. A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos. Educativa, fev. 1999.
- DELEUZE, Gilles. Que és um dispositivo? In: Michel Foucault, Filósofo, Barcelona: Gedisa, 1990.
- DE MAUSE, Llouyd. História de La Infância. Madri: Alianza Universidad, 1991.
- ELIAS, Norbert. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FOUCAULT. Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo. Martins Fontes. 2006.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. 16ª Ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 2005.
- FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. Edição standard brasileira das

- obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 1988.
- Guia de Carreira In: <https://www.guiadacarreira.com.br/carreira/o-que-faz-um-educador-social/>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) In: <https://censo2020.ibge.gov.br/>
- IZQUIERDO, Ivan. <https://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf>. Memória: estudos avançados, 1988.
- LAQUEUR, Thomas W. Inventando o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- LICHTENFELS, Patrícia. As relações Sociais e as Funções das mulheres idosas da Vila Fátima na constelação familiar atual. Dissertação de Mestrado (UFRGS), 2007.
- LOESER, Viviane. Educação e envelhecimento: um curso na vida de idosos de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado (UFRGS), 2006)
- LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. Revista Estudos Feministas. Número 04. Agosto/dezembro 2003: 13p.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORÍ, Mary; BASSANEZI, Carla. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.
- Manual Pedagógico Institucional do Método Supera. Disponível em: <https://metodosupera.extranet.com.br/index.php?tela=1366>.
- Método Supera Extranet. Disponível em: <https://metodosupera.extranet.com.br/index.php>
- MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social. In: Estudos de Sociologia. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Departamento de Sociologia, 2003.
- MOREIRA, Herivelto.; CALEFFE, Luiz Gonzaga. metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2 ed.- Rio de Janeiro; Lamparina, 2008.
- OLIVEIRA, Maria Marly. de. Como fazer pesquisa qualitativa. 7ed. revista e atualizada. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS-2005): in:
https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44371/9789899717848_por.pdf?sequence=33&isAllowed=y

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS-2020): in:
<https://www.paho.org/pt/covid19>.

RAGO, Margareth. SEXUALIDADE. Globalização e imaginário sexual (ou ‘Denise está chamando’). O mundo informatizado afeta radicalmente as relações entre mulheres e homens e as práticas sexuais cotidianas. *Jornal da Unicamp*. Março de 2001: 10p.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós graduação. 7ed.-São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SHERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, Conectividades Múltiplas e Novos Temporalidades. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.28, nº1, março 2012, p.395-420.

SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Edvaldo. Metodologia Científica: logica epistemologia e normas. – São Paulo: Atlas, 2003.

SOARES, Luiz Eduardo. A racionalidade do “politicamente correto” ou: Weber errou porque estava certo. In.: SOUZA, Jessé (org.) A atualidade de Max Weber. Brasília: UNB, 2000.

SORIANO, Raul Rojas. Manual de Pesquisa Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

VILIONE, Gabriela Cristina Carneiro. Entre triunfos e desafios: os paradoxos da política de envelhecimento ativo e as possibilidades de materialização frente ao ideário neoliberal. Dissertação de mestrado (UEP – Júlio de Mesquita Filho), 2016

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e método. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. – 1 ed.. – Curitiba: Appris, 2018.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Gênero e Envelhecimento ativo: a produção do ser mulher – um estudo sobre o SUPERA – curso de ginástica para o cérebro unidade de Francisco Beltrão – PR

Pesquisadora: Dóris Helena Voss Jacondino

Orientadora: Sônia Maria Marques Santos

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Endereço: Rua Maringá, nº 1200 – Bairro Vila Nova, Francisco Beltrão – Paraná.

CEP: 85.605-370 – Fone: (46) 3523 – 6868

Endereço eletrônico: dorishelena2009@hotmail.com

Nome do entrevistado: _____.

Endereço: _____.

Fone: () _____ - _____

Este estudo tem o objetivo de:

- Elaborar a dissertação de mestrado da pesquisadora, respondendo ao objeto de pesquisa e a problemática.
- Compreender como se processa a produção subjetiva de mulheres que vivem o envelhecimento ativo: o caso do SUPERA – curso de ginástica para o cérebro- unidade de Francisco Beltrão.
- Promover a interlocução com mulheres idosas que participam do SUPERA de Francisco Beltrão;
- Descrever memórias que remetam aos processos de subjetivação experimentados por mulheres idosas ao longo de suas histórias de vida.
- Analisar os modos pelos quais acontecem a produção de gênero feminino inter-relacionada ao envelhecimento ativo com base nas experiências de vida de mulheres.

Para tanto serão necessários os seguintes procedimentos:

Realizar entrevistas narrativas;

Fazer registro fotográfico (constante no acervo pessoal das entrevistadas e registradas pela pesquisadora).

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, finalidades, benefícios e outras informações relacionados à pesquisa.
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; desde que informe a pesquisadora.
3. Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento, entrar em contato com a pesquisadora ou instituição na qual se realiza o estudo (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE).

Francisco Beltrão, ____ de _____ de 2020.

Nome do sujeito de pesquisa: _____

Assinatura _____

Assinatura da pesquisadora _____

ROTEIRO DE ENTREVISTAS:

1. Breve histórico de vida.
2. O que é ser mulher para você?
3. O que é ser mulher estando com mais de 60 anos?
4. O que é o Supera? Qual a importância do Supera na sua vida?
5. Como você chegou até o Supera?
6. Por que decidiu cursar o Supera?
7. Você percebe que têm mais mulheres do que homens no curso? Por que você acha que isso acontece?
8. Você lembra de alguma mudança pontual na sua vida depois que iniciou o curso?
9. Você lembra de alguma atividade, algum momento que te marcou, que fizemos em sala?